

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**FACULDADE DE MEDICINA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL DE ENSINO NA SAÚDE**

REGINA BRAGA COSTA

**ATENÇÃO ONCOLÓGICA NO ENSINO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM:  
UMA PERSPECTIVA DISCENTE.**

MACEIÓ/AL

2019

REGINA BRAGA COSTA

**ATENÇÃO ONCOLÓGICA NO ENSINO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM:  
UMA PERSPECTIVA DISCENTE.**

Trabalho acadêmico de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Ensino na Saúde como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Célia Alves Rozendo

Linha de Pesquisa: Currículo e processo de ensino-aprendizagem na formação em saúde.

MACEIÓ/AL

2019

**Catlogação na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
Bibliotecário: Marcelino de Carvalho

C837a Costa, Regina Braga.

Atenção oncológica no ensino de graduação em enfermagem : uma perspectiva discente / Regina Braga Costa. – 2019.  
126 f.

Orientadora: Célia Alves Rozendo.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino na Saúde) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Medicina. Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde. Maceió, 2019.

Inclui bibliografias.

Apêndices: f. 99-100.

Anexos: f. 102-126.

1. Oncologia. 2. Educação em enfermagem. 3. Currículo. 4. Competência profissional. I. Título.

CDU: 616-083-006:614.253.4



Universidade Federal de Alagoas - UFAL  
Faculdade de Medicina – FAMED  
Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde - PPES

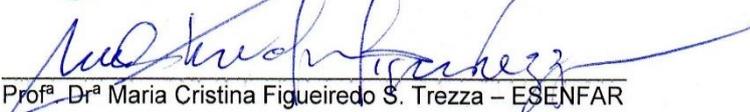
Defesa do Trabalho Acadêmico de Mestrado da aluna **Regina Braga Costa** intitulado: “**Atenção Oncológica no Ensino de Graduação em Enfermagem: uma Perspectiva Discente**”, orientado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Célia Alves Rozendo, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde, da Faculdade de Medicina, da Universidade Federal de Alagoas, em 19 de agosto de 2019.

Os membros da Banca Examinadora consideraram a candidata APROVADA.

Banca Examinadora:

  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Célia Alves Rozendo – ESENFAR/UFAL

  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ângela Maria Moreira Canuto – FAMED/UFAL

  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Cristina Figueiredo S. Trezza – ESENFAR

## AGRADECIMENTOS

Após uma longa jornada, chego ao final deste ciclo com a certeza de que essa tão esperada conquista só foi possível porque tive pessoas especiais ao meu lado que contribuíram, cada uma ao seu modo, para a concretização deste sonho.

Agradeço, primeiramente, à Deus, pela vida, pelas pessoas que fazem parte dela e pela oportunidade de vivenciar esse momento.

Ao meu marido, incentivador e companheiro de todas horas, à minha filha, a mais bela razão do meu viver.

Aos meus familiares e ao meu grupo querido de amigos, pelo apoio e incentivo em todos os momentos, em especial às amigas Suderlande Leão e Tatiana Almeida, por sempre me fortalecerem nos momentos de angústia.

À minha orientadora, Professora Doutora Célia Alves Rozendo, por acreditar nessa proposta de estudo, por me nortear com suas recomendações e importantes contribuições para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos componentes das bancas de qualificação e defesa, professoras Dr<sup>a</sup> Cristina Trezza, Dr<sup>a</sup> Ângela Canuto, Dr<sup>a</sup> Lenilda Australino, agradeço a disponibilidade e as contribuições valorosas para o aperfeiçoamento desta pesquisa.

Aos graduandos de enfermagem pela disponibilidade em participar da pesquisa e pela contribuição com suas ricas discussões.

Aos meus companheiros de turma do mestrado, pela união e companheirismo em todos os momentos.

## RESUMO GERAL

O câncer é considerado um problema de saúde pública no Brasil e no mundo. Atualmente ocupa a segunda causa de morte por doença no Brasil, com estimativas de 600 mil novos casos da doença para cada ano do biênio 2018-2019. Mesmo diante deste cenário epidemiológico, a maioria dos estudos encontrados demonstram que as escolas de enfermagem incorporam conteúdos de oncologia de forma insuficiente em seus currículos. Neste contexto, o objetivo desta pesquisa é analisar o ensino da oncologia no curso de graduação em Enfermagem de uma Universidade Federal do Nordeste sob a perspectiva discente. Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, do tipo descritiva-analítica, com abordagem qualitativa, realizada com graduandos do curso de enfermagem. A produção de informação se deu a partir da realização de um grupo focal com graduandos de enfermagem com a finalidade de conhecer a percepção discente sobre o ensino da oncologia na graduação. Os resultados obtidos a partir do grupo focal foram analisados à luz da análise de conteúdo de Bardin e demonstraram que os graduandos consideram o ensino da oncologia insuficiente na formação do enfermeiro, devido ao pouco tempo destinado aos conteúdos teóricos e atividades práticas em oncologia. Também foi evidenciado nos discursos a existência de uma lacuna das ações de atenção oncológica no âmbito da atenção primária. Na tentativa de evitar um viés analítico, também foi utilizado o Projeto Político Pedagógico (PPP) como fonte de informação na intenção de verificar como a oncologia estava inserida no planejamento do curso. Para exploração documental do PPP foram utilizadas as Diretrizes Nacionais para a Graduação em Enfermagem (DCN) e a obra de Kramer, intitulada “Propostas Pedagógicas ou Curriculares: subsídios para uma leitura crítica”, com foco adaptado para oncologia. Os resultados da análise documental demonstraram que o PPP segue a linha generalista orientada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), onde a oncologia é tratada de forma implícita. Acredita-se que os resultados dessa pesquisa poderão contribuir para despertar sobre a necessidade de abordagem de conteúdos de atenção oncológica na graduação em enfermagem, e servirão de subsídio para uma adequação curricular na intenção de formar enfermeiros com competências profissionais para lidar com a realidade epidemiológica do câncer no país e região de atuação. A partir desta pesquisa foi possível elaborar dois produtos educacionais, sendo um artigo científico para fins de publicação e um relatório técnico que foi entregue ao Colegiado do Curso.

**Palavras-chave:** oncologia, educação em enfermagem, currículo, competência profissional.

## GENERAL ABSTRACT

Cancer is considered a public health problem in Brazil and worldwide. It is currently the second leading cause of death from disease in Brazil, with approximately 600 thousand new cases of disease in each year of the 2018-2019 biennium. Even in the face of this epidemiological scenario, the studies found on this subject show that most nursing schools incorporate oncology content insufficiently into their curriculum. Given this context, this study aims to analyze the teaching of oncology in the Nursing Undergraduate Course of a Federal University of the Northeast of Brazil from the student perspective. This is an exploratory research, descriptive-analytical, with a qualitative approach. The information production was based on the realization of a focal group with nursing undergraduates in order to know the student perception about the teaching of oncology in undergraduate studies. The data obtained from the focal group were analyzed in the light of Bardin's content analysis with the proposition of five analytical categories. The results showed that undergraduates consider the teaching of oncology to be insufficient in nursing education, due to the short time allocated to the theoretical contents and practical activities in oncology. There was also a gap in oncological care actions in primary care. In an attempt to avoid an analytical bias, the Pedagogical Political Project (PPP) was also used as a source of information in order to verify how the oncology was inserted in the course planning. For documentary exploration of the PPP, the National Guidelines for Undergraduate Nursing and Kramer's work were used, which provides subsidies for a critical analysis of pedagogical or curricular proposals, where the focus of the analysis was adapted to oncology. The results of the documentary analysis showed that PPP follows the generalist line guided by the National Curriculum Guidelines, where oncology is implicitly treated. It is believed that the results here found may contribute to arouse the need for approaching oncological care content in undergraduate nursing, and will serve as a basis for curriculum adequacy in the intention to train nurses with professional skills to deal with the epidemiological reality of cancer in the country and region of operation. From this research it was possible to elaborate two educational products, being a scientific article for publication purposes and a technical report that was delivered to the Course Collegiate.

**Keywords:** oncology, nursing education, curriculum, professional competence.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APVP – Anos potenciais de vida perdidos  
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa  
CNS – Conselho Nacional de Saúde  
DCN– Diretrizes Curriculares Nacionais  
DNTs– Doenças Não-Transmissíveis  
EPE – Escola Paulista de Enfermagem  
EENFAR – Escola de Enfermagem e Farmácia  
ESF – Estratégia de Saúde da Família  
EUA – Estados Unidos da América  
FAMED – Faculdade de Medicina  
HU – Hospital Universitário  
IARC – Internacional Agency for Research on Cancer  
IES – Instituições de Ensino Superior  
INCA – Instituto Nacional do Câncer  
MEC – Ministério da Educação  
MPES – Mestrado Profissional de Ensino na Saúde  
MS – Ministério da Saúde  
OMS – Organização Mundial da Saúde  
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação  
PPP – Projeto Político Pedagógico  
PRO-ONCO – Programa de Oncologia  
SUS – Sistema Único de Saúde  
TACC – Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso  
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido  
TI – Transcrição integral  
TS – Transcrição sequencial  
UFAL – Universidade Federal de Alagoas  
UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo  
WHO – World Health Organization

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO GERAL DO TACC</b> .....	10
<b>DISSERTAÇÃO: ATENÇÃO ONCOLÓGICA NO ENSINO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM: UMA PERSPECTIVA DISCENTE</b> .....	12
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	14
1.1 Magnitude do câncer no Brasil e no mundo.....	15
1.2 Movimentos para a estruturação do ensino da oncologia na Graduação em Enfermagem no Brasil.....	17
1.3 Dados relativos ao ensino da oncologia nos cursos de Graduação em Enfermagem no Brasil.....	18
<b>2. OBJETIVOS</b> .....	22
2.1. Objetivo Geral.....	22
2.2. Objetivos Específicos.....	22
<b>3. ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA</b> .....	23
3.1. Documentos como fonte de informação.....	23
3.2. Grupo Focal como método de produção de informação.....	23
3.3. Participantes.....	24
3.4. Ética na Pesquisa.....	25
3.5. Procedimentos.....	25
3.6. Métodos de Análise das Informações.....	26
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	28
4.1. Representação da Oncologia no Projeto Político Pedagógico.....	28
4.2. Caracterização dos participantes e categorias analíticas originadas a partir das discussões do grupo focal.....	32
4.2.1 Categoria 1 – Conteúdos teóricos e atividades práticas em Oncologia.....	32
4.2.2. Categoria 2 – Preparo para lidar com o enfrentamento da pessoa com câncer.....	37
4.2.3. Categoria 3 – Receio de lidar com o paciente oncológico.....	40
4.2.4. Categoria 4 – Estágio curricular e extracurricular versus experiência na atenção oncológica.....	42
4.2.5. Categoria 5 – Ações de atenção oncológica nas unidades básicas de saúde.....	44
<b>4.3. Considerações Finais</b> .....	49
Referências Bibliográficas.....	51

<b>5.</b>	<b>PRODUTO EDUCACIONAL 1: ARTIGO ORIGINAL - ATENÇÃO ONCOLÓGICA NO ENSINO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM: UMA PERSPECTIVA DISCENTE.....</b>	<b>61</b>
<b>5.1.</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>63</b>
<b>5.2.</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>64</b>
<b>5.3.</b>	<b>RESULTADOS.....</b>	<b>65</b>
5.3.1.	Caracterização dos participantes e categorias analíticas originadas a partir das discussões do grupo focal.....	65
5.3.1.1	Categoria 1 – Conteúdos teóricos e atividades práticas em Oncologia.....	66
5.3.1.2.	Categoria 2 – Preparo para lidar com o enfrentamento da pessoa com câncer.....	67
5.3.1.3.	Categoria 3 – Receio de lidar com o paciente oncológico.....	68
5.3.1.4.	Categoria 4 – Estágio curricular e extracurricular versus experiência na atenção oncológica.....	68
5.3.1.5.	Categoria 5 – Ações de atenção oncológica nas unidades básicas de saúde.....	69
<b>5.4.</b>	<b>DISCUSSÃO.....</b>	<b>70</b>
<b>5.5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>75</b>
	Referências Bibliográficas.....	76
<b>6.</b>	<b>PRODUTO EDUCACIONAL 2: RELATÓRIO TÉCNICO DA PESQUISA ATENÇÃO ONCOLÓGICA NO ENSINO DA GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM: UMA PERSPECTIVA DISCENTE.....</b>	<b>81</b>
	<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>83</b>
6.1.	Introdução.....	84
6.2.	Objetivos.....	86
6.3.	Metodologia.....	86
6.4.	Resultados.....	87
6.4.1.	Resultados obtidos da análise do Projeto Político Pedagógico.....	87
6.4.2.	Resultados obtidos a partir das discussões do grupo focal com graduandos de enfermagem.....	88
6.5.	Considerações Finais.....	90
6.6.	Recomendações.....	91
	Referências Bibliográficas.....	93
<b>7.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS DO TRABALHO ACADÊMICO.....</b>	<b>96</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>98</b>
	<b>APÊNDICES.....</b>	<b>108</b>
	APÊNDICE A: Revisão Bibliográfica.....	109
	APÊNDICE B: Roteiro do grupo focal.....	110
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>111</b>
	ANEXO 1: Parecer consubstanciado do CEP.....	112
	ANEXO 2: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	116
	ANEXO 3: Proposta curricular para o ensino da cancerologia.....	120
	ANEXO 4: Síntese da proposta curricular para o ensino da cancerologia.....	134

## APRESENTAÇÃO GERAL DO TACC

Este estudo refere-se ao Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso (TACC) do Programa de Mestrado Profissional em Ensino na Saúde (MPES) da Faculdade de Medicina (FAMED) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), intitulado, “ATENÇÃO ONCOLÓGICA NO ENSINO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM: UMA PERSPECTIVA DISCENTE”, composto por uma dissertação e dois produtos educacionais, sendo um artigo científico e um relatório técnico dos resultados da pesquisa que foi apresentado ao colegiado do curso.

A motivação para este estudo surgiu pela minha vivência como preceptora de graduandos de enfermagem na prática hospitalar. No decorrer de 12 (doze) anos de preceptoria, tenho observado um despreparo dos graduandos de enfermagem no que diz respeito aos conteúdos de oncologia, ações de prevenção e controle do câncer e a assistência de enfermagem ao paciente oncológico. Além disso, quando indagados sobre o ensino da oncologia na graduação, esses graduandos geralmente relatam que obtiveram pouco conteúdo e atividades práticas escassas em oncologia. Tal circunstância provocou inquietações pertinentes a abordagem da oncologia durante a formação acadêmica, considerando que o câncer é um problema de saúde pública no Brasil e a real necessidade de se formar profissionais aptos para atender a essa crescente demanda, desde a atenção básica até a atenção terciária.

O hospital-escola da instituição estudada, reflete a realidade do impacto do câncer no estado, não sendo diferente do restante do país. Um exemplo claro é a taxa de ocupação do setor de Clínica Médica que corresponde a mais de 50% dos seus leitos ocupados por doentes com diagnóstico de câncer em fase de tratamento ou em cuidados paliativos. Tal situação demonstrou a necessidade de um olhar em especial para a demanda da oncologia em nosso estado, resultando na recente criação do setor de Clínica Oncológica dentro da Clínica Médica do hospital.

A partir dessas inquietações, surgiu o questionamento que impulsionou o desenvolvimento da pesquisa: Como os graduandos de enfermagem percebem o ensino da oncologia na formação do enfermeiro para atuar com o cliente oncológico?

Sendo assim, a pesquisa tem o objetivo de analisar o ensino da oncologia no curso de graduação em enfermagem em uma Universidade Federal do Nordeste. Para tanto, foi necessário ouvir os principais sujeitos envolvidos neste processo: os discentes de enfermagem, buscando apreender a percepção deles sobre a temática em questão.

Como subsídio teórico-metodológico, as informações obtidas do grupo focal foram transcritas na íntegra e de forma sequencial e analisadas de acordo com o referencial de Bardin. A análise consistiu em três fases: pré-análise (leitura flutuante, verificação de temas que se repetem, organização do material por semelhanças), exploração do material (determinação das categorias, agrupamento dos temas nas categorias definidas em quadros matriciais e construção da definição de cada categoria), e tratamento dos resultados – inferência e interpretação (busca de sentido por trás do que foi apreendido).

A pesquisa também contou com a análise do Projeto Político Pedagógico do Curso (PPP), utilizando-se como referências norteadoras as Diretrizes Curriculares Nacionais para Graduação em Enfermagem e a obra de Kramer (1997) que traz subsídios para uma leitura crítica de propostas pedagógicas ou curriculares.

Com base nos resultados da pesquisa, foram elaborados dois produtos educacionais, sendo um artigo científico que será submetido a um periódico para fins de publicação e um relatório técnico apresentado ao Colegiado do Curso.

**DISSERTAÇÃO:**  
**ATENÇÃO ONCOLÓGICA NO ENSINO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM:**  
**UMA PERSPECTIVA DISCENTE.**

**RESUMO**

O câncer é considerado um problema de saúde pública no Brasil e no mundo. Atualmente ocupa a segunda causa de morte por doença no Brasil, com estimativas de 600 mil novos casos da doença para cada ano do biênio 2018-2019. Mesmo diante desse cenário epidemiológico, os estudos encontrados sobre essa temática, demonstram que a maioria das escolas de enfermagem incorporam conteúdos de oncologia de forma insuficiente em seus currículos. Diante desse contexto, o objetivo desse estudo foi analisar o ensino da oncologia no Curso de Graduação em Enfermagem de uma Universidade Federal do Nordeste sob a perspectiva discente. Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, do tipo descritiva-analítica, com abordagem qualitativa. A produção de informação se deu a partir da realização de um grupo focal com graduandos de enfermagem com a finalidade de conhecer a percepção discente sobre o ensino da oncologia na graduação. Os dados obtidos a partir do grupo focal foram analisados à luz da análise de conteúdo de Bardin com a proposição de cinco categorias analíticas. Os resultados demonstraram que os graduandos consideram o ensino da oncologia insuficiente na formação do enfermeiro, devido ao pouco tempo destinado aos conteúdos teóricos e atividades práticas em oncologia. Também foi constatada uma lacuna nas ações de atenção oncológica no âmbito da atenção primária. Na tentativa de evitar um viés analítico, também foi utilizado o Projeto Político Pedagógico (PPP) como fonte de informação na intenção de verificar como a oncologia estava inserida no planejamento do curso. Para exploração documental do PPP foram utilizadas as Diretrizes Nacionais para a Graduação em Enfermagem (DCN) e a obra de Kramer que traz subsídios para uma análise crítica de propostas pedagógicas ou curriculares, onde o foco da análise foi adaptado para oncologia. Os resultados da análise documental demonstraram que o PPP segue a linha generalista orientada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), onde a oncologia é tratada de forma implícita. Acredita-se que os resultados dessa pesquisa poderão contribuir para despertar sobre a necessidade de abordagem de conteúdos de atenção oncológica na graduação em enfermagem, e servirão de subsídios para uma adequação curricular na intenção de formar enfermeiros com competências profissionais para lidar com a realidade epidemiológica do câncer no país e região de atuação.

**Palavras-chave:** oncologia, educação em enfermagem, currículo, competência profissional.

## **CANCER CARE IN UNDERGRADUATE NURSING EDUCATION: A STUDENT PERSPECTIVE.**

### **ABSTRACT**

Cancer is considered a public health problem in Brazil and worldwide. It is currently the second leading cause of death from disease in Brazil, with approximately 600 thousand new cases of disease in each year of the 2018-2019 biennium. Even in the face of this epidemiological scenario, the studies found on this subject show that most nursing schools incorporate oncology content insufficiently into their curriculum. Given this context, this study aims to analyze the teaching of oncology in Nursing Undergraduate Course of a Federal University of the Northeast of Brazil under the student perspective. This is an exploratory research, descriptive-analytical, with a qualitative approach. The information production was based on the realization of a focal group with nursing undergraduates in order to know the student perception about the teaching of oncology in undergraduate studies. The data obtained from the focal group were analyzed in the light of Bardin's content analysis with the proposition of five analytical categories. The results showed that undergraduates consider the teaching of oncology to be insufficient in nursing education, due to the short time allocated to the theoretical contents and practical activities in oncology. There was also a gap in oncological care actions in primary care. In an attempt to avoid an analytical bias, the Pedagogical Political Project (PPP) was also used as a source of information in order to verify how the oncology was inserted in the course planning. For documentary exploration of the PPP, the National Guidelines for Undergraduate Nursing and Kramer's work were used, which provides subsidies for a critical analysis of pedagogical or curricular proposals, where the focus of the analysis was adapted to oncology. The results of the documentary analysis showed that PPP follows the generalist line guided by the National Curriculum Guidelines, where oncology is implicitly treated. It is believed that the results here found may contribute to arouse the need for approaching oncological care content in undergraduate nursing, and will serve as a basis for curriculum adequacy in the intention to train nurses with professional skills to deal with the epidemiological reality of cancer in the country and region of operation.

**Keywords:** oncology, nursing education, curriculum, professional competence.

## 1. INTRODUÇÃO

Atualmente, as doenças não transmissíveis (DNTs) passam a ser responsáveis pela maioria das mortes globais e espera-se que em breve o câncer seja a principal causa de morte e considerada a barreira mais importante para aumentar a expectativa de vida em todos os países do mundo no século XXI. Conforme estimativas mundiais, em 2015 o câncer foi a primeira e segunda causa de morte antes dos 70 anos de idade em 91 de 172 países, e ocupa o terceiro ou quarto lugar em outros 22 países (WHO, 2018).

O Brasil vem passando por um fenômeno chamado de transição epidemiológica nas últimas décadas. Esse fenômeno inclui um conjunto de transformações demográficas, sociais e econômicas e está caracterizado por um aumento da morbimortalidade pelas doenças não-transmissíveis, o deslocamento da carga de morbimortalidade da faixa etária mais jovem para a faixa etária idosa e uma situação dominante de morbidade que vem causando grande impacto ao sistema de saúde (INCA, 2019).

Os fatores relacionados a incidência do câncer apontam para uma mudança do perfil de adoecimento da população brasileira, dentre eles, podemos relacionar à uma maior exposição a agentes cancerígenos resultantes das mudanças no estilo de vida em decorrência do processo de industrialização e o aumento da expectativa de vida e o envelhecimento populacional (INCA, 2019).

O padrão de incidência e mortalidade pelo câncer no Brasil apresenta características marcadas pela falta de informação da população e dificuldade de acesso aos serviços especializados, ou seja, a prevenção e promoção de saúde são deficientes, e os diagnósticos são realizados em fase tardia. As ações de controle do câncer não dependem apenas do nível de instrução da população, mas também dos profissionais de saúde que devem estar aptos, principalmente, para prevenir e detectar precocemente o câncer e dar o devido seguimento (GUTIÉRREZ et al, 2009).

O câncer é considerado um dos problemas de saúde pública mais complexos enfrentados pelo sistema de saúde no Brasil devido a sua magnitude nos âmbitos epidemiológico, social e econômico (INCA, 2018). Diante desta gravidade, o governo vem desenvolvendo Programas de Saúde e Planos de Ação para prevenir, diagnosticar, tratar e cuidar das pessoas que adoecem, contudo, essas estratégias de enfrentamento só conseguirão alcançar seus objetivos e metas se os profissionais de saúde assumirem seu papel, em menor ou maior grau, como responsáveis pelo sucesso das ações de controle da doença (INCA, 2019).

### **1.1. Magnitude do câncer no Brasil e no mundo e seu impacto sobre a economia e o sistema de saúde.**

Com base no documento World Cancer Report 2014 da International Agency for Research on Cancer (IARC), da Organização Mundial da Saúde (OMS), é inquestionável que o câncer é um problema de saúde pública, especialmente entre os países em desenvolvimento, onde se espera que, nas próximas décadas, o impacto do câncer na população corresponda a 80% dos mais de 20 milhões de casos novos estimados para 2025 (WHO, 2014).

Conforme o banco de dados do Projeto GLOBOCAN 2018 da Agência Internacional de Pesquisa sobre o Câncer (IARC), que fornece estimativas de incidência e mortalidade por câncer em 185 países, a carga global de câncer é estimada em 18,1 milhões de novos casos no mundo e 9,8 milhões de mortes em 2018. Um em cada cinco homens e uma em cada seis mulheres em todo o mundo desenvolverão câncer durante a vida, e um em cada oito homens e uma em cada 11 mulheres irá à óbito pela doença. Em todo o mundo, o número total de pessoas dentro dos 5 anos após o diagnóstico de câncer é estimado em 43,8 milhões (IARC, 2018). A OMS estima que em 2030, a incidência de câncer será de 27 milhões de casos, com 17 milhões de óbitos e 75 milhões de pessoas vivendo com câncer (WHO, 2014).

As estimativas para o biênio de 2018-2019 no Brasil são de 600 mil novos casos de câncer para cada ano. O cálculo global corrigido para o sub-registro estima 640 mil novos casos. No Nordeste estima-se 117.280 mil novos casos da doença, sendo 5.050 em Alagoas e 1.840 em Maceió (INCA, 2017). O número de casos prevalentes no Brasil dentro de 5 anos após o diagnóstico é estimado em 1.307.120. Os tipos mais prevalentes entre o sexo masculino são o câncer de próstata, colorretal, pulmão, estômago, e bexiga, e para o sexo feminino são o câncer de mama, colorretal, tireóide, colo uterino e pulmão. Sendo que o câncer de próstata e o de mama correspondem a mais de 30% dos novos casos, respectivamente, para homens e mulheres (IARC, 2018).

O câncer é a segunda causa de morte por doença em todos os estados brasileiros, perdendo apenas para as doenças cardiovasculares, com exceção da Bahia, onde o agravo não aparece entre as três principais causas de morte (INCA, 2019).

É constatado o registro do aumento de incidência de cânceres associados ao melhor nível socioeconômico, tais como, mama, próstata, cólon e reto, paralelamente também se observa taxas de incidência elevadas de tumores associados a condições sociais menos favorecidas – colo de útero, estômago, cabeça e pescoço. O número de óbitos por câncer se concentra nas

faixas etárias mais elevadas, refletindo uma redução da mortalidade em idades jovens e adultos jovens, e consequentemente evidenciando o aumento da expectativa de vida (INCA, 2019).

As mortes em faixas etárias jovens apresentam elevado número de anos potenciais de vida perdidos (APVP), este é considerado um indicador de saúde que reflete o número de anos de uma pessoa morta prematuramente e a importância das ações para redução de mortes evitáveis com medidas de prevenção, detecção, diagnóstico e tratamento. Este indicador também permite vislumbrar o impacto econômico e social causado na sua grande parte por mortes prematuras ou evitáveis. A perda de vidas em fase economicamente ativa pode acentuar ainda mais as diferenças socioeconômicas da população (INCA, 2019). O custo dessas mortes no Brasil com relação à perda de produtividade foi de aproximadamente R\$ 15 bilhões, com tendências de crescimento, considerando o desenvolvimento econômico e as mudanças de estilo de vida que resultaram no aumento expressivo de doenças crônicas não transmissíveis, dentre elas, o câncer (CANCELA; ALMEIDA, 2018).

No Brasil, comparando os gastos de 2008 e 2016, observa-se que o investimento do Ministério da Saúde em ações para o controle e tratamento do câncer dobrou, passando de R\$ 1,9 bilhões para R\$ 3,8 bilhões. Para cada 1 real gasto em tratamento para o câncer, apenas 0,05 centavos foram investidos em ações de prevenção e controle do câncer. Em 2016, os gastos com ações de promoção e prevenção em saúde representaram apenas 1,09% dos custos, enquanto os gastos com procedimentos clínicos chegaram a 59,90 %, 31,54% para procedimentos cirúrgicos e 3,51% para procedimentos diagnósticos (CEPAS, 2018).

Para se ter uma ideia, um exemplo claro em relação aos custos com prevenção do câncer de colo uterino no Brasil, enquanto uma biópsia de colo de útero custa R\$ 18,33 para o sistema de saúde, o tratamento quimioterápico tem o custo mínimo de R\$ 1.300,00. Parte considerável dos custos com câncer poderia ser evitada ou reduzida por meio de investimento na prevenção, detecção precoce e promoção à saúde (CEPAS, 2018).

Segundo o Ministério da Saúde, para a organização do cuidado de saúde é necessário pensar e planejar as intervenções nos chamados grupos de risco, e integrar os diversos níveis de atenção (atenção básica, média e alta complexidade), para que desta forma, as ações sejam mais efetivas e as chamadas linhas de cuidado possam ganhar espaço. Essas linhas de cuidado consistem em políticas de saúde matriciais que agregam ações de proteção, promoção, vigilância, prevenção e assistência, direcionadas para as especificidades dos grupos de risco ou para as necessidades individuais, proporcionado conduzir o paciente pelas várias possibilidades de diagnósticos e tratamentos, considerando uma visão geral de suas condições de vida. As linhas de cuidado têm sua importância por oferecer uma referência para prever um conjunto

mínimo de ações e procedimentos necessários para conduzir o paciente e estimar custos, porém não representam um protocolo clínico (INCA, 2019).

## **1.2. Movimentos para a estruturação do ensino da oncologia na Graduação em Enfermagem no Brasil.**

Essa preocupação vem percorrendo algumas décadas, quando os primeiros movimentos de estruturação do ensino da oncologia nos cursos de graduação em Medicina, Odontologia e Enfermagem se iniciaram durante o I Simpósio de Educação em Cancerologia, coordenado pela Divisão Nacional de Doenças Crônico-Degenerativas do Ministério da Saúde (MS) que aconteceu em Brasília/DF no ano de 1987 (GUTIÉRREZ et al, 2009).

Nesse encontro foram elaboradas diretrizes para a inclusão de conteúdos desta especialidade nos currículos dos referidos cursos, no sentido de adequar a formação dos futuros profissionais às necessidades da população e dos serviços de saúde. Como resultado desse encontro, o grupo de estudos que representava a área da enfermagem propôs, entre outras ações, a criação de uma disciplina específica que contemplasse a prevenção, detecção precoce, diagnóstico do câncer, tratamento e reabilitação (GUTIÉRREZ et al, 2009).

No mesmo ano, ocorreu o I Congresso Brasileiro de Enfermagem Oncológica em Florianópolis/SC, no qual a recomendação relativa à educação em Cancerologia na graduação foi a implantação de conteúdos curriculares de Enfermagem Oncológica (GUTIÉRREZ et al, 2009).

Ainda no ano de 1987, foi formalizada pelo Programa de Oncologia do MS (Pro-Onco) uma Comissão Nacional para o Ensino da Cancerologia que se reuniu pela primeira vez para discutir sobre as diretrizes do ensino dessa temática. Esta comissão foi composta por enfermeiros docentes e assistenciais das cinco macrorregiões do Brasil (GUTIÉRREZ et al, 2009).

Os resultados obtidos a partir de reuniões e eventos que aconteceram em 1988 foram determinantes para a estruturação do paradigma e operacionalidade do ensino da oncologia com base nos princípios da transversalidade e interdisciplinaridade, não sendo necessária a existência de uma disciplina específica (GUTIÉRREZ et al, 2009).

Foi defendido que os conteúdos relativos ao câncer perpassassem as disciplinas das matrizes curriculares da época e que, além da integração dos saberes e convergência nos objetivos educacionais, houvessem movimentos que articulassem as instituições formadoras e prestadoras de serviço, como também uma política contínua de atualização dos conhecimentos

e experiências. O documento elaborado por essa comissão foi enviado às Escolas de Enfermagem do país, à Secretaria da Comissão de Especialistas do Ensino de Enfermagem do Ministério da Educação e Cultura e à Associação Brasileira de Enfermagem (GUTIÉRREZ et al, 2009).

O Instituto Nacional do Câncer (INCA) e o Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), em 1990, firmaram um convênio de cooperação técnico-científica para acompanhamento e avaliação contínua das atividades e etapas a serem cumpridas para viabilizar o desenvolvimento dessa proposta. Dentre as iniciativas, se destaca a realização do I e II Seminário Nacional sobre o Ensino da Cancerologia nos Cursos de Graduação em Enfermagem, respectivamente em 1992 e 1995 (GUTIÉRREZ et al, 2009).

Considerando as diferentes realidades existentes nas macrorregiões, foram realizados eventos regionais para adequar o programa de ensino às reais necessidades locais e estaduais, tais como os seminários ocorridos na região sul (Londrina/PR) em 1996 e região sudeste (Rio de Janeiro/RJ), ambos com a organização do INCA e instituições de ensino que sediaram o evento (GUTIÉRREZ et al, 2009).

As investigações na área após 1997 tiveram apenas como objetivo atualizar os dados relativos ao ensino da cancerologia nos cursos de graduação em enfermagem. Os resultados reiteraram diagnósticos anteriores, como ensino restrito a algumas aulas avulsas e experiências práticas esporádicas e a escassez ou falta de conteúdos teóricos e práticos sobre reabilitação e cuidados paliativos. Entretanto, alguns avanços foram identificados, dentre eles, a inclusão de experiências práticas em ações de promoção, prevenção e detecção precoce do câncer e o interesse do docente em participar de cursos de capacitação na área (GUTIÉRREZ et al, 2009).

Em virtude do resultado dessa investigação ter sido divulgado apenas em 2008, houve uma lacuna entre o ano de 1997 e 2008, causando um distanciamento das instituições envolvidas no processo, não havendo continuidade desses movimentos (GUTIÉRREZ et al, 2009).

### **1.3. Dados relativos ao ensino da oncologia nos cursos de Graduação em Enfermagem no Brasil.**

Estudos realizados na década de 80 e 90 por Rodrigues & Queiroz (1988) e Cezareti et al (1991) demonstraram que existe uma grande variação dos conteúdos de oncologia no programa curricular das escolas de enfermagem no Brasil. Portanto, foi constatado que inexistem

um programa básico comum entre as escolas de enfermagem para capacitar o futuro enfermeiro para atuar de forma competente na atenção oncológica.

Gutierrez; Castro; Aguinaga (1993), investigaram dados sobre o ensino da oncologia em 96 escolas de enfermagem do país a partir de um questionário enviado aos diretores dos cursos de graduação em enfermagem. Desse total, 60 escolas de enfermagem responderam ao questionário, 55 delas informaram que ministravam conteúdos de oncologia e 5 informaram não ministrar. Foi verificado que a inclusão dos conteúdos de oncologia ocorre, principalmente, com aulas avulsas ministradas dentro do programa de uma das disciplinas do curso, palestras informais ou ocasionais, que geralmente se concentram na disciplina de Enfermagem Médico-Cirúrgica, enquanto na disciplina de Saúde Pública foi observada pouca relevância. Mais da metade das escolas apresentam os conteúdos de oncologia ministrados de forma “estanque ou isolada” em cada disciplina.

Dando seguimento, Gutierrez et al (1995) realizaram nova pesquisa a fim de complementar os dados da pesquisa anterior e que pudesse contribuir para um delineamento de uma proposta de ensino de oncologia para os cursos de graduação em enfermagem. Após discussão desses resultados no primeiro seminário sobre o “Ensino da Cancerologia nos Cursos de Graduação em Enfermagem”, promovido pela Escola Paulista de Enfermagem, Instituto Nacional do Câncer e Pro-Onco, em 1992, foi elaborada uma proposta para reorientar os programas para a inserção de conteúdos de oncologia.

Estudos posteriores tiveram o objetivo de atualizar dados relativos ao processo de implantação do ensino da oncologia nos cursos de graduação em enfermagem. Porém, os resultados só reafirmaram diagnósticos anteriores, tais como, ensino restrito, aulas avulsas, experiências práticas esporádicas, escassez ou falta de conteúdos relativos à reabilitação e cuidados paliativos (GUTIÉRREZ et al, 2009).

Considerando toda essa problemática do câncer no país e estudos diagnósticos que demonstraram a deficiência do ensino da oncologia na graduação de enfermagem, a Escola Paulista de Enfermagem (EPE/UNIFESP) adotou uma proposta curricular para o ensino da oncologia no curso de graduação de Enfermagem, pautada nos princípios, conhecimentos e desenvolvimento de atitudes e habilidades em oncologia. Esse modelo pretende garantir uma transversalidade do ensino da oncologia com conteúdos distribuídos ao longo do curso em diferentes disciplinas, tendo a preocupação de integrar conteúdos teórico-práticos curriculares com atividades de extensão e pesquisa, na intenção de formar profissionais mais preparados para atuar de forma mais incisiva na prevenção, detecção precoce, tratamento e reabilitação de doentes com câncer (GUTIÉRREZ et al, 2009).

Em conformidade com seu compromisso pela qualidade na formação de profissionais capacitados para o controle do câncer no Brasil, o INCA/MS realizou a publicação de livro-texto voltado para estudantes, profissionais e docentes de enfermagem, intitulado “Ações de Enfermagem para o Controle do Câncer: uma proposta de integração ensino-serviço”, já está na sua terceira edição e propõe uma estruturação e integração ensino-serviço, respondendo às crescentes demandas por subsídios ao ensino na área de enfermagem oncológica no Brasil (INCA, 2008).

Em estudo realizado pelo INCA com enfermeiras assistenciais das cinco regiões do Brasil, principalmente na área da atenção básica, foi verificado que existe carência de qualificação sobre noções básicas de controle e prevenção do câncer, atuação profissional na promoção à saúde e na prevenção de agravos ligados à oncologia, gestão e políticas públicas de atenção ao câncer (INCA, 2012).

Considerando que cerca de um terço dos casos de câncer no mundo poderia ser evitado, O INCA/MS desenvolveu o curso “ABC do Câncer” em 2012, realizado à distância e destinado aos profissionais da saúde de nível superior não especializados em oncologia e aos estudantes de graduação e pós-graduação na área de saúde, com objetivo de capacitar aqueles que atuam na ponta da assistência, consultórios e ambulatorios, os quais possuem maior potencial nas ações de prevenção e detecção precoce da doença. Recentemente foi lançada a quinta edição revisada, atualizada e ampliada (INCA, 2019).

Após esse período, a maioria dos estudos encontrados investigaram como enfermeiros, estudantes ou residentes de enfermagem se sentiam ao prestarem cuidados aos pacientes oncológicos e se concentram no fortalecimento dos currículos de enfermagem para o enfoque no preparo para atenção oncológica.

Vale lembrar que para atender às exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - Lei nº 9.394 de dezembro de 1996, foram elaboradas as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Saúde, dentre eles, o curso de Enfermagem, onde foi aberto espaço para a flexibilização dos currículos para melhor atender ao perfil epidemiológico e social da comunidade (FERNANDES; REBOUÇAS, 2013).

As Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de enfermagem conduzem sua proposta de formação do enfermeiro generalista, porém, que este seja capaz de conhecer e intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico da população brasileira e da sua região de atuação (MEC, 2001).

O PPP tem a função de sistematização, nunca definitiva, de um tipo de ação educativa, a partir de um posicionamento quanto à sua intencionalidade e de uma leitura da realidade.

Sendo assim, quando nos deparamos com o perfil de morbimortalidade pelo câncer, percebemos a necessidade de uma especial atenção e contextualização desta proposta na elaboração do PPP (CALIL, 2010).

Portanto, considerando todo o contexto apresentado, a relevância desse estudo está no fato de poder contribuir com subsídios científicos para uma reestruturação dos conhecimentos que envolvem a formação do enfermeiro para atuar na atenção oncológica, promovendo uma reflexão sobre a temática em questão. Acredita-se ainda, que o estudo possivelmente poderá contribuir para um delineamento de conteúdos de atenção oncológica necessários a formação do enfermeiro. A partir dessas considerações surgiu o questionamento da pesquisa: Como os graduandos de enfermagem percebem o ensino da oncologia na formação do enfermeiro para atuar com o cliente oncológico?

Na intenção de responder essa questão, o estudo tem como objetivo analisar o ensino da oncologia no curso de graduação em Enfermagem de uma Universidade Federal do Nordeste.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. OBJETIVO GERAL**

Analisar o ensino da oncologia no curso de graduação em enfermagem de uma Universidade Federal do Nordeste.

### **2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Verificar como a temática da oncologia está inserida no Projeto Político Pedagógico do curso de Enfermagem;
- Analisar a percepção dos graduandos de enfermagem sobre o ensino teórico-prático de oncologia na graduação e sua formação para atuar na atenção oncológica.

### **3. ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA**

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, do tipo descritiva e analítica, com abordagem qualitativa, realizado em uma Universidade Federal do Nordeste, após aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Os dados foram obtidos a partir da realização de grupo focal com graduandos de enfermagem e por análise do PPP do referido curso.

#### **3.1. Documentos como fonte de informação**

Na tentativa de evitar um viés analítico, além da produção de informação originada a partir do grupo focal, foi verificado também o Projeto Político Pedagógico do curso (PPP) no sentido de buscar informações que representassem o ensino da oncologia na graduação em enfermagem e que pudessem reforçar os resultados qualitativos apreendidos a partir das discussões do grupo focal.

A análise documental consiste num procedimento que envolve a identificação, verificação e apreciação de documentos que possuem relação com o objeto investigado (MOREIRA, 2012). Sua utilização favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros (CELLARD, 2008).

O uso de documentos em pesquisas deve ser apreciado e valorizado, considerando a riqueza de informações que deles podem ser extraídas e resgatadas, possibilitando a ampliação do entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural (SÁ-SILVA et al, 2009).

Em nosso estudo, a coleta documental foi realizada a partir da leitura do PPP do curso de graduação em enfermagem de um Universidade Federal do Nordeste a fim de se extrair informações referentes ao ensino da oncologia. O PPP do curso de Enfermagem analisado foi referente a última atualização do documento e disponível no site acadêmico.

#### **3.2. Grupo Focal como método de produção de informação**

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, foi realizado um grupo focal com os graduandos de enfermagem, no mês de novembro de 2017, em uma sala tranquila e reservada, localizada no hospital escola da referida instituição. Segundo Dall'agnol et al (2012), a

abordagem por meio do grupo focal valoriza a interação entre os participantes e o pesquisador a partir das discussões focadas em tópicos específicos e diretivos, proporcionando a troca de experiências, conceitos e opiniões entre os participantes. Além disso, evidencia o protagonismo dos participantes, conforme dialogam entre si, construindo coletivamente os resultados da pesquisa.

Busanello (2013) define o grupo focal como uma técnica de coleta de dados que se utiliza da interação grupal para a produção de dados que normalmente seriam pouco acessíveis fora do contexto interacional. Essa técnica possibilita a coleta de dados diretamente dos depoimentos de um grupo, a partir dos relatos de experiências e percepções a cerca de um tema de interesse coletivo.

O grupo foi conduzido pela pesquisadora e contou com a colaboração de uma auxiliar que contribuiu com a organização da sala, dos materiais e no registro de observações relevantes. Os participantes receberam todas as informações acerca da pesquisa, dos objetivos e procedimentos do grupo focal. Foi informado a todos os participantes que as discussões seriam gravadas com auxílio de dispositivo de telefone móvel (*smartphone*). Foram reforçados o respeito e o anonimato entre todos, em seguida o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi lido e entregue a cada participante, foram fornecidos esclarecimentos a respeito do documento e solicitada a assinatura do termo.

### **3.3. Participantes**

Foram convidados para participar da pesquisa todos os 14 graduandos de enfermagem do ano de 2017, regularmente matriculados e concluintes da disciplina de Estágio Supervisionado em Hospital Geral e Unidade Básica de Saúde II. Este momento foi escolhido, pois ao final do curso, os graduandos teriam maior capacidade de expressar suas percepções sobre a temática proposta nesta pesquisa.

Contudo, vale ressaltar, que do total de convidados para o grupo focal, contamos com a participação de 10 graduandos que confirmaram presença anteriormente por contato verbal, dois não confirmaram presença e dois expressaram desejo de participar, porém, deixaram a possibilidade de participação em aberto devido a questões de cunho pessoal. Devido ao número de graduandos que aceitaram participar da pesquisa, optou-se por realizar apenas um grupo focal, visto que essas ausências não foram consideradas como prejuízo para a pesquisa.

### **3.4. Ética na Pesquisa**

O grupo focal foi realizado após a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), pelo parecer nº 2.212.631 (anexo 1). O estudo seguiu as Resoluções nº 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (CNS/MS), garantindo o cumprimento dos princípios éticos e legais que regem a pesquisa com seres humanos, que incorpora sob a ótica do indivíduo e das coletividades, referenciais da bioética, tais como, autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, dentre outros, visando assegurar direitos e deveres no que diz respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e do Estado (BRASIL, 2016).

Os sujeitos convidados para participar da pesquisa receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Anexo 2), com linguagem acessível, constando informações sobre o estudo, tais como: justificativa, objetivos, procedimentos que serão utilizados com detalhamento dos métodos, explicitação dos possíveis desconfortos e riscos decorrentes da participação na pesquisas, além dos benefícios esperados e apresentação de providências e cautelas a serem empregadas para evitar e/ou reduzir possíveis condições adversas que possam causar dano, considerando características e contextos do participante da pesquisa. Foi garantida também a plena liberdade ao participante de se recusar a participar ou de retirar o seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. O sigilo e privacidade dos participantes foram preservados durante todas as fases da pesquisa.

### **3.5. Procedimentos**

Para a análise do PPP foram utilizadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para Graduação em Enfermagem (DCN), a obra de Kramer (1997) intitulada “Propostas pedagógicas ou curriculares: subsídios para uma leitura crítica”. Foi realizada uma análise crítica do PPP com a intenção de verificar a existência de elementos que pudessem fundamentar a representação do ensino da oncologia na graduação em Enfermagem.

Tomando como base Kramer (1997), algumas perguntas foram formuladas para responder como se dá a representação da importância do ensino da oncologia no PPP analisado. Dentre elas são: o documento faz menção a um diagnóstico situacional do perfil epidemiológico do país, estado ou município? O câncer aparece nesse diagnóstico? A formação dos profissionais permite pensar o câncer como um problema de saúde pública? O perfil do profissional formado está em consonância com as necessidades epidemiológicas do país ou

região de atuação como expressão das políticas de saúde? As práticas pedagógicas para a implementação da proposta curricular contemplam campo na atenção oncológica?

Já o grupo focal foi realizado com a finalidade de conhecer a percepção dos graduandos de enfermagem sobre o ensino da oncologia na formação do enfermeiro. Os participantes foram identificados com crachá e acomodados à uma mesa grande de reunião onde todos pudessem ver uns aos outros. Inicialmente, os participantes foram recebidos com boas-vindas e agradecimentos, em seguida com uma breve explanação sobre os objetivos da pesquisa e suas possíveis contribuições. Foi garantido o sigilo das discussões do grupo focal e solicitada permissão para gravação e anotações que pudessem enriquecer a pesquisa. Foi enfatizado o caráter voluntário da participação, a importância da fala de cada participante e esclarecido que não existe resposta “certa ou errada”.

Foi solicitado que todos preenchessem uma ficha com informações para caracterização dos participantes, seguido da leitura e assinatura do TCLE. Concluída essa etapa, foi aberto um processo de discussões, onde os participantes tinham a oportunidade de expressar sua opinião ou percepção sobre a temática proposta. Para nortear as discussões foram utilizadas três perguntas provocadoras: Como vocês percebem o ensino da oncologia na sua formação para atuar com a pessoa que tem câncer? Na sua opinião, o curso fornece subsídios para você atuar junto a pessoa que tem câncer? Justifique sua opinião. Como foi a experiência de vocês na atenção básica com relação a oncologia?

### **3.6. Métodos de Análise das Informações**

Como subsídio teórico-metodológico, as informações do grupo focal registradas em áudio, foram transcritas na íntegra e de forma sequencial. Conforme Nascimento, Tavanti e Pereira (2014), a Transcrição Sequencial (TS) é a primeira aproximação com o material que será analisado, com base na escuta e identificação das falas contidas no áudio. A Transcrição Integral (TI) contempla todas as falas presentes no áudio, conservando o discurso original produzido durante o grupo focal. Os participantes foram identificados com a letra “G” de graduando, seguido de numeral, conforme a sequência inicial de participação no grupo.

Diante da leitura atenta das falas, o conteúdo das informações foi analisado de acordo com Bardin (2011). A análise das informações obtidas consistiu em três fases: 1) pré-análise, na qual foi realizada leitura flutuante, verificação de temas que se repetem e organização do material por semelhanças; 2) exploração do material, com determinação das categorias, agrupamento dos temas nas categorias definidas em quadros matriciais e construção da

definição de cada categoria, e 3) tratamento dos resultados – inferência e interpretação, onde se buscou sentido por trás do que foi apreendido, possibilitando encontrar respostas para a questão norteadora da pesquisa.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentaremos os resultados e discussões produzidos a partir da análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) e dos diálogos que emergiram do grupo focal.

### 4.1. Representação da oncologia no Projeto Político Pedagógico do Curso

A análise estrutural do PPP de enfermagem foi inspirada no artigo de Kramer (1997), que discorre sobre orientações para subsidiar uma análise crítica de propostas pedagógicas ou curriculares. As DCN para o curso de graduação em enfermagem também foram utilizadas para subsidiar a análise.

- **O PPC faz menção a um diagnóstico situacional do perfil epidemiológico do país, estado ou município? O câncer aparece nesse diagnóstico?**

Foi verificado na introdução do PPP que para a revisão e atualização do documento foram consideradas como referências principais, a realidade de saúde do país e como o Brasil vem respondendo à essa realidade com suas políticas de saúde. Na justificativa do PPP, os cânceres são mencionados como agravos de altos índices da sociedade mais desenvolvida e considerados na atualização da proposta pedagógica do curso. Não foram encontradas mais informações referentes ao câncer no documento.

“Essas referências, por sua vez, foram adotadas com base numa análise de conjuntura que levou em conta a situação sócio-econômica do Estado de Alagoas e que toma como referência o seu perfil epidemiológico, o estado de desenvolvimento que o SUS alcançou neste espaço social até o momento, os recursos existentes para prestação de assistência à saúde, os mandados sociais da Enfermagem e o compromisso assumido por esta Universidade de contribuir para o desenvolvimento do Estado, através da formação de profissionais preparados para refletir – agir - refletir em direção ao desenvolvimento de Alagoas e do Brasil” (PPP/ENFERMAGEM, 2007). (grifo nosso)

“Ao lado destes indicadores, outros comprovam a coexistência dos agravos da sociedade mais desenvolvida como altos índices de doenças cardiovasculares, cânceres, acidentes de trânsito, sem esquecer os agravos resultantes de violência, tanto urbana como rural” (PPP/ENFERMAGEM, 2007). (grifo nosso)

Apesar das informações encontradas sobre o perfil epidemiológico como norteador da elaboração do PPP, não foi verificada contextualização da magnitude do câncer no Brasil e seu impacto na assistência à saúde, considerando os desafios frente a uma população que adoece e morre por câncer. Tais informações contextualizadas seriam de fundamental importância ao PPP, destacando a problemática deste agravo no país e a relevância de conteúdos relacionados ao câncer na matriz curricular.

Segundo estimativa mundial, o câncer é a segunda principal causa de morte no mundo, sendo responsável por 9,6 milhões de óbitos em 2018, onde aproximadamente 70% desses óbitos ocorrem em países de baixa e média renda (PAHO, 2018).

O câncer tem promessa de permanecer entre as maiores necessidades da população, visto que estudos epidemiológicos continuam apontando uma alta e crescente incidência da doença, com projeções futuras. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que para o ano de 2030 cerca de 23,4 milhões de pessoas no mundo morrerão por câncer (INCA, 2014).

A estimativa para o Brasil, biênio 2018-2019, aponta a ocorrência de cerca de 600 mil casos novos de câncer para cada ano, sendo mais de 117 mil no Nordeste e mais de 5 mil em Alagoas, respectivamente para cada ano. Apesar das estimativas apontarem maior proporção da doença nos países em desenvolvimento, o perfil da magnitude de certos cânceres acompanha o mesmo perfil dos países desenvolvidos (INCA, 2017).

- **A formação dos profissionais permite pensar o câncer como um problema de saúde pública? O perfil do profissional formado está em consonância com as necessidades epidemiológicas do país ou região de atuação como expressão das políticas de saúde?**

O texto deixa claro que o perfil do egresso que se pretende formar está orientado no desenvolvimento de habilidades para reconhecer e intervir sobre as necessidades de saúde da população. Nas especificações das competências é evidenciado o preparo do egresso para as ações de cura, prevenção, promoção e reabilitação da saúde nos diferentes níveis de complexidade do sistema, considerando as especificidades da região e seu perfil epidemiológico, embora não haja menção específica ao câncer.

“Compreende a política de saúde no contexto das políticas sociais, reconhecendo os perfis epidemiológicos das populações” (PPP/ENFERMAGEM, 2007). (grifo nosso)

“Responde às especificidades regionais de saúde mediante intervenções planejadas estrategicamente, em níveis de promoção, prevenção e reabilitação à saúde, dando

atenção integral à saúde dos indivíduos, das famílias e da comunidade” (PPP/ENFERMAGEM, 2007). (grifo nosso)

As DCN orientam o perfil do egresso com formação generalista e que seja capaz de reconhecer e intervir sobre os problemas de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico nacional e com ênfase na região de atuação, identificando as dimensões biopsicossociais de seus determinantes (MEC, 2001).

Refletindo sobre as DCN no que diz respeito à formação do enfermeiro que deve ser orientada pelo perfil epidemiológico nacional, com ênfase na região de atuação, é possível vincular o câncer dentre as doenças mais prevalentes nos âmbitos nacional e regional, apesar de não existir referência a este agravo no documento.

Apesar do curso ter a formação pautada no perfil epidemiológico da população, não se faz menção sobre o preparo do profissional para atuar na atenção oncológica, assim também como não se observa nas DCN. Portanto, cabe uma reflexão acerca de como uma formação generalista poderia atender as demandas prevalentes do perfil epidemiológico regional e nacional sem perder sua essência de generalidade. Tratar de questões específicas e que são relevantes no ponto de vista epidemiológico não exclui o caráter generalista da formação.

Se faz necessário refletir até que ponto a generalidade da formação está alcançando as necessidades específicas de saúde da população. É completamente aceitável que a visão generalista permite olhar de forma mais abrangente a realidade, mas a questão em foco é saber se as especificidades de atendimento da população estão conseguindo ser contempladas pelos profissionais durante e após a formação inicial (GIUSTINA; MOREIRA, 2015).

É importante reconhecer a necessidade de se repensar o que realmente é essencial para uma formação generalista. A generalidade corre o risco de ser fragmentada e abrangente, ao ponto de tratar de forma superficial os temas ou conteúdos teórico-práticos.

Percebe-se um certo receio dos profissionais em atender pacientes com o diagnóstico de câncer, principalmente na atenção básica, e dessa forma, muitas vezes esses pacientes são encaminhados ao seu médico oncologista ou para uma unidade hospitalar desnecessariamente. Cabe lembrar, que o paciente oncológico possui diversas necessidades que não são exclusivas do câncer, e sim, necessidades gerais inerentes a qualquer paciente, que poderiam ser atendidas em qualquer unidade básica de saúde, mas talvez o despreparo profissional aliado ao estigma de complexidade que o câncer carrega, resulta nesse tipo de atitude.

- **As práticas pedagógicas para a implementação da proposta curricular contemplam campo na atenção oncológica?**

A respeito dos aspectos estruturais para viabilização da proposta do curso, podemos citar a utilização de situações-problemas e de relatos de prática com a finalidade de promover o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa. Os cenários de prática diversificados são inseridos no decorrer do curso, com diferentes graus de complexidade, propiciando o desenvolvimento de ações integrais à saúde, na tentativa de se evitar a fragmentação do ensino, porém não é observada nenhuma referência à atenção oncológica no documento.

“Com o propósito de formar o enfermeiro generalista com uma visão crítica e reflexiva da realidade onde está inserido, com competência para exercer a profissão, o Curso de Enfermagem desenvolve atividades práticas de ensino do 1º ao 4º ano, realizando estágio curricular no 5º ano. Nos primeiros quatro anos as práticas são realizadas em instituições públicas da própria IES, do SUS e conveniados, comunidade e organizações da sociedade civil organizada. As ações são desenvolvidas predominantemente nos setores de internação e ambulatorial, envolvendo atividades nas áreas de saúde comunitária, saúde da criança, da mulher, saúde do adulto, idoso, saúde mental. Essas práticas são acompanhadas pelas professoras das disciplinas específicas”(PPP/ENFERMAGEM, 2007). (Grifo nosso)

Apesar do documento analisado não reportar sobre atividades práticas ou conteúdos em oncologia, as metodologias e os cenários de prática propostos pelo PPP são propícios para o desenvolvimento de competências relativas a atenção oncológica nos diferentes níveis de complexidade, principalmente quando se trata das áreas de saúde comunitária, saúde da criança, da mulher, do adulto e do idoso.

Vale salientar que o contato do estudante de enfermagem com a oncologia ocorre principalmente nesses momentos extra sala de aula, tanto na atenção básica quanto na hospitalar, nos quais será possível vivenciar na prática a demanda de cuidados inerentes a este tipo de paciente.

Considerando que a atenção básica representa, quase em sua totalidade, o primeiro contato com os pacientes, e que nem sempre uma pessoa que apresente câncer terá acesso ao acompanhamento com um oncologista se esta situação não for suspeitada pelo médico ou enfermeiro da atenção básica, entende-se que para a melhoria do atendimento prestado à população acometida pelo câncer, é necessário que a enfermagem encontre subsídios dentro da sua formação na graduação (FRAGA et al, 2016).

Em estudo sobre carências e oportunidades no ensino da atenção oncológica, os assuntos identificados como mais urgentes na demanda nacional, foram a necessidade de qualificação da atuação profissional na atenção básica ao paciente oncológico, seguido da atuação ambulatorial e das noções básicas de controle e prevenção ao câncer (THULER et al, 2011).

#### **4.2. Caracterização dos participantes e categorias analíticas originadas a partir das discussões do grupo focal.**

Todos os participantes foram do sexo feminino com faixa etária compreendendo entre 23 e 29 anos, todas já haviam concluído o último período do curso. Uma das participantes tinha formação em Ciências Biológicas (licenciatura) e quatro delas tinham realizado atividades extracurriculares em oncologia. Com relação ao estágio curricular obrigatório, apenas duas realizaram o estágio curricular obrigatório na clínica oncológica.

Diante do que foi apreendido a partir dos discursos dos graduandos de enfermagem no grupo focal e com base no referencial teórico adotado, Bardin (2011), foi possível a elaboração de 5 (cinco) categorias analíticas para interpretação dos dados empíricos:

- 1) Conteúdos teóricos e atividades práticas em oncologia;
- 2) Preparo para lidar com o enfrentamento da pessoa com câncer;
- 3) Receio de lidar com o paciente oncológico;
- 4) Estágio curricular e extracurricular versus experiência na atenção oncológica;
- 5) Ações de atenção oncológica nas unidades básicas de saúde.

##### **4.2.1. Categoria 1 - Conteúdos teóricos e atividades práticas em Oncologia**

Nesta categoria destacamos os principais pontos originados das falas dos graduandos quando questionados sobre como percebem o ensino da oncologia na sua formação profissional. Subdividimos em tópicos para melhor compreensão.

- **Pontual e Fragmentado:**

Podemos identificar que algumas falas possuem consonância no sentido de considerarem que os conteúdos teóricos e as atividades práticas em oncologia são pontuais e fragmentados. Vejamos a seguir os relatos:

“Eu acho que na formação é muito pontual o que a gente vê. A gente vê mais a oncologia na saúde do adulto e do idoso, acho que é só durante um período, e é parte da matéria.” G1

“Eu acho que como G1 falou, também acho que é bem pontual.[...] mas dentro da universidade o que eu vejo é isso, é pouco, é como G1 falou, é dentro de uma matéria, dentro de saúde do adulto e do idoso, que é um mundo e a gente vai pegar um pouquinho da oncologia.” G2

“Eu também acho que é fragmentado.” G5

“[...] você vê um ano de saúde da mulher, que eu acho que é o que a gente se sente mais preparada pra atuar dentro da escola e as outras (disciplinas) são bem fragmentadas, bem mais pequeninhas. A gente passou um ano também vendo saúde e sociedade né, às vezes repetindo muitas coisas e outras disciplinas que a gente poderia ver melhor a parte da oncologia, a gente não vê, a gente passa só uma visita no CACON.” G3

“Então, eu vejo técnica em uma disciplina, eu vejo fármacos em outra disciplina, e na parte de oncologia fica o resto que eu não consigo vivenciar nas outras disciplinas, que é tá próximo desse paciente dentro dos setores que tem oncologia.” G3

Apesar da proposta de ensino abordar conteúdos teórico-práticos de oncologia durante a formação, percebe-se que essa prática ainda é concentrada em determinado momento do curso, de forma que os graduandos a conceituam como pontual. Nos relatos que expressam que o ensino da oncologia é fragmentado, entende-se que não existe uma transversalidade entre esses conteúdos.

Essa realidade se assemelha a realidade de outras Instituições de Ensino, como foi observado em diversos estudos que apresentaremos no decorrer da discussão.

Em se tratando de formação profissional, Rosa et al (2017), verificaram uma lacuna que se inicia na graduação no que diz respeito a capacitação da enfermagem para as demandas oncológicas. Calil (2011); Cruz; Rossato (2015) corroboram que existe uma lacuna de capacitação de profissionais de enfermagem na atenção oncológica que advém da graduação, pois, a maioria dos cursos de graduação em enfermagem não trata com profundidade os temas relacionados à oncologia e enfermagem oncológica, mesmo sendo o câncer um problema expressivo de saúde pública e com estimativas preocupantes.

Luz et al (2016), constataram entre enfermeiros que atuam em unidades hospitalares e ambulatoriais que prestam atendimentos oncológicos, que durante a graduação, os conteúdos e estágios em oncologia foram considerados superficiais.

Dentre as dificuldades citadas em assistir o paciente oncológico, enfermeiros da estratégia de saúde da família, destacaram a falta de capacitação em oncologia como um dos principais motivos (SOUZA et al, 2017).

Enfermeiros que atuam na atenção oncológica no Brasil e em Portugal também elencaram a presença de déficits de formação profissional na área de oncologia como um dos motivos de insatisfação profissional ao assistir pacientes oncológicos (BORDINGNON et al, 2015).

Estudantes de enfermagem do Reino Unido consideram que a triagem para cânceres específicos não foi abordada adequadamente durante o ensino na graduação, além disso, referem que se sentem com déficits de conhecimentos sobre tratamentos para o câncer e seus efeitos colaterais (EDWARDS et al, 2016a). Estudo realizado com enfermeiras zambianas revela que a falta de formação para atenção oncológica colabora para o surgimento de experiências negativas e impossibilita a prestação de cuidados de enfermagem adequados (MAREE; MULONDA, 2017).

Em um outro estudo no Reino Unido, estudantes de enfermagem foram expostos a um novo modelo de educação para o câncer no currículo da graduação. Como resultado, foi observado uma melhoria no conhecimento geral sobre o câncer, sobre o impacto e as consequências de um diagnóstico de câncer, o desenvolvimento de atitudes mais positivas em relação ao tratamento e cuidados aos pacientes oncológicos e uma maior confiança em sua capacidade de apoiar pacientes com câncer em todas as fases da jornada do câncer, desde o diagnóstico até a sobrevivência (EDWARDS et al, 2016b).

- **Insuficiente:**

Também verificamos nas comunicações analisadas que os conteúdos teórico-práticos de oncologia são considerados insuficientes devido ao pouco tempo que é destinado para essas atividades durante a formação, principalmente em relação as atividades práticas.

“A gente teve umas atividades práticas supervisionadas que é dentro da disciplina, mas se não me engano é uma semana só. [...] Eu acho que a teoria não é ruim, é que ela é insuficiente e a prática também.” G2

“É muito pouca a assistência ao paciente oncológico, tanto a teoria é pouca como a prática é muito pouca. Eu acho que acaba sendo pouca pelo tempo.” G3

“Mas pra mim, a parte de oncologia eu acho que a gente perdeu em questão de prática, em questão de botar a mão na massa mesmo. Eu acho que não foi um dos meus melhores campos, com certeza.” G4

“Eu não tive oportunidade de acompanhar um paciente lá dentro, foi só visita mesmo [...]o tempo foi muito curto.” G7

“Eu acho que a disciplina tenta trazer os aspectos gerais da oncologia e algumas particularidades que essa pessoa nessa condição precisa ter. Eu acredito que deixa muito a desejar, principalmente devido ao tempo.” G9

“Eu acho que ficou essa deficiência, mas pelo tempo mesmo, foi pouco tempo pra que a gente pudesse fazer. Então, eu acho que o que faltou bastante foi essa questão de tempo de vivência ali dentro pra gente ter subsídios mesmo pra assumir uma área tão importante.” G8

Achados semelhantes a essa natureza foram encontrados por Cruz; Rossato (2015), onde afirmam que existe uma carência considerável na capacitação de profissionais de enfermagem para atenção oncológica, desde a graduação, visto que a maioria dos cursos de enfermagem não oferece aprofundamento nessa área. King-Okoye; Arber (2014) apontam que as deficiências de conhecimentos relacionados ao processo de adoecimento pelo câncer e modalidades de tratamento foram evidentes em seu estudo com estudantes de enfermagem no Reino Unido e, que essas deficiências podem ter contribuído para causar sentimentos de medo e de estigma do câncer.

Sobre o preparo acadêmico de enfermeiros que atuam em unidades hospitalares oncológicas, foi evidenciado que o conhecimento na área de oncologia foi bastante limitado durante a graduação. Sendo a oncologia uma área específica, na maioria das vezes, os conteúdos relativos à atenção oncológica dentro do currículo generalista são insuficientes (SANTOS et al, 2015).

Rosa et al (2017), em estudo sobre demandas de atendimento e qualificação em oncologia na atenção básica, verificaram carência e/ou insuficiência de formação em oncologia e necessidades de qualificação para o atendimento de adultos, crianças, adolescentes e

sobreviventes com câncer ou com suspeita da doença. Na avaliação, quase 55% dos enfermeiros participantes do estudo considerou os conteúdos teóricos e práticos sobre oncologia na graduação em enfermagem insuficientes, mais de 35% considerou regular e apenas 8% considerou bom.

Lins et al (2018) afirma que o egresso deve estar apto para promover ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, porém, este não se sente preparado para atuar com o paciente oncológico devido a carência de teoria e curto período de estágio na área.

Situação semelhante também é encontrada em países desenvolvidos. Em estudo no Reino Unido, estudantes de enfermagem ao mencionarem sobre o conteúdo do programa de enfermagem, relatam que gostariam de ter mais conhecimentos sobre câncer e as manifestações dos tipos mais comuns de câncer (KING-OKOYE; ARBER, 2014).

Kav et al (2013) dizem que é de se esperar que estudantes de enfermagem encontrem dificuldades ao cuidar de pacientes com câncer devido à falta de conhecimentos e experiência na área de oncologia, porém, Sanford et al (2011) e Kav et al (2013) asseguram que quando estudantes são expostos aos cuidados e interações mais próximas com pacientes oncológicos, principalmente em ambientes menos estressantes, estes, consideram as intervenções potencialmente úteis para o preparo clínico do estudante com evidente melhora na interação estudante-paciente.

Sobre as experiências práticas de estudantes de enfermagem com pacientes oncológicos, Sanford et al (2011) afirmam que, a menos que essas oportunidades sejam oferecidas, os estudantes de enfermagem podem não ter consciência dos muitos aspectos positivos e negativos inerentes ao cuidado de pacientes com câncer em todos os contextos.

- **Sentimento de despreparo / Falta de bagagem**

Percebemos também alguns relatos que demonstram sentimento de despreparo e falta de “bagagem” em oncologia. Nesse contexto, “bagagem” traz a conotação de experiência pessoal, conhecimento adquirido com o tempo.

“[...] eu tinha ficado alocada na clínica médica [...] mas ao chegar lá a gente soube que a clínica médica tava dividida com a clínica oncológica, então a gente ia ficar num andar inteiro e eu senti muito receio no começo, justamente por não ter tido tanta experiência pelo tempo que a disciplina comporta, e aí eu tinha muito receio de como eu ia conseguir assistir, do que eu precisava saber né.” G9

“Eu não me sinto preparada hoje se precisasse agora trabalhar num setor de pacientes oncológicos, eu sinceramente não acho que eu tenho bagagem pra isso.” G7

Achados semelhantes foram encontrados em estudo com enfermeiros que atuam na atenção oncológica, onde foi relatado que durante a formação profissional na graduação, os conteúdos referentes ao cuidado de pacientes oncológicos foram inexistentes ou insuficientes, o que gerou um sentimento de despreparo para a assistência ao paciente com câncer por se considerarem desprovidos de bagagem na área de oncologia (LUZ et al, 2016).

No Brasil, a maioria dos cursos de graduação em enfermagem não aborda a oncologia de forma consistente, mesmo sendo o câncer um problema de saúde pública alarmante e com estimativas futuras preocupantes (ROSA et al, 2017).

Um outro aspecto discutido, é que o déficit de conhecimento e o pouco contato com a oncologia dificulta que os futuros profissionais em formação na graduação possam se identificar com a área, justamente onde há uma carência de atuação (SANFORD et al, 2011; LUZ et al, 2016).

Se faz necessária uma reflexão sobre a inserção de conteúdos de oncologia nos currículos de graduação em enfermagem e que esta informação esteja contextualizada no Projeto Político Pedagógico dos cursos, garantindo, desta forma, uma formação com subsídios para atuar na atenção oncológica em seu aspecto multidimensional, possibilitando preveni-lo e combatê-lo (LUZ et al, 2016).

#### **4.2.2. Categoria 2 – Preparo para lidar com o enfrentamento da pessoa com câncer**

Foi mencionado pelos graduandos que o preparo em oncologia na graduação foi mais direcionado para lidar com o enfrentamento da pessoa com câncer e sua família em detrimento aos conteúdos teóricos e atividades práticas na área.

“[...] então, eu acho que as atividades são mais direcionadas pra essa questão do enfrentamento do que com a parte técnica.” G3

“Acaba que a disciplina dá mais direção ao enfrentamento com a família e com o paciente e com a situação.” (G4)

“Eu concordo com a maioria das opiniões aqui, acho que realmente a gente viu muito essa parte do enfrentamento, de como se portar, de como chegar, de como abordar

essa parte da consulta de enfermagem né, vivenciando toda essa situação difícil na vida do paciente oncológico em específico.” G8

Nesse aspecto, observa-se pelas falas que o ensino da oncologia na graduação parece satisfazer os graduandos no tocante a abordagem sobre como lidar com a situação de enfrentamento da pessoa com câncer e sua família, considerando as questões de finitude da vida.

Em contrapartida, outros estudos demonstram resultados divergentes. Silva et al (2015) apontam dificuldades durante a formação acadêmica devido à falta de preparo para lidar com situações que envolvem a complexidade do ser humano, processo de morte e morrer e influência do modelo curativista. King-Okoye; Arber (2014) reconhecem que estudantes de enfermagem se sentem despreparados para lidar com as fortes emoções apresentadas pelos pacientes com câncer, como choro e raiva. Os estudantes relatam que se sentem amedrontados e preocupados em dizer algo errado para os pacientes.

Outros estudos corroboram com resultados incipientes sobre a abordagem em cuidados paliativos nos currículos de graduação, ocasionando despreparo para lidar com situações de final de vida (COSTA et al, 2016).

Observa-se a importância de se formar profissionais com habilidades para lidar com a subjetividade. Quando o estudante é colocado em situação de oferecer conforto ao paciente no final da vida, ele é forçado a transitar por impressões, sentimentos e transferências que serão impossíveis de simular em sala de aula (COSTA et al, 2016).

É exatamente nesse processo de aprender a lidar com a subjetividade que o estudante poderá extrair o aprendizado para suprir sua formação teórica. Essa vivência permite exercitar atitudes de compaixão, respeito, diálogo e práticas terapêuticas para o controle da dor (COSTA et al, 2016).

Apesar de considerarem que a formação em oncologia é mais direcionada para lidar com o enfrentamento da pessoa com câncer e sua família em detrimento aos conteúdos teóricos e práticos, os graduandos consideram indispensável esse preparo para lidar com aspectos psicoemocionais dos pacientes oncológicos. Vejamos os relatos:

“A gente pode acompanhar e ver o enfrentamento da família, que é isso o que a disciplina traz muito pra gente, esse enfrentamento da pessoa, o sofrimento que a pessoa está vivendo, principalmente quando está em cuidados paliativos, de dá uma atenção devida a esse enfrentamento no momento da vida.” G3

“Eu acho muito importante essa questão da empatia que a gente falou, eu acho que é um dos pontos principais, e eu acho que a gente ganha muito quando a gente trabalha essa questão, mas se a gente ficar só nessa questão, a gente sai do curso sem saber de nada, entendeu!? Eu percebo que muitas vezes a gente bate muito nessa tecla e realmente tem que bater, mas deixa muito o teórico de lado.” G4

“[...] a nossa graduação se volta muito pra essa questão da sensibilização. Você chega lá e vê um paciente absolutamente comprometido que realmente sensibiliza. Você vê situações terríveis e aí a gente volta muito pra essa sensibilização, mas a questão da técnica deixa a desejar e a última coisa que o paciente precisa é só que você se sensibilize, você precisa saber também o que fazer naquelas situações.” G10

Estudantes de enfermagem em um estudo no Reino Unido sugerem que há uma falta de preparação quando se trata de confiança para apoiar o diagnóstico de câncer e más notícias. Reconheceram também o impacto que o câncer tem sobre a pessoa e os membros da família (EDWARDS et al, 2016b).

Nesse mesmo estudo, equipes de enfermagem que trabalham em enfermarias não especializadas relatam a falta de educação e treinamento em relação ao tratamento do câncer e consideram que essa falta de conhecimento pode impedi-los de prestar os cuidados que gostariam de dispensar aos pacientes com câncer e suas famílias (EDWARDS et al, 2016b).

O número de pessoas que vivem com ou além do câncer está aumentando. Cada vez mais enfermeiros encontrarão pessoas vivendo e lidando com câncer como uma condição crônica (WHO, 2015; MACMILLAN CANCER SUPPORT, 2015; EDWARDS et al, 2016b). Desta forma, a graduação precisa fornecer um preparo compatível com as demandas de saúde da população.

Considerando a relevância da temática dos cuidados paliativos na formação profissional e a realidade epidemiológica nacional, entende-se que essa abordagem deva ser processual e transversal durante o curso de graduação (GUIMARÃES et al, 2017).

Os estudantes reconhecem a dificuldade de lidar com a subjetividade do ser, pois é algo que não se pode tornar técnico, mas acreditam que reformulações curriculares nesse sentido são possíveis. A temática de cuidados paliativos deve ser apresentada de forma longitudinal durante todo o curso, cultivando a noção de que a cura e o paliativismo andam de mãos dadas (COSTA et al, 2016).

### 4.2.3. Categoria 3 - Receio de lidar com o paciente oncológico

Foi observado nos discursos um certo receio dos graduandos em lidar com o paciente oncológico devido à falta de afinidade com a área por considerar o paciente oncológico vulnerável e debilitado.

“Eu mesma não gostava de oncologia, senti muito medo de trabalhar com oncologia, porque você já vai na cabeça que é um paciente super vulnerável, a sua responsabilidade aumenta, qualquer procedimento que você vai fazer, você já vai pensando: -poxa, já é um paciente mais vulnerável ainda, se eu errar, já é um trauma maior.” G5

“Eu tenho que me trabalhar para poder trabalhar com paciente de oncologia, é uma coisa que eu tenho dificuldade.” G5

“Eu não me sinto preparada, eu não tenho muita afinidade com a área exatamente por ver que é uma área que precisa muito e que eu acho que não deve ser qualquer profissional, qualquer pessoa que deve chegar ali pra assumir, nenhum local deve ser, mas ali em específico eu acho que precisa alguém muito bem preparado pra tá assumindo, principalmente, como a gente sabe que são pacientes tão vulneráveis.” G8

“[...] eu penso que com paciente oncológico, mais ainda, a gente tem que ser mais assertivo. É um paciente que tá mais debilitado, não dá pra tá treinando com ele, eu penso assim.” G10

“A gente vê muito o paciente oncológico como uma coisa diferente [...] a gente vê de uma forma mística demais [...] mas eu acho que o que prejudica a gente, ou pelo menos pra mim, eu não sei se vocês vão concordar, é o fato da gente vê esse paciente oncológico como diferente de qualquer outro paciente.” G6

Corroborando com esses achados da nossa pesquisa, podemos verificar dois estudos qualitativos realizados no Reino Unido sobre as experiências de estudantes de enfermagem ao cuidar de pessoas com câncer, um deles demonstrou que os estudantes geralmente se sentiam despreparados em como ser empáticos e consideraram difícil lidar com suas próprias emoções e as emoções dos pacientes (KING-OKOYE, ARBER, 2014). No outro, os estudantes relataram que não tinham as habilidades necessárias para se comunicar e apoiar pacientes com câncer (CUNNINGHAM et al, 2017).

Kapucu; Bulut (2019) demonstraram que estudantes de enfermagem geralmente tinham sentimentos negativos quando prestavam cuidados a pacientes oncológicos, como por exemplo, preocupação, pena, tristeza. Sanford et al (2011); Kav et al (2013); King-Okoye, Arber (2014);

Cunningham et al (2017) constataram que estudantes de enfermagem possuem atitudes pessimistas em relação ao câncer e o associam ao sofrimento e à morte.

A literatura aponta que vários estudos mostraram que estudantes de enfermagem têm um medo quase igual de câncer e morte tal qual seus pacientes. Portanto, no ensino da enfermagem, é importante preparar os estudantes de enfermagem sobre como formar relações positivas com os pacientes oncológicos e suas famílias (KAPUCU; BULUT, 2017).

De acordo com estudos realizados na Turquia que buscaram analisar as experiências de estudantes de enfermagem que cuidam de pacientes com câncer, Kapucu; Bulut (2017) verificaram que os estudantes se sentiram afetados negativamente em termos psicológicos, particularmente quando estavam cuidando de pacientes em estágio terminal ou com dores severas. Kav et al (2013) constataram que estudantes de enfermagem tinham medo de ferir fisicamente os pacientes oncológicos.

Sanford et al (2011), em um estudo realizado nos EUA detectaram que estudantes de enfermagem tinham dificuldade em trabalhar com pacientes terminais e falar da doença em sua presença, bem como, sentimentos de inadequação. Além disso, foi enfatizado pelos estudantes a necessidade de mais treinamento para enfrentar seus próprios medos e preconceitos e obter as habilidades necessárias para ter confiança no atendimento a pacientes com câncer.

Cuidar do paciente com câncer requer acolhimento e confiança, estabelecimento de vínculos, ter habilidades para resolver questões que envolvem os pacientes e sua família, porém, na maioria das vezes, os profissionais não têm essa habilidade desenvolvida devido a uma lacuna na formação, inviabilizando a construção de estratégias de enfrentamento (LUZ et al, 2016).

Abordar um paciente com câncer e sua família pode ser um ponto de fragilidade dos profissionais da saúde, visto que estão envolvidos conteúdos significativos no âmbito psicoemocional relacionado à doença oncológica. Nem todos os profissionais se sentem capacitados para trabalhar algumas dessas dimensões psicoemocionais que envolvem o adoecimento crônico, principalmente quando se trata do câncer, que por si só já traz o estigma de sofrimento e finitude antecipada (ROSA et al, 2017).

A formação profissional envolve também o desenvolvimento de habilidades relativas ao manejo de pacientes e seus familiares, no que diz respeito a maneira de enfrentamento do tratamento e sobrevivência ao câncer, conduzindo o profissional a ser capaz de lidar com os

medos, sofrimentos, necessidades biológicas, psicológicas, espirituais e de saúde/doença (LUZ et al, 2016).

O acadêmico e futuro profissional, irá experimentar em alguns momentos, algumas dificuldades que irão aflorar quando os mesmos se depararam com situações de morte na vida acadêmica. É importante considerar o contexto em que esse estudante está inserido para proporcionar um ambiente acolhedor e que motive novas aprendizagens (GUIMARÃES et al, 2017).

Por fim, Edwards et al (2016b), verificaram que a maioria dos estudantes de enfermagem que participaram de seu estudo, achavam importante que soubessem como abordar e conversar com pacientes com câncer, mas também reconheceram que a comunicação não é necessariamente uma habilidade que pode ser ensinada, mas é algo que vem com a experiência, que surge com exposição crescente a pessoas que vivem com câncer.

#### **4.2.4. Categoria 4 - Estágio curricular e extracurricular versus experiência na atenção oncológica.**

Nos relatos, podemos verificar que os graduandos consideram que o estágio curricular supervisionado em Hospital Geral, que acontece no final do curso, não possibilita a aproximação com a oncologia igualmente para todos os graduandos. A carga horária destinada para esse estágio compreende 500 horas e os graduandos são distribuídos pelos setores do hospital que são campos de estágio. Cada graduando cumpre o seu estágio integralmente no mesmo setor.

Vejamos nas falas de graduandos que cumpriram seu estágio em setores não afins com oncologia, que estes se consideram com pouca experiência na assistência a pacientes com câncer.

“Eu ainda tive menos experiência, porque teve umas meninas que ficaram na clínica médica e daí elas puderam ter mais, realmente, essa assistência. Eu fiquei na maternidade, eu não tive essa aproximação.” G1

“No obrigatório da gente eu fiquei na maternidade, no HU por exemplo, eu só tive a experiência que a maioria aqui teve que foram os estágios dentro da matéria de saúde do adulto e idoso, que teve o momento em que a gente ia pro CACON e o momento em que a gente ia pra clínica, pouco tempo é, realmente, eu acho que na universidade as práticas são muito limitadas, infelizmente.” G6

Considerando a necessidade de experiências práticas com pacientes oncológicos, ainda que os graduandos deste estudo considerem que o estágio curricular supervisionado que acontece no último ano do curso não oportunize a aproximação com a oncologia igualmente para todos os graduandos, vale salientar que o objetivo desse estágio não se destina exclusivamente para reparar lacunas específicas do cuidado de enfermagem, que, porventura, tenham ocorrido durante o percurso, e sim, mais além:

“O estágio supervisionado é compreendido como o momento em que o aluno experimenta o processo de ser enfermeiro, ainda sob a supervisão dos docentes do curso. É a etapa em que ele exercita a prática profissional, atuando diretamente nos cenários de prática, participando ativamente do processo de trabalho, aplicando o conjunto de conhecimentos adquiridos ao longo do curso, porém, mais do que isso, exercitando sua capacidade crítica, reflexiva, numa postura que respeita os princípios éticos que sustentam a prática profissional, numa atitude propositiva” (PPP/ENFERMAGEM, 2007).

Os graduandos que realizaram estágio curricular supervisionado na clínica oncológica e/ou estágio extracurricular em oncologia relatam que se sentem mais preparados para prestar assistência ao paciente oncológico, tendo em vista que ao acompanhar um paciente com câncer por um período maior, foi possível o reconhecimento das demandas inerentes aos pacientes oncológicos, além disso, referem também que tiveram mais oportunidades de praticar as técnicas e procedimentos pertinentes à enfermagem.

“[...] quando você está acompanhando aquele paciente, como teve um paciente que a gente chegou lá e ele já estava interno, fomos embora e ele continuou, e você acompanha e vai entendendo as demandas de cada um daqueles pacientes, aí você vê que é muito diferente.” G10

“Então, eu acho isso, eu saí muito mais preparada, mas foi uma situação que nem todo mundo tem a opção, teve a oportunidade de vivenciar, mas se fosse só pelo o que a graduação oportuniza, com certeza eu não me sentiria preparada.” G10

“Eu só pude sentir isso mais, porque eu tive a oportunidade de ficar na clínica oncológica do HU.” G9

“Eu, quando falei que me sentia mais preparada pra atender, pra ficar numa clínica oncológica, foi pela experiência que eu tive extracurricular.” G6

“Em relação aos procedimentos que são gerais, como sonda vesical de alívio e de demora, sonda nasoentérica e nasogástrica, isso é recorrente, lá na clínica a gente faz muito, todo dia tinha alguma coisa desse tipo, mas tem gente que vai terminar a graduação sem nunca ter feito um cateterismo vesical.” G10

Mas não se pode deixar de enfatizar que os enfermeiros irão, em algum momento durante sua vida profissional, encontrar pacientes diagnosticados com câncer. No Reino Unido, equipes de enfermagem que trabalham em setores não especializados relatam a falta de educação e treinamento em relação ao tratamento do câncer e consideram que essa falta de conhecimento pode impedi-los de prestar os cuidados que gostariam de dispensar aos pacientes com câncer e suas famílias (EDWARDS et al, 2016b).

É preciso considerar que pacientes com câncer não são atendidos exclusivamente em centros oncológicos e sim em toda a rede de atenção à saúde. Desta forma, pode-se destacar a urgência na formação de profissionais enfermeiros com competências mínimas para o cuidado do paciente com câncer em busca de alcançar melhores resultados na qualidade de vida dessas pessoas (LUZ et al, 2016).

Em estudo que objetivou identificar a percepção de acadêmicos de enfermagem bolsistas de um projeto de extensão de atenção oncológica na atenção básica, verificou-se que os bolsistas consideraram que o projeto contribuiu para ampliação dos conhecimentos anteriormente apreendidos em oncologia, na obtenção de novos conhecimentos na área e no desenvolvimento de pesquisas (ROSA et al, 2017).

Edwards et al (2016b) defende que a preparação para a prática na graduação forma enfermeiros suficientemente competentes para cuidar e apoiar pessoas afetadas com câncer e que também sejam capazes de reconhecer suas limitações.

#### **4.2.5. Categoria 5 - Ações de atenção oncológica nas unidades básicas de saúde.**

Os graduandos cumprem 500 horas de estágio supervisionado na atenção básica. Nos relatos, observamos que existe uma lacuna na atenção básica no que diz respeito à atenção oncológica. Nas falas, verifica-se o desconhecimento da existência de pacientes oncológicos nas áreas de cobertura da estratégia de saúde da família ou um distanciamento dos profissionais no acompanhamento e no cuidado desses pacientes.

“Eu só soube que ela tinha câncer depois que ela saiu e aí a enfermeira comentou comigo, porque eu achei até estranho, porque durante toda a consulta isso não foi abordado e achei que era importante já que ela tinha sido uma paciente que tinha terminado tratamento e tal.” G4

“Eu só soube também durante uma visita domiciliar porque o agente de saúde veio conversar comigo: - olha, ela não tá muito bem por conta dos efeitos da quimioterapia,

e daí eu fui fazer uma visita a essa moça e ela terminou o tratamento tem uns 15 dias e a abordagem é: não há! Não vou dizer que é ruim, não há! A enfermeira do ESF nem sabia que existia uma paciente na área dela com câncer de colo uterino.” G5

“Na unidade em que eu fiquei como enfermeiranda agora, tem um senhor idoso, já bastante debilitado, que vai periodicamente para trocar o cateterismo vesical de demora e por incrível que pareça, a minha enfermeira não sabia qual o motivo dele usar essa sonda e ir periodicamente trocar, e aí quando ele foi eu perguntei, porque ela não sabia e aí eu falei com ele e com o filho que é quem acompanha, e ele tem câncer de próstata e isso era desconhecido.” G6

“Eu tive uma experiência agora no estágio, uma paciente, ela tava com câncer de garganta, e tinha um ciclo, eu não me lembro se eram quatro doses, não lembro, aí ela não tomou a última e disse que não ia tomar por causa das reações. Na hora eu falei o básico mesmo, é importante você terminar o ciclo [...] e a enfermeira disse: mas Deus quer que você se cure. Não que isso não seja importante, mas assim, como profissional naquele momento, o direcionamento deveria ser outro. Depois desse dia, eu não vi mais preocupação dela de retornar à casa pra saber se ela foi tomar, enfim, se deu continuidade ao tratamento, nada!” G2

Algumas possíveis causas dessa lacuna na atenção oncológica nas unidades básicas de saúde são a falta de preparo durante a formação acadêmica, a falta de afinidade com a área justamente por não terem tido aproximação com oncologia na graduação, dificuldades em lidar com a subjetividade do ser humano frente ao diagnóstico de câncer e finitude da vida, o não desenvolvimento de estratégias de enfrentamento e ausência de educação permanente em oncologia.

Observa-se que o período pós-tratamento do câncer geralmente é negligenciado, mas é necessário compreender que a pessoa com diagnóstico de câncer percorre uma trajetória sofrida que precisa de suporte clínico, social e emocional por um longo tempo.

Há de se considerar que a rede de atenção básica é a principal porta de entrada de pessoas a procura de atendimento às suas necessidades de saúde, incluindo pessoas em tratamento de câncer. Desta forma, o profissional enfermeiro tem a responsabilidade de reconhecer e intervir devidamente nos casos de indivíduos portadores de câncer, necessitando assim, ter conhecimentos básicos de enfermagem oncológica para prestar cuidados apropriados aos pacientes (CRUZ; ROSSATO, 2015).

Pacientes oncológicos em tratamento frequentam unidades de Estratégia de Saúde da Família (ESF) e podem apresentar reações adversas, para tanto, se faz necessário o

conhecimento dessas reações para promover um cuidado adequado desses pacientes, prevenindo complicações decorrentes do tratamento (CRUZ; ROSSATO, 2015).

Atualmente, tratamentos mais eficazes contra o câncer estão prolongando a sobrevivência das pessoas acometidas pela doença. No Reino Unido, espera-se que 50% dos dois milhões de pessoas com câncer vivam 10 anos ou mais (CANCER RESEARCH UK, 2015, MACMILLAN CANCER SUPPORT, 2015). Na Europa e nos EUA, os serviços estão sendo desenvolvidos para permitir que as pessoas que gerenciam a vida ao lado de um diagnóstico de câncer, vivam bem com o câncer (DEPARTMENT OF HEALTH, 2013; McCABE et al, 2013).

Nos países em desenvolvimento, essa sobrevivência é menor. No Brasil, espera-se que 50% dos casos de cânceres tenha sobrevivência de 5 anos (INCA, 2019). Esses pacientes necessitam de suporte antes, durante e após o tratamento. O objetivo é conviver com o câncer tendo qualidade de vida e, nesse sentido, a atuação da atenção básica tem um relevante papel nesse processo.

Vale salientar, que o enfermeiro da ESF tem uma importante posição na equipe por destacar-se como o profissional mais preparado e disponível para apoiar e orientar os pacientes e suas famílias no enfrentamento do processo de doença, tratamento e reabilitação (SOUZA et al, 2017).

Cabe lembrar o importante papel e responsabilidade do enfermeiro da atenção básica no que se refere a prevenção do câncer, promoção da saúde e cumprimento das políticas públicas. Essas ações de prevenção e promoção devem acontecer de forma contínua, rotineira, considerando as características da população atendida e as características individuais das famílias acompanhadas. Porém, o que se verifica nos relatos, são ações de prevenção pontuais, esporádicas ou engessadas.

“Pra mim ficou notório que as mulheres de lá, a maioria que chega lá, só faz a mamografia em outubro, aí eu digo: mas é o ano inteiro, minha gente!...Só trabalham o câncer de mama em outubro.” G5

“E aí, a paciente com câncer de mama só foi importante no dia do outubro rosa, porque convidou a mulher pra ir lá dar uma palestra.” G5

“Só outubro rosa. Mas, talvez porque tenha o mês específico né, talvez se não tivesse, não seria tão enfatizado essa questão do câncer do colo uterino, não sei se em janeiro ou fevereiro é visto dessa mesma forma como a gente vê em outubro.” G3

“Todo dia de citologia, só fazia citologia se escutasse a palestra [...] o tema era sempre “prevenção do câncer de colo de útero”, eu até dei a ideia, acho que poderia mudar, e ela (enfermeira): - não, porque toda semana são mulheres diferentes.” G1

É justamente na prevenção do câncer, detecção precoce e promoção da saúde que se concentra a maior atuação do profissional enfermeiro. A atenção básica geralmente é o primeiro contato do paciente com um profissional da saúde em busca de um acompanhamento de rotina ou de uma solução para o seu problema de saúde, além de ser o local onde as políticas de prevenção e controle de agravos são implementadas (SOUZA et al, 2017).

Reforçando o importante papel da atenção básica na prevenção do câncer, a OMS considera que 40% das mortes por câncer poderiam ser evitadas, reforçando a premissa de que a prevenção é um componente essencial aos planos de controle do câncer, principalmente na adoção de medidas para reduzir a exposição a fatores de risco para a doença (INCA, 2011).

O INCA alerta que as ações de prevenção e controle do câncer necessitam adquirir a mesma intensidade que a atenção dispensada aos serviços assistenciais de tratamento, visto que o expressivo aumento de novos casos trazem a perspectiva de que o sistema de saúde pública não tenha recursos financeiros e humanos para o atendimento das demandas oncológicas do país, situação que poderá contribuir para mortes prematuras e desnecessárias (INCA, 2015).

Refletindo sobre essa perspectiva preocupante, podemos destacar a importância das linhas de cuidado para a prevenção e controle do câncer, onde as ações de prevenção e promoção à saúde devem ser iniciadas prioritariamente na atenção básica, perpassando todos os níveis de atenção à saúde, de forma transversal e dirigidas aos determinantes sociais do processo de saúde-doença, com a finalidade de promover a qualidade de vida, melhorar a saúde da população e controlar as doenças e agravos à saúde (INCA, 2019).

Sobre o ensino em atenção oncológica no Brasil, foi verificado entre enfermeiros assistenciais uma carência de qualificação sobre noções básicas de controle e prevenção do câncer, atuação profissional na promoção à saúde e na prevenção de agravos relativos à oncologia, além de gestão e políticas públicas de atenção ao câncer (INCA, 2012). Portanto, essa carência de qualificação pode estar prejudicando a atuação dos enfermeiros na atenção básica.

Sendo assim, a Atenção Básica é caracterizada como um lugar propício para o desenvolvimento de ações de controle do câncer e para a realização de ações de promoção e prevenção. A Estratégia de Saúde da Família (ESF) deve desempenhar o seu papel enfatizando

o cuidado à família, na construção de vínculos, na longitudinalidade e na integralidade da atenção e na atuação diante dos determinantes de saúde da população (SOUZA et al, 2017).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise documental percebe-se que o PPP segue a orientação generalista estabelecida nas DCN, onde o câncer é tratado de forma implícita, o que reforça os resultados qualitativos apreendidos nas discussões do grupo focal. Mesmo sendo o câncer um relevante problema de saúde pública no país, a oncologia muitas vezes não é contemplada nos currículos generalistas, ou é, mas de forma insuficiente.

O estudo revelou a percepção dos graduandos de enfermagem sobre o ensino da oncologia na formação profissional. Foi possível identificar que o ensino em oncologia na graduação em enfermagem foi considerado pontual, por se concentrar em um determinado momento de uma das disciplinas do curso, e insuficiente, devido ao pouco tempo destinado para os conteúdos teóricos e atividades práticas em oncologia.

Constatou-se uma lacuna no aprendizado dos graduandos de enfermagem relativa à atenção oncológica durante o estágio supervisionado na atenção básica. Essa carência merece ser investigada em estudos futuros com o objetivo de se compreender as razões para essa fragilidade da atenção oncológica no âmbito da atenção básica, pois é justamente na atenção primária que as ações de prevenção e promoção à saúde compõem uma das mais importantes atribuições do enfermeiro.

Podemos afirmar que o cenário do ensino da oncologia encontrado neste estudo não apresentou mudanças com relação aos resultados apresentados em diversos estudos nacionais das últimas três décadas, nos quais demonstraram ensino restrito, caracterizado por aulas avulsas dentro de uma determinada disciplina do curso e experiências práticas escassas.

Desta forma, sugere-se a incorporação de conteúdos teórico-práticos de oncologia de forma mais consistente na matriz curricular, podendo ser utilizada como norteadora a proposta curricular da Comissão Nacional para o Ensino da Cancerologia na Graduação em Enfermagem, versão final de 1992 (Anexo 3), ou a síntese dessa proposta com versão atualizada em 1998 e publicada no livro-texto do INCA, intitulado “Ações de Enfermagem para o Controle do Câncer” de 2002 (Anexo 4).

Além disso, é importante garantir uma transversalidade dos conteúdos de oncologia ao longo do curso e viabilizar a capacitação docente em oncologia utilizando os recursos disponíveis pelo INCA, tais como: cursos à distância, cursos presenciais e publicações destinadas a docentes, estudantes de graduação e profissionais não especializados na área.

Outro aspecto relevante que deve ser considerado é oferecer oportunidades para que estudantes de enfermagem acompanhem e prestem cuidados a pacientes com câncer, inserindo atividades práticas em oncologia durante o curso, evitando que expectativas de preencher lacunas do cuidado oncológico sejam depositadas no estágio curricular supervisionado. Esse maior contato com pacientes oncológicos também poderá contribuir para a superação de barreiras relativas ao medo e estigma associados ao câncer e ao paciente oncológico.

Os conteúdos e atividades que tratam do enfrentamento do paciente com câncer devem ser mantidos na matriz curricular, visto que esse aspecto foi considerado relevante pelos graduandos de enfermagem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BORDINGNON, M. et al. Oncology nursing professionals job satisfaction and dissatisfaction in Brazil and Portugal. **Texto Contexto Enfermagem**, v. 24, n.4, p. 925-933, 2015.

Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/tce/v24n4/pt\\_0104-0707-tce-201500004650014.pdf](http://www.scielo.br/pdf/tce/v24n4/pt_0104-0707-tce-201500004650014.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNS/CES nº 3 de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, seção 1, p. 37, nov. 2001. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução nº 510 de 7 de abril de 2016. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, v. 98, p.44-46, mai. 2016. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

BUSANELLO, J. et al. Grupo focal como técnica de coleta de dados. **Cogitare Enfermagem**, v. 18, n.2, p. 358-64, 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/32586/20702>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

CALIL, A. M.; PRADO, C. Ensino da oncologia na formação do enfermeiro. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n. 4, p. 671-4, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672010000400026&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672010000400026&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 20 mar. 2017.

CANCELA, M.C.; ALMEIDA, L.M. Impacto econômico da mortalidade prematura por câncer nos Brics. **Rede Câncer**, 4. ed, 2018. Disponível em: <

[https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document/rrc-40-artigo-impacto-economico-da-mortalidade-prematura-por-cancer-nos-brics\\_0.pdf](https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document/rrc-40-artigo-impacto-economico-da-mortalidade-prematura-por-cancer-nos-brics_0.pdf)>. Acesso em 10 jul. 2019.

CANCER RESEARCH UK. **Worldwide Cancer**. London, 2015. Disponível em: <<https://www.cancerresearchuk.org/health-professional/cancer-statistics/worldwide-cancer>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CEPAS, T. Gastos Federais em Oncologia. **Observatório de Oncologia**, 2018. Disponível em: <<https://observatoriodeoncologia.com.br/gastos-federais-em-oncologia/>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

CEZARETI, I. N. R. et al. Estudo sobre o ensino da oncologia nas escolas de enfermagem da Grande São Paulo. **Acta Paulista**, v.4, n.1, p.5-10, 1991.

COSTA, A. P.; POLES, K.; SILVA, A. E. Formação em Cuidados Paliativos: experiência de alunos de medicina e enfermagem. **Interface**, v. 20, n. 59, p. 1041-52, 2016. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/icse/v20n59/1807-5762-icse-1807-576220150774.pdf>>. Acesso em: 29 já n. 2019.

CRUZ, F. S.; ROSSATO, L. G. Cuidados com o paciente oncológico em tratamento quimioterápico: o conhecimento dos enfermeiros da estratégia saúde da família. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 61, n.4, p. 335-341, 2015. Disponível em: < [http://www1.inca.gov.br/rbc/n\\_61/v04/pdf/04-artigo-cuidados-com-o-paciente-oncologico-em-tratamento-quimioterapico-o-conhecimento-dos-enfermeiros-da-estrategia-saude-da-familia.pdf](http://www1.inca.gov.br/rbc/n_61/v04/pdf/04-artigo-cuidados-com-o-paciente-oncologico-em-tratamento-quimioterapico-o-conhecimento-dos-enfermeiros-da-estrategia-saude-da-familia.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2019.

CUNNINGHAM, S. et al. An exploration into Preregistration Student Nurses Experiences of Caring for Cancer Patients – Ten years on. **5th Annual Worldwide Nursing Conference (WNC 2017)**, p. 26-31, 2017. Disponível em: < [http://dl4.globalstf.org/wp-content/uploads/wpsc/downloadables/WNC\\_Proceedings\\_Paper\\_5.pdf](http://dl4.globalstf.org/wp-content/uploads/wpsc/downloadables/WNC_Proceedings_Paper_5.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2019.

DALL'AGNOL, C.M. et al. A noção da tarefa nos grupos focais. **Revista Gaúcha de Enfermagem** [publicação virtual], v.33, n.1, p. 186-190, 2012. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/13302/17016>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

DEPARTMENT OF HEALTH. **Quality of life of cancer survivors in England. London, 2013.** Disponível em:< [https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment\\_data/file/213317/NCSS\\_PROMs\\_text\\_analysis\\_report\\_Final\\_Report\\_040213.pdf](https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/213317/NCSS_PROMs_text_analysis_report_Final_Report_040213.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2019.

EDWARDS, D.; ANSTEY, S.; HOPKINSON, J. An innovation in curriculum content and delivery of cancer education within undergraduate nurse training in the UK. What impact does this have on the knowledge, attitudes and confidence in delivering cancer care? **European Journal of Oncology Nursing**, v. 21, p. 8-16, 2016. Disponível em: < <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S146238891530051X?token=45516AC1FDC253B761476868112677FDE18F21F1CBEB4FF8BD624ACCAB855249DDB2DFB9376039B1710EB1FEF24B132>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

EDWARDS, D. et al. What is important for student nurses to know about cancer treatment and care: a qualitative study of student nurses' and stakeholder perspectives. **Journal of Clinical Nursing**, v. 26, p. 2045-2054, 2016. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/jocn.13616>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

FERNANDES, J. D.; REBOUÇAS, L. C. Uma década de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Graduação em Enfermagem: avanços e desafios. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, p. 95-101, 2013. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/reben/v66nspe/v66nspea13.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2018.

FRAGA, F. V.; SANTANA, B. B.; FELIX, P. T. O. A importância do ensino da oncologia no curso de graduação em enfermagem. **Revista Saberes – Especial SPC**, v. 1, n. 3, 2016.

Disponível em: <<https://www.faculdadeages.com.br/uniages/wp-content/uploads/2016/05/revista-saberes-ano-3.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

GIUSTINA, K. P. D. **A formação em oncologia e a atuação profissional dos enfermeiros – um estudo com egressos de uma Universidade do Sul Catarinense**. 2015. 146 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, SC, 2015.

GUIMARÃES, T. M. et al. Cuidado Paliativo em oncologia pediátrica na formação do enfermeiro. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 38, n.1, p.1-9, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rgeenf/v38n1/0102-6933-rgeenf-1983-144720170165409.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

GUTIERREZ, M.G.R.; CASTRO, R.A.P.; AGUINAGA, S. O ensino da cancerologia nos cursos de graduação em enfermagem: por que e para quê? **Revista Brasileira de Cancerologia**, v.39. n.1, p. 11-20, 1993.

GUTIERREZ, M.G.R. et al. Estudo complementar sobre o ensino da cancerologia nos cursos de graduação em enfermagem. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v.41. n.3, p. 189-195, 1995.

GUTIÉRREZ, M.G.R. et al. O ensino da Cancerologia na enfermagem no Brasil e a contribuição da Escola Paulista de Enfermagem - Universidade Federal de São Paulo. **Texto Contexto Enferm**, v.18, n. 4, p. 705-12, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n4/12.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. **Ações de Enfermagem para o Controle do Câncer: uma proposta de integração ensino-serviço**. 2.ed. Rio de Janeiro: INCA, 2002.

Disponível em: <

[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acoes\\_enfermagem\\_controle\\_cancer.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acoes_enfermagem_controle_cancer.pdf)>. Acesso em: 08 out. 2017.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. **Ações de Enfermagem para o Controle do Câncer: uma proposta de integração ensino-serviço**. 3.ed. Rio de Janeiro: INCA, 2008.

Disponível em: <

[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acoes\\_enfermagem\\_controle\\_cancer.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acoes_enfermagem_controle_cancer.pdf)>. Acesso em: 08 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **ABC do Câncer: abordagens básicas para o controle do câncer**. INCA: Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <

[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/inca/abc\\_do\\_cancer\\_2ed.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/inca/abc_do_cancer_2ed.pdf)>. Acesso em: 08 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Ensino em Atenção Oncológica no Brasil: carências e oportunidades**. Rio de Janeiro: INCA, 2012. Disponível em: <

[http://www.inca.gov.br/rbc/n\\_57/v04/pdf/02\\_artigo\\_ensino\\_atencao\\_oncologica\\_brasil\\_carencia\\_oportunidades.pdf](http://www.inca.gov.br/rbc/n_57/v04/pdf/02_artigo_ensino_atencao_oncologica_brasil_carencia_oportunidades.pdf)>. Acesso em: 08 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Estimativa 2014: incidência de câncer no Brasil**. INCA: Rio de Janeiro, 2014.

Disponível em: < [http://www1.inca.gov.br/rbc/n\\_60/v01/pdf/11-resenha-estimativa-2014-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf](http://www1.inca.gov.br/rbc/n_60/v01/pdf/11-resenha-estimativa-2014-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf)>. Acesso em: 08 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Estimativa 2016: incidência de câncer no Brasil**. INCA: Rio de Janeiro, 2015.

Disponível em: < <https://www.inca.gov.br/campanhas/dia-nacional-de-combate-ao-cancer/2015/estimativa-2016-incidencia-de-cancer-no-brasil>>. Acesso em: 08 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Estimativas 2018: Incidência de Câncer no Brasil**. INCA: Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <[http://www1.inca.gov.br/rbc/n\\_64/v01/pdf/15-resenha-estimativa-2018-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf](http://www1.inca.gov.br/rbc/n_64/v01/pdf/15-resenha-estimativa-2018-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf)>. Acesso em: 11 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. **ABC do câncer: abordagens básicas para o controle do câncer**. INCA: Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/abc-do-cancer-abordagens-basicas-para-o-controle-do-cancer>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

INTERNATIONAL AGENCY FOR RESEARCH ON CANCER (IARC). World Health Organization (WHO). **Latest global cancer data: cancer burden rises to 18.1 million new cases and 9,6 million cancer deaths in 2018**. Geneva: WHO, 2018. Disponível em: <<https://www.who.int/cancer/PRGlobocanFinal.pdf>>. Acesso em 18 de maio de 2019.

KAPUCU, S.; BULUT, H.D. Nursing students' perspectives on assisting cancer patients. **Asia-Pacific Journal of Oncology Nursing**, v. 5, n. 1., 2018. Disponível em: <[http://www.apjon.org/temp/AsiaPacJOncolNurs5199-8341459\\_231014.pdf](http://www.apjon.org/temp/AsiaPacJOncolNurs5199-8341459_231014.pdf)>. Acesso em: 11 fev. 2019.

KING-OKOYE, M.; ARBER, A. 'It stays with me': the experiences of second and third-year students nurses when caring patients with câncer. **Eur. J. Care**, v. 23, p. 441-449, 2014. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/ecc.12139>> Acesso em: 10 de maio de 2019.

KRAMER, S. Propostas pedagógicas ou curriculares: subsídios para uma leitura crítica. **Educ. Soc.**, v.18, n.60, p.15-35, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v18n60/v18n60a1.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2017.

KAV, S. et al. Nursing students' perceptions towards cancer and caring for cancer patients in Turkey. **Nurse Education in Practice**, n. 13, p. 4-10, 2013. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1471595312001059?via%3Dihub>>. Acesso em: 11 fev. 2019.

LINS, F. G.; SOUZA, S. R. Formação dos enfermeiros para o cuidado em oncologia. **Revol**, Recife, v.12, n.1, p. 66-74, 2018. ISSN 1981-8963. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/22652/25858>>.

Acesso em: 29 jan. 2019.

LUZ, K. R. et al. Enfermeiros na atenção oncológica: conhecimento na prática do cuidado.

**Revol**, Recife, v. 10, n. 9, 2016. ISSN 1981-8963. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/11418/13204>>.

Acesso em: 29 jan. 2019.

MACMILLAN CANCER SUPORT. **Two million reasons**. London, 2015. Disponível

em:<<https://www.macmillan.org.uk/>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

McCABE, M.S. et al. American Society of Clinical Oncology Statement: Achieving high-

quality cancer survivorship care. **Jour. Clin. Oncol**, v.31, n.5, p.631-640, 2013. Disponível

em: <<https://ascopubs.org/doi/pdf/10.1200/JCO.2012.46.6854>>. Acesso em: 11 fev. 2019.

MAREE, J. E.; MULONDA, J. K. Caring for patients with advanced breast cancer: the experiences of zambian nurses. **Asia-Pacific Journal of Oncology Nursing**, v. 4, n.1, p. 23-

28, 2017. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/28217726>>. Acesso em:

11 fev. 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem**. MEC, 2001. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análises de Situação em Saúde. **Saúde Brasil 2013: uma análise da situação de saúde e das doenças transmissíveis relacionadas à pobreza**. 384 p., 2014. Disponível em:

<[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/.../saude\\_brasil\\_2013\\_analise\\_situacao\\_saude.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/.../saude_brasil_2013_analise_situacao_saude.pdf)>. Acesso

em: 28 out. 2019.

NASCIMENTO, V.L.V.; TAVANTI, R.M.; PEREIRA, C.C.Q. O uso de mapas dialógicos como recurso analítico em científicas em pesquisa. In: SPINK, M.J.P. et al. (Org). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas** [publicação virtual]. Rio de Janeiro: Centro Eldestein, 2014, p. 229-246. Disponível em: <[http://www.bvce.org.br/DownloadArquivo.asp?Arquivo=SPINK\\_A\\_producao\\_de\\_informacao.pdf](http://www.bvce.org.br/DownloadArquivo.asp?Arquivo=SPINK_A_producao_de_informacao.pdf)>. Acesso em: 03 mai. 2019.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). Organização Mundial da Saúde (OMS). **Folha Informativa – Câncer**, setembro de 2018. Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5588:folha-informativa-cancer&Itemid=1094](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5588:folha-informativa-cancer&Itemid=1094)>. Acesso em: 5 jul. 2019.

RODRIGUES, C.; QUEIROZ, I. A situação atual do ensino de enfermagem oncológica nos cursos de graduação em enfermagem do Brasil. **Revista Paulista de Enfermagem**, v. 8, n.1, p. 23-5, 1988.

ROSA, L. M. et al. Demandas de atendimento de enfermagem e de qualificação em oncologia na atenção básica. **Cogitare Enfermagem**, Florianópolis, v. 22, n.4, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/51607/pdf>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

SANTANA, F. R. et al. Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em enfermagem: uma visão dialética. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 7. n. 3. p. 295-302, 2005. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/904/1102>>. Acesso em: 16 out. 2017.

SÁ-SILVA, J.R.; ALMEIDA, C.D.; GUINANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, n.1, p. 1-15, 2009. Disponível em: < <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/6/pdf>>. Acesso em: 16 out. 2017.

SANFORD, J. et al. “I see my mother’s face”: student nurse experiences caring for cancer patients. **European Journal of Oncology Nursing**, v. 15, p. 46-52, 2011. Disponível em: <[https://www.ejoncologynursing.com/article/S1462-3889\(10\)00091-8/fulltext](https://www.ejoncologynursing.com/article/S1462-3889(10)00091-8/fulltext)>. Acesso em: 02 fev. 2019.

SANTOS, F. C. et al. O enfermeiro que atua em unidades hospitalares oncológicas: perfil e capacitação profissional. **Enfermería Global**, n. 38, abr. 2015. ISSN 1695-6141. Disponível em: <[http://scielo.isciii.es/pdf/eg/v14n38/pt\\_revision3.pdf](http://scielo.isciii.es/pdf/eg/v14n38/pt_revision3.pdf)>. Acesso em: 11 jan. 2019.

SILVA, J.T. da. et al. Prática profissional de enfermeiras que cuidam de pacientes com câncer em hospitais gerais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 65, n. 3, p. 460-5, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-7167201200030001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-7167201200030001)>. Acesso em: 06 nov. 2018.

SILVA, M. M. et al. Formação em cuidados paliativos: experiência de alunos de medicina e enfermagem. **Escola Anna Nery**, v. 19, n. 3, p. 460-466, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452015000300460](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452015000300460)>. Acesso em: 08 mar. 2019.

SOUZA, G. R. M.; CAZOLA, L. H. O.; OLIVEIRA, S. M. V. L. Atuação dos enfermeiros da estratégia saúde da família na atenção oncológica. **Escola Anna Nery**, v. 21, n. 4, 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/ean/v21n4/pt\\_1414-8145-ean-2177-9465-EAN-2016-0380.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ean/v21n4/pt_1414-8145-ean-2177-9465-EAN-2016-0380.pdf)> Acesso em: 08 mar. 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World Cancer Report 2014**. Lyon: IARC, 2014. Disponível em: <<http://publications.iarc.fr/Non-Series-Publications/World-Cancer-Reports/World-Cancer-Report-2014>> Acesso em: 02 mai. 2019.

THULLER, L.C.S.; BERGMANN, A.; FERREIRA, S.C. Ensino em atenção oncológica no Brasil: carências e oportunidades. **Revista Brasileira de Cancerologia**, Rio de Janeiro, v.57, n.4, p. 467-472, 2011. Disponível em:

<[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/ensino\\_atencao\\_oncologica\\_brasil.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/ensino_atencao_oncologica_brasil.pdf)>. Acesso em: 18 out. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL). Escola de Enfermagem e Farmácia.

**Projeto Político Pedagógico do Curso de Enfermagem**, 2007. Disponível em:

<[http://www.ufal.edu.br/unidadeacademica/esenfar/pt-](http://www.ufal.edu.br/unidadeacademica/esenfar/pt-br/graduacao/enfermagem/documentos/ppc-enfermagem.pdf)

[br/graduacao/enfermagem/documentos/ppc-enfermagem.pdf](http://www.ufal.edu.br/unidadeacademica/esenfar/pt-br/graduacao/enfermagem/documentos/ppc-enfermagem.pdf)>. Acesso em: 08 out. 2018.

## **5. PRODUTO EDUCACIONAL 1: ARTIGO ORIGINAL**

### **ATENÇÃO ONCOLÓGICA NO ENSINO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM: UMA PERSPECTIVA DISCENTE.**

#### **Resumo**

O câncer é considerado um problema de saúde pública no Brasil e no mundo. Atualmente ocupa a segunda causa de morte por doença no Brasil, com estimativas de 600 mil novos casos da doença para cada ano do biênio 2018-2019. Mesmo diante desse cenário epidemiológico, os estudos encontrados sobre essa temática, demonstram que as escolas de enfermagem incorporam conteúdos de oncologia de forma insuficiente em seus currículos. Esse estudo teve como objetivo analisar o ensino da oncologia no Curso de Graduação em Enfermagem de uma Universidade Federal do Nordeste sob a perspectiva discente. Foi realizado um grupo focal com 10 graduandos de enfermagem, buscando apreender a percepção discente sobre a temática em questão. Para a análise e interpretação dos dados obtidos no grupo focal foi utilizado o referencial da análise de conteúdo de Bardin com a proposição de cinco categorias analíticas. Os resultados demonstraram que os graduandos de enfermagem consideram o ensino da oncologia na formação profissional insuficiente devido ao pouco tempo destinado aos conteúdos teóricos e atividades práticas em oncologia. Também foi observada uma fragilidade das ações de atenção oncológica no âmbito da atenção primária. Acredita-se que os resultados dessa pesquisa poderão contribuir para despertar sobre a necessidade de abordagem de conteúdos de atenção oncológica na graduação em enfermagem, e servirão de subsídios para uma adequação curricular na intenção de formar enfermeiros com competências profissionais para lidar com a realidade epidemiológica do câncer no país e região de atuação.

**Palavras-chave:** oncologia, educação em enfermagem, currículo, competência profissional.

## **CANCER CARE IN UNDERGRADUATE NURSING EDUCATION: A STUDENT PERSPECTIVE**

### **Abstract**

Cancer is considered a public health problem in Brazil and worldwide. It is currently the second leading cause of death from disease in Brazil, with approximately 600 thousand new cases of disease in each year of the 2018-2019 biennium. Even in the face of this epidemiological scenario, the studies found on this subject show that most nursing schools incorporate oncology content insufficiently into their curriculum. This study aims to analyze the teaching of oncology in the Nursing Undergraduate Course of a Federal University of the Northeast of Brazil from the student perspective. A focal group with 10 undergraduate nursing students was conducted, seeking to apprehend the student's perception of the theme in question. For the analysis and interpretation of the data obtained in the focal group, the Bardin content analysis framework and the proposition of five analytical categories were utilized. The results showed that nursing undergraduates consider the teaching of oncology in vocational training insufficient due to the limited time devoted to theoretical contents and practical activities in oncology. There was also a weakness of oncological care actions in primary healthcare. It is believed that the results of this research may contribute to arouse the need for approaching oncological care content in undergraduate nursing, and will serve as a basis for curriculum adequacy in the intention to train nurses with professional skills to deal with the epidemiological reality of cancer in the country and region of operation.

**Keywords:** oncology, nursing education, curriculum, professional competence.

## 5.1. INTRODUÇÃO

Conforme o banco de dados do Projeto GLOBOCAN 2018 da Agência Internacional de Pesquisa sobre o Câncer (IARC), que fornece estimativas de incidência e mortalidade por câncer em 185 países, a carga global de câncer é estimada em 18,1 milhões de novos casos no mundo e 9,8 milhões de mortes em 2018. Um em cada cinco homens e uma em cada seis mulheres em todo o mundo desenvolverão câncer durante a vida, e um em cada oito homens e uma em cada 11 mulheres irá à óbito pela doença. Em todo o mundo, o número total de pessoas dentro dos 5 anos após o diagnóstico de câncer é estimado em 43,8 milhões (IARC, 2018).

As estimativas para o biênio de 2018-2019 no Brasil são de 600 mil novos casos de câncer para cada ano. No Nordeste estima-se mais de 117 mil novos casos da doença, dentre estes, mais de 5 mil só em Alagoas (INCA, 2017). O câncer é a segunda causa de morte por doença em todos os estados brasileiros, perdendo apenas para as doenças cardiovasculares, com exceção da Bahia, onde o agravo não aparece entre as três principais causas de morte (INCA, 2019).

Os fatores relacionados a incidência do câncer apontam para uma mudança do perfil de adoecimento da população brasileira nas últimas três décadas, dentre eles, podemos relacionar à uma maior exposição a agentes cancerígenos resultantes das mudanças no estilo de vida em decorrência do processo de industrialização e o aumento da expectativa de vida e o envelhecimento populacional (INCA, 2019).

No Brasil, comparando os gastos de 2008 e 2016, observa-se que o investimento do Ministério da Saúde em ações para o controle e tratamento do câncer dobrou, passando de R\$ 1,9 bilhões para R\$ 3,8 bilhões. Para cada 1 real gasto em tratamento para o câncer, apenas 0,05 centavos foram investidos em ações de prevenção e controle do câncer (CEPAS, 2018).

Neste sentido, a preocupação com o ensino da oncologia nos cursos da saúde vem percorrendo algumas décadas, quando os primeiros movimentos de estruturação do ensino da oncologia nos cursos de graduação em Medicina, Odontologia e Enfermagem se iniciaram durante o I Simpósio de Educação em Cancerologia em 1987 (GUTIÉRREZ et al, 2009). Em ocasião da reunião da Comissão Nacional para o Ensino da Oncologia nos Cursos de Graduação em Enfermagem que aconteceu em 1988, com base nos resultados obtidos sobre o levantamento da situação do ensino da oncologia nesses cursos, resultou na elaboração de uma proposta de ensino e implementação de estratégias para a implantação dessa proposta nos cursos de enfermagem, na tentativa de adequar o ensino à realidade epidemiológica do Brasil (INCA, 2002)

As investigações na área após 1997 reafirmaram diagnósticos anteriores, como ensino restrito a algumas aulas avulsas e experiências práticas esporádicas e a escassez ou falta de conteúdos teóricos e práticos sobre reabilitação e cuidados paliativos. Em virtude do resultado dessa investigação ter sido divulgado apenas em 2008, houve uma lacuna entre o ano de 1997 e 2008, causando um distanciamento entre as instituições envolvidas no processo, não havendo continuidade desses movimentos (GUTIÉRREZ et al, 2009).

Considerando o perfil epidemiológico brasileiro e que as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Enfermagem orientam que a formação do enfermeiro seja generalista, mas capaz de reconhecer e intervir sobre os problemas de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico brasileiro, é fundamental que as Instituições de Ensino repensem suas estratégias e prioridades para a formação de novos profissionais que prestarão assistência a uma população que cresce rapidamente e que cada vez mais irá buscar os serviços de saúde para o atendimento de suas necessidades. Para tal, é imprescindível uma reflexão acerca da formação inicial do enfermeiro (CALIL, 2010).

Acredita-se ainda, que os resultados do estudo poderão contribuir para uma adequação curricular no sentido de formar profissionais mais capacitados para atender as necessidades epidemiológicas do país e região de atuação. Dessa forma, o estudo tem como objetivo analisar o ensino da oncologia no curso de graduação em Enfermagem em uma Universidade Federal do Nordeste.

## **5.2. METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, do tipo descritiva-analítica, com abordagem qualitativa, realizada em uma Universidade Federal do Nordeste, após aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob o parecer nº 2.212.631. A coleta de dados aconteceu em novembro de 2017 com a realização de um grupo focal com graduandos de enfermagem, regularmente matriculados e concluintes da disciplina referente ao Estágio Supervisionado. Foram convidados para participar do grupo todos os 14 graduandos do ano de 2017. Esse momento foi escolhido, pois ao final do curso, os graduandos teriam maior capacidade de responder sobre a temática em questão. Contudo, vale ressaltar, que contamos com a participação de 10 graduandos que confirmaram presença anteriormente por contato verbal.

Devido ao número de graduandos que aceitaram participar da pesquisa, optou-se por realizar apenas um grupo focal. A transcrição do áudio do grupo focal foi realizada na íntegra

e os participantes foram identificados com a letra “G” de graduandos seguido de numeral, conforme a sequência inicial de participação no grupo. As disciplinas citadas nas discussões foram identificadas com as letras do alfabeto para evitar qualquer possibilidade de identificação dos docentes ou da instituição.

Como subsídio teórico-metodológico, as informações produzidas pelas discussões do grupo focal foram transcritas na íntegra e de forma sequencial e analisadas de acordo com Bardin (2011). A análise das informações obtidas consistiu em três fases: 1) pré-análise, na qual foi realizada leitura flutuante, verificação de temas que se repetem e organização do material por semelhanças; 2) exploração do material, com determinação das categorias, agrupamento dos temas nas categorias definidas em quadros matriciais e construção da definição de cada categoria, e 3) tratamento dos resultados – inferência e interpretação, onde se buscou sentido por trás do que foi apreendido, possibilitando encontrar respostas para a questão norteadora da pesquisa.

### **5.3. RESULTADOS**

#### **5.3.1. Caracterização dos participantes e categorias analíticas originadas das discussões do grupo focal.**

Todos os participantes foram do sexo feminino entre a faixa etária de 23 a 29 anos e já haviam concluído o último período do curso. Uma das participantes tinha formação em Ciências Biológicas (licenciatura) e quatro delas tinham realizado atividades extracurriculares em oncologia. Com relação ao estágio curricular obrigatório, apenas duas realizaram o estágio curricular obrigatório na clínica oncológica.

Diante do que foi apreendido a partir dos discursos dos graduandos de enfermagem no grupo focal e com base no referencial teórico adotado, Bardin (2011), foi possível a elaboração de 5 (cinco) categorias analíticas para interpretação dos dados empíricos:

- 1) Conteúdos teóricos e atividades práticas em oncologia;
- 2) Preparo para lidar com o enfrentamento da pessoa com câncer;
- 3) Receio de lidar com o paciente oncológico;
- 4) Estágio curricular e extracurricular versus experiência na atenção oncológica;
- 5) Ações de atenção oncológica nas unidades básicas de saúde.

### 5.3.1.1. Categoria 1 – Conteúdos teóricos e atividades práticas em Oncologia

Nesta categoria destacamos os principais pontos originados das falas dos graduandos quando questionados sobre como percebem o ensino da oncologia na sua formação profissional.

- **Pontual e Fragmentado:**

Podemos identificar que algumas falas possuem consonância no sentido de considerarem que os conteúdos teóricos e as atividades práticas em oncologia são pontuais e fragmentados durante a graduação.

“Eu acho que na formação é muito pontual o que a gente vê. A gente vê mais a oncologia na Disciplina A, acho que é só durante um período, e é parte da matéria.”  
G1

“[...]também acho que é bem pontual [...]. é dentro de uma matéria, dentro da Disciplina A, que é um mundo e a gente vai pegar um pouquinho da oncologia.” G2

Apesar da proposta de ensino abordar conteúdos teórico-práticos de oncologia durante a formação, percebe-se que essa prática ainda é concentrada em determinado momento do curso como parte de uma disciplina, de forma que os graduandos a conceituam como pontual. Nos relatos que expressam que o ensino da oncologia é fragmentado, entende-se que não existe uma transversalidade entre esses conteúdos, conforme o que foi expressado na seguinte fala:

“Então, eu vejo técnica em uma disciplina, eu vejo fármacos em outra disciplina, e na parte de oncologia fica o resto que eu não consigo vivenciar nas outras disciplinas, que é tá próximo desse paciente dentro dos setores que tem oncologia.”  
G3

- **Insuficiente:**

Também verificamos nas comunicações analisadas que os conteúdos teórico-práticos de oncologia são considerados insuficientes devido ao tempo que é destinado para essas atividades durante a formação, principalmente em relação as atividades práticas.

“Eu acho que a teoria não é ruim, é que ela é insuficiente e a prática também.” G2

“É muito pouca a assistência ao paciente oncológico, tanto a teoria é pouca como a prática é muito pouca. Eu acho que acaba sendo pouca pelo tempo.” G3

“Eu não tive oportunidade de acompanhar um paciente lá dentro, foi só visita mesmo [...] o tempo foi muito curto.” G7

“Eu acho que a disciplina tenta trazer os aspectos gerais da oncologia e algumas particularidades que essa pessoa nessa condição precisa ter. Eu acredito que deixa muito a desejar, principalmente devido ao tempo.” G9

- **Sentimento de Despreparo / Falta de Bagagem:**

Percebemos também alguns relatos que demonstram sentimento de despreparo e falta de “bagagem” em oncologia em resposta à insuficiência de conteúdos teórico-práticos de oncologia.

[...] eu senti muito receio no começo, justamente por não ter tido tanta experiência pelo tempo que a disciplina comporta, e aí eu tinha muito receio de como eu ia conseguir assistir, do que eu precisava saber né.” G9

“Eu não me sinto preparada hoje se precisasse agora trabalhar num setor de pacientes oncológicos, eu sinceramente não acho que eu tenho bagagem pra isso.” G7

### 5.3.1.2. Categoria 2 – Preparo para lidar com o enfrentamento da pessoa com câncer

Foi mencionado pelos graduandos que o preparo em oncologia na graduação foi mais direcionado para lidar com o enfrentamento da pessoa com câncer e sua família em detrimento aos conteúdos teóricos e atividades práticas na área.

[...] então, eu acho que as atividades são mais direcionadas pra essa questão do enfrentamento do que com a parte técnica.” G3

“Acaba que a disciplina dá mais direção ao enfrentamento com a família e com o paciente e com a situação”. (G4)

[...] a nossa graduação se volta muito pra essa questão da sensibilização [...] mas a questão da técnica deixa a desejar e a última coisa que o paciente precisa é só que você se sensibilize, você precisa saber também o que fazer naquelas situações.” G10

Apesar de considerarem que a formação em oncologia é mais direcionada para lidar com o enfrentamento da pessoa com câncer e sua família em detrimento aos conteúdos teóricos e práticos, os graduandos consideram indispensável esse preparo para lidar com aspectos psicoemocionais dos pacientes oncológicos. Vejamos os relatos:

“A gente pode acompanhar e ver o enfrentamento da família, que é isso o que a disciplina traz muito pra gente, esse enfrentamento da pessoa, o sofrimento que a

pessoa está vivendo, principalmente quando está em cuidados paliativos, de dá uma atenção devida a esse enfrentamento no momento da vida.” G3

“Eu acho muito essa questão da empatia que a gente falou, e acho que é um dos pontos principais, eu acho que a gente ganha muito quando a gente trabalha essa questão, mas se a gente ficar só nessa questão, a gente sai do curso sem saber de nada, entendeu?!” G4

### **5.3.1.3. Categoria 3 - Receio de lidar com o paciente oncológico**

Foi observado nos discursos um certo receio dos graduandos em lidar com o paciente oncológico devido à falta de afinidade com a área por considerar o paciente oncológico vulnerável e debilitado.

“Eu mesma não gostava de oncologia, senti muito medo de trabalhar com oncologia, porque você já vai na cabeça que é um paciente super vulnerável, a sua responsabilidade aumenta”. G5

“Eu não me sinto preparada, eu não tenho muita afinidade com a área [...] principalmente, como a gente sabe que são pacientes tão vulneráveis.” G8

“[...] eu penso que com paciente oncológico, mais ainda, a gente tem que ser mais assertivo. É um paciente que tá mais debilitado, não dá pra tá treinando com ele, eu penso assim.” G10

### **5.3.1.4. Categoria 4 - Estágio curricular e extracurricular versus experiência na atenção oncológica.**

Nos relatos, podemos verificar que os graduandos consideram que o estágio curricular supervisionado em Hospital Geral, que acontece no final do curso, não possibilita a aproximação com a oncologia igualmente para todos os graduandos. A carga horária destinada para esse estágio compreende 500 horas e os graduandos são distribuídos pelos setores do hospital que são campos de estágio. Cada graduando cumpre o seu estágio integralmente no mesmo setor.

Vejamos nas falas de graduandos que cumpriram seu estágio em setores não afins com oncologia, que estes se consideram com pouca experiência na assistência a pacientes com câncer.

“Eu ainda tive menos experiência, porque teve umas meninas que ficaram na clínica médica e daí elas puderam ter mais, realmente, essa assistência. Eu fiquei na maternidade, eu não tive essa aproximação.” G1

“No obrigatório da gente eu fiquei na maternidade [...] eu só tive a experiência que a maioria aqui teve que foram os estágios dentro da disciplina A, que teve o momento em que a gente ia pro CACON e o momento em que a gente ia pra clínica, pouco tempo é.” G6

Os graduandos que realizaram o estágio curricular supervisionado na clínica oncológica e/ou estágio extracurricular em oncologia relatam que se sentem mais preparados para prestar assistência ao paciente oncológico, tendo em vista que ao acompanhar um paciente com câncer por um período maior, possibilitou o reconhecimento das demandas inerentes aos pacientes oncológicos.

“[...] quando você está acompanhando aquele paciente, como teve um paciente que a gente chegou lá e ele já estava interno, fomos embora e ele continuou, e você acompanha e vai entendendo as demandas de cada um daqueles pacientes, aí você vê que é muito diferente.” G10

“Então, eu acho isso, eu saí muito mais preparada, mas foi uma situação que nem todo mundo tem a opção, teve a oportunidade de vivenciar, mas se fosse só pelo o que a graduação oportuniza, com certeza eu não me sentiria preparada.” G10

“Eu, quando falei que me sentia mais preparada pra atender, pra ficar numa clínica oncológica, foi pela experiência que eu tive extracurricular.” G6

#### **5.3.1.5. Categoria 5 - Ações de atenção oncológica nas unidades básicas de saúde.**

Os graduandos cumprem 500 horas de estágio supervisionado na atenção básica. Nos relatos, observamos que existe uma lacuna na atenção básica no que diz respeito à atenção oncológica. Nas falas, verifica-se o desconhecimento da existência de pacientes oncológicos nas áreas de cobertura da estratégia de saúde da família ou um distanciamento dos profissionais no acompanhamento e no cuidado desses pacientes.

“Eu só soube que ela tinha câncer depois que ela saiu e aí a enfermeira comentou comigo, porque eu achei até estranho, porque durante toda a consulta isso não foi abordado e achei que era importante já que ela tinha sido uma paciente que tinha terminado tratamento e tal.” G4

“[...] e daí eu fui fazer uma visita a essa moça e ela terminou o tratamento tem uns 15 dias e a abordagem é: não há! Não vou dizer que é ruim, não há! A enfermeira do ESF nem sabia que existia uma paciente na área dela com câncer de colo uterino.” G5

“[...] a minha enfermeira não sabia qual o motivo dele usar essa sonda e ir periodicamente trocar, e aí quando ele foi eu perguntei [...] e ele tem câncer de próstata e isso era desconhecido.” G6

As ações de prevenção e promoção devem acontecer de forma contínua, rotineira e planejada, considerando as características da população atendida e as características individuais das famílias acompanhadas. Porém, o que se verifica nos relatos, são ações de prevenção pontuais, esporádicas ou engessadas.

“Pra mim ficou notório que as mulheres de lá, a maioria que chega lá, só faz a mamografia em outubro, aí eu digo: mas é o ano inteiro, minha gente!...Só trabalham o câncer de mama em outubro.” G5

“Todo dia de citologia, só fazia citologia se escutasse a palestra...o tema era sempre “prevenção do câncer de colo de útero”, eu até dei a ideia, acho que poderia mudar, e ela (enfermeira): - não, porque toda semana são mulheres diferentes.” G1

## 5.4. DISCUSSÃO

Os relatos presentes neste estudo apontam um cenário do ensino da oncologia na graduação em enfermagem caracterizado por conteúdos teórico-práticos pontuais, fragmentados e insuficientes, se assemelhando à realidade de outras instituições de ensino. Em se tratando de formação profissional, Calil (2011); Cruz; Rossato (2015); Santos et al (2015); Rosa et al (2017) corroboram que existe uma lacuna de capacitação de profissionais de enfermagem na atenção oncológica que advém da graduação, pois, a maioria dos cursos de graduação em Enfermagem não trata com profundidade os temas relacionados à oncologia e enfermagem oncológica, mesmo sendo o câncer um problema expressivo de saúde pública e com estimativas preocupantes.

Luz et al (2016), constataram entre enfermeiros que atuam em unidades hospitalares e ambulatoriais que prestam atendimentos oncológicos, que durante a graduação, os conteúdos e estágios em oncologia foram considerados superficiais.

Estudantes de enfermagem do Reino Unido referem que se sentem com déficits de conhecimentos sobre tratamentos para o câncer e seus efeitos colaterais (EDWARDS et al,

2016a). Em outro estudo no Reino Unido, estudantes de enfermagem ao mencionarem sobre o conteúdo do programa de enfermagem, relatam que gostariam de ter mais conhecimentos sobre câncer e as manifestações dos tipos mais comuns de câncer (KING-OKOYE, ARBER, 2014). Sanford et al (2011) afirmam que, a menos que as oportunidades de prestar assistência a pacientes oncológicos sejam oferecidas, os estudantes de enfermagem podem não ter consciência dos muitos aspectos positivos e negativos inerentes ao cuidado de pacientes com câncer em todos os contextos.

A respeito do sentimento de despreparo e falta de “bagagem” apontado no presente estudo, achados semelhantes foram encontrados em estudo com enfermeiros que atuam na atenção oncológica, onde foi relatado que durante a formação profissional na graduação, os conteúdos referentes ao cuidado de pacientes oncológicos foram inexistentes ou insuficientes, o que gerou um sentimento de despreparo para a assistência ao paciente com câncer por se considerarem desprovidos de bagagem na área de oncologia (LUZ et al, 2016). Um outro aspecto discutido, é que o déficit de conhecimento e o pouco contato com a oncologia dificulta que os futuros profissionais em formação na graduação possam se identificar com a área, justamente onde há uma carência de atuação (SANFORD et al, 2011; LUZ et al, 2016).

Podemos verificar que o cenário do ensino da oncologia encontrado no presente estudo, reafirma diagnósticos realizados em estudos anteriores, nos âmbitos nacional e internacional, nos quais revelam insuficiência de conteúdos teórico-práticos de oncologia nas escolas de enfermagem. De fato, neste estudo observa-se a persistência do mesmo cenário encontrado em estudo de Gutierrez; Castro; Aguinaga (1993), no qual constatou que o ensino da oncologia nos cursos de graduação de enfermagem do Brasil era restrito a aulas avulsas dentro de uma determinada disciplina e experiências práticas escassas.

Diante desta perspectiva do ensino da oncologia nas escolas de enfermagem, Luz *et al* (2016) afirma que se faz necessária uma reflexão sobre a inserção de conteúdos de oncologia nos currículos de graduação em enfermagem e que esta informação esteja contextualizada no Projeto Político Pedagógico dos cursos, garantindo, desta forma, uma formação com subsídios para atuar na atenção oncológica em seu aspecto multidimensional, possibilitando preveni-lo e combatê-lo.

Um outro aspecto observado nas falas é que o ensino da oncologia na graduação parece satisfazer os graduandos no tocante a abordagem sobre como lidar com a situação de enfrentamento da pessoa com câncer e sua família, considerando as questões de finitude da

vida. Em contrapartida, outros estudos demonstram resultados divergentes. Silva et al (2015) apontam dificuldades durante a formação acadêmica devido à falta de preparo para lidar com situações que envolvem a complexidade do ser humano, processo de morte e morrer e influência do modelo curativista.

King-Okoye; Arber (2014) reconhecem que estudantes de enfermagem se sentem despreparados para lidar com as fortes emoções apresentadas pelos pacientes com câncer, como choro e raiva. Os estudantes relatam que se sentem amedrontados e preocupados em dizer algo errado para os pacientes. Estudantes de enfermagem em um estudo no Reino Unido sugerem que há uma falta de preparação quando se trata de confiança para apoiar o diagnóstico de câncer e más notícias. Reconheceram também o impacto que o câncer tem sobre a pessoa e os membros da família (EDWARDS et al, 2016b).

Observa-se a importância de se formar profissionais com habilidades para lidar com a subjetividade. Quando o estudante é colocado em situação de oferecer conforto ao paciente no final da vida, ele é forçado a transitar por impressões, sentimentos e transferências que serão impossíveis de simular em sala de aula. É exatamente nesse processo de aprender a lidar com a subjetividade que o estudante poderá extrair o aprendizado para suprir sua formação teórica. Essa vivência permite exercitar atitudes de compaixão, respeito, diálogo e práticas terapêuticas para o controle da dor (COSTA et al, 2016).

Em relação ao sentimento de receio em lidar com o paciente oncológico, alguns estudos corroboram com os achados na nossa pesquisa. Podemos verificar dois estudos qualitativos realizados no Reino Unido sobre as experiências de estudantes de enfermagem ao cuidarem de pessoas com câncer, um deles demonstrou que os estudantes geralmente se sentiam despreparados em como ser empáticos e consideraram difícil lidar com suas próprias emoções e as emoções dos pacientes (KING-OKOYE; ARBER, 2014). No outro, os estudantes relataram que não tinham as habilidades necessárias para se comunicar e apoiar pacientes com câncer (CUNNINGHAM et al, 2016).

Kapucu e Bulut (2019) demonstraram que estudantes de enfermagem geralmente tinham sentimentos negativos quando prestavam cuidados a pacientes oncológicos, como por exemplo, preocupação, pena, tristeza. Sanford et al (2011); Kav et al (2013); King-Okoye e Arber (2014), Cunningham et al (2016) constataram que estudantes de enfermagem possuem atitudes pessimistas em relação ao câncer e o associam ao sofrimento e à morte. Kapucu e Bulut (2017) verificaram que os estudantes turcos se sentiram afetados negativamente em termos

psicológicos, particularmente quando estavam cuidando de pacientes em estágio terminal ou com dores severas.

Kav et al (2013) constataram que estudantes de enfermagem tinham medo de ferir fisicamente os pacientes oncológicos. Sanford et al (2011), em um estudo realizado nos EUA, detectaram que estudantes de enfermagem tinham dificuldade em trabalhar com pacientes terminais e falar da doença em sua presença, bem como, sentimentos de inadequação.

Cuidar do paciente com câncer requer acolhimento e confiança, estabelecimento de vínculos, ter habilidades para resolver questões que envolvem os pacientes e sua família, porém, na maioria das vezes, os profissionais não têm essa habilidade desenvolvida devido a uma lacuna na formação, inviabilizando a construção de estratégias de enfrentamento (LUZ et al, 2016).

A formação profissional deve envolver também o desenvolvimento de habilidades relativas ao manejo de pacientes e seus familiares, no que diz respeito a maneira de enfrentamento do tratamento e sobrevivência ao câncer, conduzindo o profissional a ser capaz de lidar com os medos, sofrimentos, necessidades biológicas, psicológicas, espirituais e de saúde/doença (LUZ et al, 2016). Edwards et al (2016b), verificaram que a maioria dos estudantes de enfermagem reconheceram que a comunicação não é necessariamente uma habilidade que pode ser ensinada, mas é algo que vem com a experiência, que surge com exposição crescente a pessoas que vivem com câncer.

Considerando a necessidade de experiências práticas com pacientes oncológicos, apesar dos graduandos do presente estudo considerarem que o estágio curricular obrigatório que acontece no último ano do curso não possibilita a aproximação com a oncologia igualmente para todos os graduandos, vale salientar que o objetivo do estágio curricular supervisionado não se destina exclusivamente para reparar lacunas específicas do cuidado de enfermagem, que, porventura, tenham ocorrido durante o percurso, e sim, mais além:

“O estágio supervisionado é compreendido como o momento em que o aluno experimenta o processo de ser enfermeiro, ainda sob a supervisão dos docentes do curso. É a etapa em que ele exercita a prática profissional, atuando diretamente nos cenários de prática, participando ativamente do processo de trabalho, aplicando o conjunto de conhecimentos adquiridos ao longo do curso, porém, mais do que isso, exercitando sua capacidade crítica, reflexiva, numa postura que respeita os princípios éticos que sustentam a prática profissional, numa atitude propositiva” (PPP/ENFERMAGEM, 2007).

É preciso considerar que pacientes com câncer não são atendidos exclusivamente em centros oncológicos e sim em toda a rede de atenção à saúde. Desta forma, pode-se destacar a urgência na formação de profissionais enfermeiros com competências mínimas para o cuidado do paciente com câncer em busca de alcançar melhores resultados na qualidade de vida dessas pessoas (LUZ et al, 2016). No Reino Unido, equipes de enfermagem que trabalham em setores não especializados relatam a falta de educação e treinamento em relação ao tratamento do câncer e consideram que essa falta de conhecimento pode impedi-los de prestar os cuidados que gostariam de dispensar aos pacientes com câncer e suas famílias (EDWARDS et al, 2016b).

Com relação às ações de atenção oncológica nas unidades básicas de saúde, percebe-se nos resultados encontrados, uma lacuna evidenciada pelo desconhecimento de pacientes oncológicos nas áreas de cobertura da ESF ou um distanciamento dos profissionais no acompanhamento e no cuidado dos pacientes oncológicos. Além disso, as ações de prevenção e promoção à saúde, que deveriam ocorrer de forma contínua e planejada, considerando as características da população atendida, demonstram ser pontuais, esporádicas ou engessadas.

É justamente na prevenção do câncer, detecção precoce e promoção da saúde que se concentra a maior atuação do profissional enfermeiro. A atenção básica geralmente é o primeiro contato do paciente com um profissional da saúde em busca de um acompanhamento de rotina ou de uma solução para o seu problema de saúde, além de ser o local onde as políticas de prevenção e controle de agravos são implementadas (SOUZA et al, 2017).

Reforçando o importante papel da atenção básica na prevenção do câncer, a OMS considera que 40% das mortes por câncer poderiam ser evitadas, reforçando a premissa de que a prevenção é um componente essencial aos planos de controle do câncer, principalmente na adoção de medidas para reduzir a exposição a fatores de risco para a doença (INCA, 2011).

As ações de prevenção e controle do câncer necessitam adquirir a mesma intensidade que a atenção dispensada aos serviços assistenciais de tratamento, visto que o expressivo aumento de novos casos trazem a perspectiva de que o sistema de saúde pública não tenha recursos financeiros e humanos para o atendimento das demandas oncológicas do país, situação que poderá contribuir para mortes prematuras e desnecessárias (INCA, 2015).

Vale salientar, que o enfermeiro da ESF tem uma importante posição na equipe por destacar-se como o profissional mais preparado e disponível para apoiar e orientar os pacientes e suas famílias no enfrentamento do processo de doença, tratamento e reabilitação. Sendo assim,

a Atenção Básica é caracterizada como um lugar propício para o desenvolvimento de ações de controle do câncer e para a realização de ações de promoção e prevenção (SOUZA et al, 2017).

Refletindo sobre essa perspectiva preocupante, podemos destacar a importância das linhas de cuidado para a prevenção e controle do câncer, onde as ações de prevenção e promoção à saúde devem ser iniciadas prioritariamente na atenção básica, perpassando todos os níveis de atenção à saúde, de forma transversal e dirigidas aos determinantes sociais do processo de saúde-doença, com a finalidade de promover a qualidade de vida, melhorar a saúde da população e controlar as doenças e agravos à saúde (INCA, 2019).

## **5.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar do câncer ser um relevante problema de saúde pública, a oncologia muitas vezes não é contemplada nos currículos generalistas, ou é, mas de forma insuficiente.

O estudo revelou que os graduandos de enfermagem consideram o ensino da oncologia na graduação pontual, por se concentrar em um determinado momento de uma das disciplinas do curso, e insuficiente, devido ao pouco tempo destinado para os conteúdos teóricos e atividades práticas em oncologia.

Constatou-se uma lacuna no aprendizado dos graduandos na atenção oncológica durante o estágio supervisionado na atenção básica. Essa carência merece especial atenção para ser investigada em estudos futuros com o objetivo de se compreender as razões para essa fragilidade, tendo em vista que as ações de prevenção e promoção à saúde são atribuições prioritárias do enfermeiro na atenção primária.

Podemos afirmar que o cenário do ensino da oncologia encontrado neste estudo não apresentou mudanças com relação aos resultados apresentados em diversos estudos nacionais das últimas três décadas, nos quais demonstraram ensino restrito, caracterizado por aulas avulsas dentro de uma determinada disciplina do curso e experiências práticas escassas.

Desta forma, sugere-se a incorporação de conteúdos teórico-práticos de oncologia de forma mais consistente na matriz curricular da graduação em enfermagem, podendo ser utilizada como norteadora a proposta curricular da Comissão Nacional para o Ensino da Cancerologia na Graduação em Enfermagem, versão final de 1992 ou a síntese dessa proposta com versão atualizada em 1998 e publicada pelo INCA.

Além disso, é importante garantir uma transversalidade dos conteúdos de oncologia ao longo do curso e viabilizar a capacitação docente em oncologia utilizando os recursos

disponíveis pelo INCA, tais como: cursos à distância, cursos presenciais e publicações destinadas a docentes, estudantes de graduação e profissionais não especializados na área.

Outro aspecto relevante que deve ser considerado é oportunizar maior contato dos estudantes de enfermagem com pacientes oncológicos, contribuindo para a superação de barreiras relativas ao medo e estigma associados ao câncer e ao paciente oncológico.

Entende-se que se fazem necessárias reformulações curriculares no sentido de formar profissionais mais preparados para lidar com essa realidade epidemiológica do câncer em nosso país. Contudo, essas reformulações devem partir inicialmente do PPP.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CALIL, A. M.; PRADO, C. Ensino da oncologia na formação do enfermeiro. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n. 4, p. 671-4, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672010000400026&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672010000400026&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 20 mar. 2017.

CEPAS, T. Gastos Federais em Oncologia. **Observatório de Oncologia**, 2018. Disponível em: <<https://observatoriodeoncologia.com.br/gastos-federais-em-oncologia/>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

COSTA, A. P.; POLES, K.; SILVA, A. E. Formação em Cuidados Paliativos: experiência de alunos de medicina e enfermagem. **Interface**, v. 20, n. 59, p. 1041-52, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v20n59/1807-5762-icse-1807-576220150774.pdf>>. Acesso em: 29 já n. 2019.

CRUZ, F. S.; ROSSATO, L. G. Cuidados com o paciente oncológico em tratamento quimioterápico: o conhecimento dos enfermeiros da estratégia saúde da família. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 61, n.4, p. 335-341, 2015. Disponível em: <

[http://www1.inca.gov.br/rbc/n\\_61/v04/pdf/04-artigo-cuidados-com-o-paciente-oncologico-em-tratamento-quimioterapico-o-conhecimento-dos-enfermeiros-da-estrategia-saude-da-familia.pdf](http://www1.inca.gov.br/rbc/n_61/v04/pdf/04-artigo-cuidados-com-o-paciente-oncologico-em-tratamento-quimioterapico-o-conhecimento-dos-enfermeiros-da-estrategia-saude-da-familia.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2019.

CUNNINGHAM, S. et al. An exploration into Preregistration Student Nurses Experiences of Caring for Cancer Patients – Ten years on. **5th Annual Worldwide Nursing Conference (WNC 2017)**, p. 26-31, 2017. Disponível em: < [http://dl4.globalstf.org/wp-content/uploads/wpsc/downloadables/WNC\\_Proceedings\\_Paper\\_5.pdf](http://dl4.globalstf.org/wp-content/uploads/wpsc/downloadables/WNC_Proceedings_Paper_5.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2019.

EDWARDS, D.; ANSTEY, S.; HOPKINSON, J. An innovation in curriculum content and delivery of cancer education within undergraduate nurse training in the UK. What impact does this have on the knowledge, attitudes and confidence in delivering cancer care? **European Journal of Oncology Nursing**, v. 21, p. 8-16, 2016. Disponível em: < <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S146238891530051X?token=45516AC1FDC253B761476868112677FDE18F21F1CBEB4FF8BD624ACCAB855249DDB2DFB9376039B1710EB1FEF24B132>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

EDWARDS, D. et al. What is important for student nurses to know about cancer treatment and care: a qualitative study of student nurses' and stakeholder perspectives. **Journal of Clinical Nursing**, v. 26, p. 2045-2054, 2016. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/jocn.13616>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

GUTIERREZ, M.G.R.; CASTRO, R.A.P.; AGUINAGA, S. O ensino da cancerologia nos cursos de graduação em enfermagem: por que e para quê? **Revista Brasileira de Cancerologia**, v.39. n.1, p. 11-20, 1993.

GUTIÉRREZ, M.G.R. et al. O ensino da Cancerologia na enfermagem no Brasil e a contribuição da Escola Paulista de Enfermagem - Universidade Federal de São Paulo. **Texto Contexto Enferm**, v.18, n. 4, p. 705-12, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n4/12.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. **Ações de Enfermagem para o Controle do Câncer: uma proposta de integração ensino-serviço**. 2.ed. Rio de Janeiro: INCA, 2002.

Disponível em: <

[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acoes\\_enfermagem\\_controle\\_cancer.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acoes_enfermagem_controle_cancer.pdf)>. Acesso em: 08 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **ABC do Câncer: abordagens básicas para o controle do câncer**. INCA: Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:

<[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/inca/abc\\_do\\_cancer\\_2ed.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/inca/abc_do_cancer_2ed.pdf)>. Acesso em: 08 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Estimativa 2016: incidência de câncer no Brasil**. INCA: Rio de Janeiro, 2015.

Disponível em: < <https://www.inca.gov.br/campanhas/dia-nacional-de-combate-ao-cancer/2015/estimativa-2016-incidencia-de-cancer-no-brasil>>. Acesso em: 08 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Estimativas 2018: Incidência de Câncer no Brasil**. INCA: Rio de Janeiro, 2017.

Disponível em: < [http://www1.inca.gov.br/rbc/n\\_64/v01/pdf/15-resenha-estimativa-2018-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf](http://www1.inca.gov.br/rbc/n_64/v01/pdf/15-resenha-estimativa-2018-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf)>. Acesso em: 11 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. **ABC do câncer: abordagens básicas para o controle do câncer**. INCA: Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: < <https://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/abc-do-cancer-abordagens-basicas-para-o-controle-do-cancer>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

INTERNATIONAL AGENCY FOR RESEARCH ON CANCER (IARC). World Health Organization (WHO). **Latest global cancer data: cancer burden rises to 18.1 million new cases and 9,6 million cancer deaths in 2018**. Geneva: WHO, 2018. Disponível em:<<https://www.who.int/cancer/PRGlobocanFinal.pdf>>. Acesso em 18 de maio de 2019.

KAPUCU, S.; BULUT, H.D. Nursing students' perspectives on assisting cancer patients. **Asia-Pacific Journal of Oncology Nursing**, v. 5, n. 1., 2018. Disponível em:

<[http://www.apjon.org/temp/AsiaPacJOncolNurs5199-8341459\\_231014.pdf](http://www.apjon.org/temp/AsiaPacJOncolNurs5199-8341459_231014.pdf)>. Acesso em: 11 fev. 2019.

KAV, S. et al. Nursing students' perceptions towards cancer and caring for cancer patients in Turkey. **Nurse Education in Practice**, n. 13, p. 4-10, 2013. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1471595312001059?via%3Dihub>>. Acesso em: 11 fev. 2019.

KING-OKOYE, M.; ARBER, A. 'It stays with me': the experiences of second and third-year students nurses when caring patients with câncer. **Eur. J. Care**, v. 23, p. 441-449, 2014. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/ecc.12139>> Acesso em: 10 de maio de 2019.

LUZ, K. R. et al. Enfermeiros na atenção oncológica: conhecimento na prática do cuidado. **Revól**, Recife, v. 10, n. 9, 2016. ISSN 1981-8963. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/11418/13204>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

ROSA, L. M. et al. Demandas de atendimento de enfermagem e de qualificação em oncologia na atenção básica. **Cogitare Enfermagem**, Florianópolis, v. 22, n.4, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/51607/pdf>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

SANFORD, J. et al. "I see my mother's face": student nurse experiences caring for cancer patients. **European Journal of Oncology Nursing**, v. 15, p. 46-52, 2011. Disponível em: <[https://www.ejoncologynursing.com/article/S1462-3889\(10\)00091-8/fulltext](https://www.ejoncologynursing.com/article/S1462-3889(10)00091-8/fulltext)>. Acesso em: 02 fev. 2019.

SANTOS, F. C. et al. O enfermeiro que atua em unidades hospitalares oncológicas: perfil e capacitação profissional. **Enfermería Global**, n. 38, abr. 2015. ISSN 1695-6141. Disponível em: <[http://scielo.isciii.es/pdf/eg/v14n38/pt\\_revision3.pdf](http://scielo.isciii.es/pdf/eg/v14n38/pt_revision3.pdf)>. Acesso em: 11 jan. 2019.

SILVA, M. M. et al. Formação em cuidados paliativos: experiência de alunos de medicina e enfermagem. **Escola Anna Nery**, v. 19, n. 3, p. 460-466, 2015. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452015000300460](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452015000300460)>.

Acesso em: 08 mar. 2019.

SOUZA, G. R. M.; CAZOLA, L. H. O.; OLIVEIRA, S. M. V. L. Atuação dos enfermeiros da estratégia saúde da família na atenção oncológica. **Escola Anna Nery**, v. 21, n. 4, 2017.

Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/ean/v21n4/pt\\_1414-8145-ean-2177-9465-EAN-2016-0380.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ean/v21n4/pt_1414-8145-ean-2177-9465-EAN-2016-0380.pdf)> Acesso em: 08 mar. 2019.

**6. PRODUTO EDUCACIONAL 2:**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE MEDICINA  
MESTRADO PROFISSIONAL DE ENSINO NA SAÚDE**

REGINA BRAGA COSTA

**RELATÓRIO TÉCNICO DA PESQUISA - Atenção oncológica no ensino de graduação  
em enfermagem: uma perspectiva discente.**

MACEIÓ/AL

2019

REGINA BRAGA COSTA

**RELATÓRIO TÉCNICO DA PESQUISA - Atenção oncológica no ensino de graduação  
em enfermagem: uma perspectiva discente.**

Relatório Técnico apresentado como um dos requisitos para obtenção do título de mestre do Programa de Mestrado Profissional de Ensino na Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Alagoas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Célia Alves Rozendo

MACEIÓ/AL

2019

## APRESENTAÇÃO

O produto educacional de intervenção apresentado neste Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso (TACC) constitui-se como pré-requisito para obtenção do título de mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Ensino na Saúde, ofertado pela Faculdade de Medicina (FAMED) da Universidade Federal de Alagoas. O produto educacional de intervenção tem a finalidade de contribuir para transformar a realidade das práticas de ensino nos locais onde são desenvolvidas as atividades profissionais de cada mestrando.

Diante das ponderações e necessidades evidenciadas a partir da análise dos resultados da pesquisa intitulada “Atenção oncológica no ensino de graduação em enfermagem: uma perspectiva discente”, realizada com graduandos de enfermagem da Universidade Federal de Alagoas, foi possível a elaboração de um relatório técnico da pesquisa como produto educacional de intervenção, o qual foi apresentado ao Colegiado do Curso de Enfermagem da referida Instituição.

## 6.1. INTRODUÇÃO

Conforme o banco de dados do Projeto GLOBOCAN 2018 da Agência Internacional de Pesquisa sobre o Câncer (IARC), que fornece estimativas de incidência e mortalidade por câncer em 185 países, a carga global de câncer é estimada em 18,1 milhões de novos casos no mundo e 9,8 milhões de mortes em 2018. Um em cada cinco homens e uma em cada seis mulheres em todo o mundo desenvolverão câncer durante a vida, e um em cada oito homens e uma em cada 11 mulheres irá à óbito pela doença. Em todo o mundo, o número total de pessoas dentro dos 5 anos após o diagnóstico de câncer é estimado em 43,8 milhões (IARC, 2018).

As estimativas para o biênio de 2018-2019 no Brasil são de 600 mil novos casos de câncer para cada ano. O cálculo global corrigido para o sub-registro estima 640 mil novos casos. No Nordeste estima-se mais de 117 mil novos casos da doença, sendo 5.050 em Alagoas e 1.840 em Maceió (INCA, 2017). O número de casos prevalentes no Brasil dentro de 5 anos após o diagnóstico é estimado em 1.307.120 (IARC, 2018). O câncer é a segunda causa de morte por doença em todos os estados brasileiros, perdendo apenas para as doenças cardiovasculares, com exceção da Bahia, onde o agravo não aparece entre as três principais causas de morte (INCA, 2019).

Com base no documento World Cancer Report 2014 da International Agency for Research on Cancer (IARC), da Organização Mundial da Saúde (OMS), é inquestionável que o câncer é um problema de saúde pública, especialmente entre os países em desenvolvimento, onde se espera que, nas próximas décadas, o impacto do câncer na população corresponda a 80% dos mais de 20 milhões de casos novos estimados para 2025 (WHO, 2014).

Neste sentido, a preocupação com o ensino da oncologia nos cursos da saúde vem percorrendo algumas décadas, quando os primeiros movimentos de estruturação do ensino da oncologia nos cursos de graduação em Medicina, Odontologia e Enfermagem se iniciaram durante o I Simpósio de Educação em Cancerologia em 1987 (GUTIÉRREZ et al, 2009).

Em ocasião da reunião da Comissão Nacional para o Ensino da Oncologia nos Cursos de Graduação em Enfermagem que aconteceu em 1988, com base nos resultados obtidos sobre o levantamento da situação do ensino da oncologia nesses cursos, resultou na elaboração de uma proposta de ensino e implementação de estratégias para a implantação dessa proposta nos cursos de enfermagem, na tentativa de adequar o ensino à realidade epidemiológica do Brasil (INCA, 2002).

Estudos realizados na década de 80 e 90 por Rodrigues & Queiroz (1988) e Cezareti et al (1991) constataram a inexistência de um programa básico comum entre as escolas de enfermagem para capacitar o futuro enfermeiro para atuar de forma competente na atenção oncológica.

Gutierrez; Castro; Aguinaga (1993), investigaram dados sobre o ensino da oncologia em 96 escolas de enfermagem do país a partir de um questionário enviado aos diretores dos cursos de graduação em enfermagem. Desse total, 60 escolas de enfermagem responderam ao questionário, 55 delas informaram que ministravam conteúdos de oncologia e 5 informaram não ministrar. Foi verificado que a inclusão dos conteúdos de oncologia ocorre, principalmente, com aulas avulsas ministradas dentro do programa da disciplina, palestras informais ou ocasionais, que geralmente se concentram na disciplina de Enfermagem Médico-Cirúrgica, enquanto na disciplina de Saúde Pública foi observada pouca relevância. Mais da metade das escolas apresentam os conteúdos de oncologia ministrados de forma “estanque ou isolada” em cada disciplina.

As investigações na área após 1997 reafirmaram diagnósticos anteriores, como ensino restrito a algumas aulas avulsas e experiências práticas esporádicas e a escassez ou falta de conteúdos teóricos e práticos sobre reabilitação e cuidados paliativos (GUTIÉRREZ et al, 2009). E estudos mais recentes investigaram como estudantes de enfermagem e enfermeiros se sentiam ao prestarem assistência ao paciente oncológico e nos relatos foi possível constatar a queixa sobre a abordagem insuficiente de conteúdos de atenção oncológica durante a graduação (CRUZ; ROSSATO, 2015; LUZ et al, 2016; ROSA et al, 2017; SANTOS et al, 2015; COSTA et al, 2016; SOUZA et al, 2017).

As Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Enfermagem conduzem sua proposta de formação do enfermeiro generalista, porém, que este seja capaz de conhecer e intervir sobre os problemas/situações de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico da população brasileira e da sua região de atuação (MEC, 2001).

Portanto, considerando o perfil epidemiológico brasileiro, é fundamental que as Instituições de Ensino repensem suas estratégias e prioridades para a formação de novos profissionais que prestarão assistência a uma população que cresce rapidamente e que cada vez mais irá buscar os serviços de saúde para o atendimento de suas necessidades. Para tal, é imprescindível uma reflexão acerca da formação inicial do enfermeiro (CALIL, 2010).

Diante do contexto apresentado, esta pesquisa teve relevância no fato de fomentar discussões acerca dos conhecimentos que envolvem a formação do enfermeiro para atuar na atenção oncológica, promovendo uma reflexão sobre a temática em questão. Acredita-se ainda,

que os resultados do estudo poderão contribuir para uma adequação curricular no sentido de formar profissionais mais capacitados para atender as necessidades epidemiológicas do país e região de atuação.

## **6.2. OBJETIVOS**

- Apresentar os resultados da pesquisa às instâncias gestoras do curso de Enfermagem estudado;
- Contribuir para a discussão da temática no curso;
- Contribuir para a revisão curricular de conteúdos teórico-práticos de oncologia na graduação em Enfermagem.

## **6.3. METODOLOGIA**

A referida pesquisa de caráter qualitativo teve como objetivo analisar o ensino da oncologia na graduação em enfermagem e foi realizada por meio de grupo focal com 10 graduandos de enfermagem do ano de 2017, concluintes da disciplina de Estágio Supervisionado em Hospital Geral e Unidade Básica de Saúde II. Este momento foi escolhido, pois ao final do curso, os graduandos teriam maior capacidade de expressar suas percepções sobre a questão norteadora da pesquisa: Como os graduandos de enfermagem percebem o ensino da oncologia na formação do enfermeiro para atuar com o cliente oncológico?

Também foi analisado o Projeto Político Pedagógico do Curso (PPP) em busca de verificar como se dá a representação do ensino da oncologia no referido curso. Utilizamos as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de Enfermagem e a obra de Kramer (1997) que traz subsídios para uma análise crítica de propostas curriculares ou pedagógicas.

O grupo focal foi conduzido pela pesquisadora e as discussões foram gravadas em áudio com autorização dos participantes. As falas foram transcritas na íntegra e de forma sequencial e analisadas sob a perspectiva da análise de conteúdo de Bardin (2011). Todos os participantes foram esclarecidos sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa, e em consonância, todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) pelo parecer nº 2.212.631.

## 6.4. RESULTADOS

### 6.4.1. Resultados obtidos a partir da análise do Projeto Político Pedagógico

Foi verificado na introdução do PPP que para a revisão e atualização do documento foram consideradas como referências principais, a realidade de saúde do país e como o Brasil vem respondendo à essa realidade com suas políticas de saúde. Na justificativa do PPP, os cânceres são mencionados como agravos de altos índices da sociedade mais desenvolvida e considerados na atualização da proposta pedagógica do curso. Não foram encontradas mais informações referentes ao câncer no documento.

Apesar das informações encontradas sobre o perfil epidemiológico como norteador da elaboração do PPP, não foi verificada contextualização da magnitude do câncer no Brasil e seu impacto na assistência à saúde, considerando os desafios frente a uma população que adoece e morre por câncer. Tais informações contextualizadas seriam de fundamental importância ao PPP, destacando a problemática deste agravo no país e a relevância de conteúdos relacionados ao câncer na matriz curricular.

O texto deixa claro que o perfil do egresso que se pretende formar está orientado no desenvolvimento de habilidades para reconhecer e intervir sobre as necessidades de saúde da população. Nas especificações das competências é evidenciado o preparo do egresso para as ações de cura, prevenção, promoção e reabilitação da saúde nos diferentes níveis de complexidade do sistema, considerando as especificidades da região e seu perfil epidemiológico, embora não haja menção específica ao câncer.

Apesar do curso ter a formação pautada no perfil epidemiológico da população, não se faz menção sobre o preparo do profissional para atuar na atenção oncológica, assim também como não se observa nas DCN.

A respeito dos aspectos estruturais para viabilização da proposta do curso, podemos citar a utilização de situações-problemas e de relatos de prática com a finalidade de promover o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa. Os cenários de prática diversificados são inseridos durante o decorrer do curso, com diferentes graus de complexidade, propiciando o desenvolvimento de ações integrais à saúde, na tentativa de se evitar a fragmentação do ensino, porém não é observada nenhuma referência à atenção oncológica no documento.

Apesar do documento analisado não reportar sobre atividades práticas ou conteúdos em oncologia, as metodologias e os cenários de prática propostos pelo PPP são propícios para o desenvolvimento de competências relativas à atenção oncológica nos diferentes níveis de

complexidade, principalmente quando se trata das áreas de saúde comunitária, saúde da criança, da mulher, do adulto e do idoso.

#### **6.4.2. Resultados obtidos a partir das discussões do Grupo Focal com Graduandos de Enfermagem**

Todos os participantes foram do sexo feminino entre a faixa etária de 23 a 29 anos e já haviam concluído o último período do curso. Uma das participantes tinha formação em Ciências Biológicas (licenciatura) e quatro delas tinham realizado atividades extracurriculares em oncologia. Com relação ao estágio curricular obrigatório, apenas duas realizaram o estágio curricular obrigatório na clínica oncológica.

Diante do que foi apreendido a partir dos discursos dos graduandos de enfermagem no grupo focal e com base no referencial teórico adotado, Bardin (2011), foi possível a elaboração de 5 (cinco) categorias analíticas para interpretação dos dados empíricos:

- 1) Conteúdos teóricos e atividades práticas em oncologia;
- 2) Preparo para lidar com o enfrentamento da pessoa com câncer;
- 3) Receio de lidar com o paciente oncológico;
- 4) Estágio curricular e extracurricular versus experiência na atenção oncológica;
- 5) Ações de atenção oncológica nas unidades básicas de saúde.

Na categoria 1, que tratou sobre conteúdos teóricos e atividades práticas em oncologia, podemos identificar que algumas falas possuem consonância no sentido de considerarem que os conteúdos teóricos e as atividades práticas em oncologia são pontuais e fragmentados. Também verificamos nas comunicações analisadas que os conteúdos teórico-práticos de oncologia são considerados poucos ou insuficientes devido ao tempo que é destinado para essas atividades durante a formação, principalmente em relação as atividades práticas. Percebemos também alguns relatos que demonstram sentimento de despreparo e falta de “bagagem” em oncologia.

Segundo os relatos dos graduandos, algumas disciplinas são extensas e/ou repetitivas, enquanto a abordagem em oncologia é considerada insuficiente e as atividades práticas resumidas a uma visita ao Centro de Alta Complexidade em Oncologia. A disciplina

considerada extensa pelos graduandos é referente à saúde da mulher e a disciplina considerada extensa e repetitiva é referente à saúde e sociedade. Nos surpreende não ter sido mencionado pelos graduandos a abordagem do câncer ginecológico na disciplina de saúde da mulher, talvez em razão da disciplina ter maior concentração nas questões de saúde reprodutiva feminina.

Na categoria 2 que abordou sobre o preparo para lidar com o enfrentamento da pessoa com câncer, foi mencionado pelos graduandos que o preparo em oncologia na graduação foi mais direcionado para lidar com o enfrentamento da pessoa com câncer e sua família, deixando uma carência nos conteúdos teóricos e atividades práticas na área.

Apesar de considerarem que a formação em oncologia é mais direcionada para lidar com o enfrentamento da pessoa com câncer e sua família em detrimento aos conteúdos teóricos e práticos, os graduandos consideram indispensável esse preparo para lidar com aspectos psicoemocionais dos pacientes oncológicos.

Na categoria 3, que tratou sobre o receio de lidar com o paciente oncológico, foi observado nos discursos um certo receio dos graduandos em lidar com o paciente oncológico devido à falta de afinidade com a área por considerar o paciente oncológico vulnerável e debilitado. O pouco contato dos estudantes com pacientes oncológicos pode contribuir para o medo e estigma com relação ao câncer e o paciente oncológico.

Na categoria 4 que tratou sobre estágios curricular obrigatório e extracurricular, nos relatos, podemos verificar que os graduandos consideram que o estágio curricular supervisionado em Hospital Geral, que acontece ao final do curso, não possibilita a aproximação com a oncologia igualmente para todos os graduandos. Nos relatos de graduandos que cumpriram seu estágio em setores não afins com oncologia, demonstram que estes se consideram com pouca experiência na assistência a pacientes com câncer.

Os graduandos que realizaram o estágio curricular supervisionado na clínica oncológica e/ou estágio extracurricular em oncologia relatam que se sentem mais preparados para prestar assistência ao paciente oncológico, tendo em vista que ao acompanhamento de um paciente com câncer por um período maior, possibilitou o reconhecimento das demandas inerentes aos pacientes oncológicos, além disso, também mencionaram que o estágio nesses setores proporcionou mais oportunidades de praticar as técnicas e procedimentos pertinentes à enfermagem.

Na categoria 5 que abordou sobre as ações de atenção oncológica nas unidades básicas de saúde, ao serem questionados sobre como percebem as ações de atenção oncológica nas unidades básicas de saúde, observamos nos relatos que existe uma lacuna neste sentido. Nas falas, verifica-se o desconhecimento da existência de pacientes oncológicos nas áreas de cobertura da estratégia de saúde da família ou um distanciamento dos profissionais no acompanhamento e no cuidado desses pacientes.

Quando questionados sobre as ações de prevenção e promoção à saúde nas unidades de atenção básica, verificamos nos relatos dos graduandos de enfermagem, que as ações de prevenção e promoção à saúde são pontuais, esporádicas ou engessadas, como por exemplo: ações de atenção oncológica apenas no outubro rosa, apenas um tema específico de prevenção abordado nas palestras em sala de espera.

## **6.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Percebe-se que o PPP segue a orientação generalista estabelecida nas DCN, onde o câncer é tratado de forma implícita, mesmo sendo este um problema de saúde pública no Brasil.

Os resultados do grupo focal demonstraram que os graduandos de enfermagem consideram o ensino da oncologia na graduação pontual, por se concentrar em determinado momento em uma das disciplinas do curso, e insuficiente, devido ao pouco tempo destinado para os conteúdos teóricos e atividades práticas em oncologia. Os graduandos que realizaram estágio curricular ou extracurricular em setores afins com oncologia, sentem-se mais preparados para cuidar de pessoas com câncer, pois ao acompanharem um paciente oncológico por um período maior, possibilitou a eles reconhecerem e entenderem as demandas inerentes a esse tipo de paciente. Além disso, um maior contato dos estudantes de enfermagem com pacientes oncológicos contribui para transpor a barreira do estigma e do medo frente ao câncer.

Constatou-se uma lacuna no aprendizado dos graduandos de enfermagem na atenção oncológica durante o estágio supervisionado na atenção básica. Justo na atenção básica onde as ações de prevenção e promoção à saúde compõem uma das mais importantes atribuições do enfermeiro, observou-se nos relatos uma grande fragilidade neste sentido. Essa carência merece especial atenção para ser investigada em estudos futuros com o objetivo de se compreender as razões para essa fragilidade.

Podemos afirmar que o cenário do ensino da oncologia encontrado neste estudo não apresentou mudanças com relação aos resultados apresentados em diversos estudos nacionais

das últimas três décadas, nos quais demonstraram ensino restrito, caracterizado por aulas avulsas dentro de uma determinada disciplina do curso e experiências práticas escassas.

Entende-se que se fazem necessárias reformulações curriculares no sentido de incorporar conteúdos teórico-práticos de oncologia de forma mais consistente na proposta pedagógica com a intenção de formar profissionais mais preparados para lidar com a realidade epidemiológica do câncer em nosso país. Contudo, essas reformulações devem partir inicialmente do PPP.

## **6.6. RECOMENDAÇÕES**

A partir dos resultados apresentados e diante da problemática do câncer no Brasil, recomenda-se a esta escola buscar uma reorganização e incorporação de conteúdos teórico-práticos de oncologia na matriz curricular, na tentativa de melhor atender as demandas epidemiológicas do câncer no país e região de atuação e que esta representação se dê inicialmente no Projeto Político Pedagógico do Curso. Algumas ações são recomendadas para garantir esta implementação:

- Incorporação de conteúdos teórico-práticos de oncologia de forma mais consistente na matriz curricular, podendo ser utilizada como norteadora a proposta curricular da Comissão Nacional para o Ensino da Cancerologia na Graduação de Enfermagem, versão final de 1992 (Anexo 3), ou a síntese dessa proposta com versão atualizada em 1998 e publicada no livro-texto do INCA, intitulado “Ações de Enfermagem para o controle do câncer” de 2002 (anexo 4);
- Garantir uma transversalidade dos conteúdos de oncologia ao longo do curso;
- Capacitação Docente em Oncologia utilizando os recursos disponíveis pelo Instituto Nacional do Câncer (INCA), tais como: cursos à distância, cursos presenciais, publicações destinadas a docentes e profissionais não especializados na área;
- Convidar enfermeiros especialistas ou com experiência na área de oncologia para ministrar aulas no curso de graduação;
- Oferecer oportunidades para que os estudantes acompanhem e prestem cuidados a pacientes com câncer, inserindo atividades práticas em oncologia durante o

curso, evitando que expectativas de preencher lacunas do cuidado oncológico sejam depositadas no estágio curricular supervisionado;

- Proporcionar um maior contato dos estudantes com pacientes oncológicos como forma de auxiliar na superação de barreiras relativas ao medo e estigma associados ao câncer e ao paciente oncológico;
- Manter conteúdos e atividades que tratem do enfrentamento do paciente com câncer, visto que esse aspecto foi considerado relevante pelos graduandos;
- Investigar as causas da lacuna nas ações de atenção oncológica no contexto da atenção primária com a finalidade de promover um plano de intervenção durante os estágios supervisionados, garantindo uma continuidade das ações de prevenção e promoção à saúde;
- Averiguar as demandas de capacitação em oncologia dos enfermeiros da atenção primária e propor intervenções durante os estágios supervisionados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CALIL, A. M.; PRADO, C. Ensino da oncologia na formação do enfermeiro. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n. 4, p. 671-4, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672010000400026&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672010000400026&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 20 mar. 2017.

CEZARETI, I. N. R. et al. Estudo sobre o ensino da oncologia nas escolas de enfermagem da Grande São Paulo. **Acta Paulista**, v.4, n.1, p.5-10, 1991.

CRUZ, F. S.; ROSSATO, L. G. Cuidados com o paciente oncológico em tratamento quimioterápico: o conhecimento dos enfermeiros da estratégia saúde da família. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 61, n.4, p. 335-341, 2015. Disponível em: <[http://www1.inca.gov.br/rbc/n\\_61/v04/pdf/04-artigo-cuidados-com-o-paciente-oncologico-em-tratamento-quimioterapico-o-conhecimento-dos-enfermeiros-da-estrategia-saude-da-familia.pdf](http://www1.inca.gov.br/rbc/n_61/v04/pdf/04-artigo-cuidados-com-o-paciente-oncologico-em-tratamento-quimioterapico-o-conhecimento-dos-enfermeiros-da-estrategia-saude-da-familia.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2019.

GUTIERREZ, M.G.R.; CASTRO, R.A.P.; AGUINAGA, S. O ensino da cancerologia nos cursos de graduação em enfermagem: por que e para quê? **Revista Brasileira de Cancerologia**, v.39. n.1, p. 11-20, 1993.

GUTIÉRREZ, M.G.R. et al. O ensino da Cancerologia na enfermagem no Brasil e a contribuição da Escola Paulista de Enfermagem - Universidade Federal de São Paulo. **Texto Contexto Enferm**, v.18, n. 4, p. 705-12, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n4/12.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. **Ações de Enfermagem para o Controle do Câncer: uma proposta de integração ensino-serviço**. 2.ed. Rio de Janeiro: INCA, 2002.

Disponível em:

<[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acoes\\_enfermagem\\_controle\\_cancer.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acoes_enfermagem_controle_cancer.pdf)>.

Acesso em: 08 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Estimativas 2018: Incidência de Câncer no Brasil**. INCA: Rio de Janeiro, 2017.

Disponível em: <[http://www1.inca.gov.br/rbc/n\\_64/v01/pdf/15-resenha-estimativa-2018-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf](http://www1.inca.gov.br/rbc/n_64/v01/pdf/15-resenha-estimativa-2018-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf)>. Acesso em: 11 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. **ABC do câncer: abordagens básicas para o controle do câncer**. INCA: Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/abc-do-cancer-abordagens-basicas-para-o-controle-do-cancer>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

INTERNATIONAL AGENCY FOR RESEARCH ON CANCER (IARC). World Health Organization (WHO). **Latest global cancer data: cancer burden rises to 18.1 million new cases and 9,6 million cancer deaths in 2018**. Geneva: WHO, 2018. Disponível em: <<https://www.who.int/cancer/PRGlobocanFinal.pdf>>. Acesso em 18 de maio de 2019.

KRAMER, S. Propostas pedagógicas ou curriculares: subsídios para uma leitura crítica.

**Educ. Soc.**, v.18, n.60, p.15-35, 1997. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/es/v18n60/v18n60a1.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2017.

LUZ, K. R. et al. Enfermeiros na atenção oncológica: conhecimento na prática do cuidado.

**Revol**, Recife, v. 10, n. 9, 2016. ISSN 1981-8963. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/11418/13204>>.

Acesso em: 29 jan. 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem**. MEC, 2001. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2018.

RODRIGUES, C.; QUEIROZ, I. A situação atual do ensino de enfermagem oncológica nos cursos de graduação em enfermagem do Brasil. **Revista Paulista de Enfermagem**, v. 8, n.1, p. 23-5, 1988.

ROSA, L. M. et al. Demandas de atendimento de enfermagem e de qualificação em oncologia na atenção básica. **Cogitare Enfermagem**, Florianópolis, v. 22, n.4, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/51607/pdf>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

SANTOS, F. C. et al. O enfermeiro que atua em unidades hospitalares oncológicas: perfil e capacitação profissional. **Enfermería Global**, n. 38, abr. 2015. ISSN 1695-6141. Disponível em: <[http://scielo.isciii.es/pdf/eg/v14n38/pt\\_revision3.pdf](http://scielo.isciii.es/pdf/eg/v14n38/pt_revision3.pdf)>. Acesso em: 11 jan. 2019.

SILVA, M. M. et al. Formação em cuidados paliativos: experiência de alunos de medicina e enfermagem. **Escola Anna Nery**, v. 19, n. 3, p. 460-466, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452015000300460](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452015000300460)>. Acesso em: 08 mar. 2019.

SOUZA, G. R. M.; CAZOLA, L. H. O.; OLIVEIRA, S. M. V. L. Atuação dos enfermeiros da estratégia saúde da família na atenção oncológica. **Escola Anna Nery**, v. 21, n. 4, 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/ean/v21n4/pt\\_1414-8145-ean-2177-9465-EAN-2016-0380.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ean/v21n4/pt_1414-8145-ean-2177-9465-EAN-2016-0380.pdf)> Acesso em: 08 mar. 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Word Cancer Report 2014**. Lyon: IARC, 2014. Disponível em: <<http://publications.iarc.fr/Non-Series-Publications/World-Cancer-Reports/World-Cancer-Report-2014>> Acesso em: 02 mai. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL). Escola de Enfermagem e Farmácia. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Enfermagem**, 2007. Disponível em: <<http://www.ufal.edu.br/unidadeacademica/esenfar/pt-br/graduacao/enfermagem/documentos/ppc-enfermagem.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2018.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS DO TRABALHO ACADÊMICO

A análise documental do PPP revelou que o câncer é tratado de forma implícita, seguindo a orientação generalista estabelecida nas DCN. Mesmo sendo o câncer um problema de saúde pública, essa temática muitas vezes não é contemplada no currículo generalista ou é, mas de forma insuficiente. Esse achado reforça os resultados qualitativos apreendidos a partir das discussões do grupo focal.

O estudo demonstrou a percepção dos graduandos de enfermagem sobre o ensino da oncologia na formação profissional. Foi possível identificar que o ensino em oncologia na graduação em enfermagem foi considerado pontual, por se concentrar em um determinado momento de uma das disciplinas do curso, e insuficiente, devido ao pouco tempo destinado para os conteúdos teóricos e atividades práticas em oncologia.

Constatou-se uma lacuna no aprendizado dos graduandos de enfermagem relativa à atenção oncológica durante o estágio supervisionado na atenção básica. Essa carência merece ser investigada em estudos futuros com o objetivo de se compreender as razões para essa fragilidade da atenção oncológica no âmbito da atenção básica.

Podemos afirmar que o cenário do ensino da oncologia encontrado neste estudo não apresentou mudanças com relação aos resultados apresentados em diversos estudos nacionais das últimas três décadas, nos quais demonstraram ensino restrito, caracterizado por aulas avulsas dentro de uma determinada disciplina do curso e experiências práticas escassas.

O presente estudo possibilitou a elaboração de um artigo científico para fins de publicação e um relatório técnico que foi entregue ao Colegiado do referido curso para apresentação dos resultados da pesquisa às instâncias gestoras do curso, contribuir com as discussões sobre a temática e oferecer algumas recomendações.

Desta forma, sugere-se a incorporação de conteúdos teórico-práticos de oncologia de forma mais consistente na matriz curricular, podendo ser utilizada como norteadora a proposta curricular da Comissão Nacional para o Ensino da cancerologia na Graduação em Enfermagem, versão final de 1992 (Anexo 3), ou a síntese dessa proposta com versão atualizada em 1998 e publicada no livro-texto do INCA, intitulado “Ações de Enfermagem para o Controle do Câncer” de 2002 (Anexo 4).

Além disso, é importante garantir uma transversalidade dos conteúdos de oncologia ao longo do curso e viabilizar a capacitação docente em oncologia utilizando os recursos

disponíveis pelo INCA, tais como: cursos à distância, cursos presenciais e publicações destinadas a docentes, estudantes de graduação e profissionais não especializados na área.

Outro aspecto relevante que deve ser considerado é oferecer oportunidades para que estudantes de enfermagem acompanhem e prestem cuidados a pacientes com câncer, inserindo atividades práticas em oncologia durante o curso, evitando que expectativas de preencher lacunas do cuidado oncológico sejam depositadas no estágio curricular supervisionado. Esse maior contato com pacientes oncológicos também poderá contribuir para a superação de barreiras relativas ao medo e estigma associados ao câncer e ao paciente oncológico.

Os conteúdos e atividades que tratam do enfrentamento do paciente com câncer devem ser mantidos na matriz curricular, visto que esse aspecto foi considerado relevante pelos graduandos de enfermagem.

Considerando que não houve mudanças no cenário de ensino da oncologia nas escolas de enfermagem do Brasil, inclusive na escola estudada, além da alta incidência e mortalidade por câncer no país e aumento da sobrevivência de pessoas diagnosticadas com essa doença, cada vez mais enfermeiros irão se deparar com pessoas vivendo e lidando com o câncer como uma condição crônica. Frente a esta situação, entende-se que se fazem necessárias reformulações curriculares no sentido de formar profissionais mais preparados para lidar com essa realidade epidemiológica do câncer em nosso país. Contudo, essas reformulações devem partir inicialmente do PPP.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BORDINGNON, M. et al. Oncology nursing professionals job satisfaction and dissatisfaction in Brazil and Portugal. **Texto Contexto Enfermagem**, v. 24, n.4, p. 925-933, 2015.

Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/tce/v24n4/pt\\_0104-0707-tce-201500004650014.pdf](http://www.scielo.br/pdf/tce/v24n4/pt_0104-0707-tce-201500004650014.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNS/CES nº 3 de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, seção 1, p. 37, nov. 2001. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução nº 510 de 7 de abril de 2016. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, v. 98, p.44-46, mai. 2016. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

BUSANELLO, J. et al. Grupo focal como técnica de coleta de dados. **Cogitare Enfermagem**, v. 18, n.2, p. 358-64, 2013. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/32586/20702>>. Acesso em: 08 mar. 2017.

CALIL, A. M.; PRADO, C. Ensino da oncologia na formação do enfermeiro. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n. 4, p. 671-4, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672010000400026&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672010000400026&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 20 mar. 2017.

CANCELA, M.C.; ALMEIDA, L.M. Impacto econômico da mortalidade prematura por câncer nos Brics. **Rede Câncer**, 4. ed, 2018. Disponível em: <

[https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document/rrc-40-artigo-impacto-economico-da-mortalidade-prematura-por-cancer-nos-brics\\_0.pdf](https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document/rrc-40-artigo-impacto-economico-da-mortalidade-prematura-por-cancer-nos-brics_0.pdf)>. Acesso em 10 jul. 2019.

CANCER RESEARCH UK. **Worldwide Cancer**. London, 2015. Disponível em: <<https://www.cancerresearchuk.org/health-professional/cancer-statistics/worldwide-cancer>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CEPAS, T. Gastos Federais em Oncologia. **Observatório de Oncologia**, 2018. Disponível em: <<https://observatoriodeoncologia.com.br/gastos-federais-em-oncologia/>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

CEZARETI, I. N. R. et al. Estudo sobre o ensino da oncologia nas escolas de enfermagem da Grande São Paulo. **Acta Paulista**, v.4, n.1, p.5-10, 1991.

COSTA, A. P.; POLES, K.; SILVA, A. E. Formação em Cuidados Paliativos: experiência de alunos de medicina e enfermagem. **Interface**, v. 20, n. 59, p. 1041-52, 2016. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/icse/v20n59/1807-5762-icse-1807-576220150774.pdf>>. Acesso em: 29 já n. 2019.

CRUZ, F. S.; ROSSATO, L. G. Cuidados com o paciente oncológico em tratamento quimioterápico: o conhecimento dos enfermeiros da estratégia saúde da família. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v. 61, n.4, p. 335-341, 2015. Disponível em: < [http://www1.inca.gov.br/rbc/n\\_61/v04/pdf/04-artigo-cuidados-com-o-paciente-oncologico-em-tratamento-quimioterapico-o-conhecimento-dos-enfermeiros-da-estrategia-saude-da-familia.pdf](http://www1.inca.gov.br/rbc/n_61/v04/pdf/04-artigo-cuidados-com-o-paciente-oncologico-em-tratamento-quimioterapico-o-conhecimento-dos-enfermeiros-da-estrategia-saude-da-familia.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2019.

CUNNINGHAM, S. et al. An exploration into Preregistration Student Nurses Experiences of Caring for Cancer Patients – Ten years on. **5th Annual Worldwide Nursing Conference (WNC 2017)**, p. 26-31, 2017. Disponível em: < [http://dl4.globalstf.org/wp-content/uploads/wpsc/downloadables/WNC\\_Proceedings\\_Paper\\_5.pdf](http://dl4.globalstf.org/wp-content/uploads/wpsc/downloadables/WNC_Proceedings_Paper_5.pdf)>. Acesso em: 02 fev. 2019.

DALL'AGNOL, C.M. et al. A noção da tarefa nos grupos focais. **Revista Gaúcha de Enfermagem** [publicação virtual], v.33, n.1, p. 186-190, 2012. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/13302/17016>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

DEPARTMENT OF HEALTH. **Quality of life of cancer survivors in England. London**, 2013. Disponível em:< [https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment\\_data/file/213317/NCSS\\_PROMs\\_text\\_analysis\\_report\\_Final\\_Report\\_040213.pdf](https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/213317/NCSS_PROMs_text_analysis_report_Final_Report_040213.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2019.

EDWARDS, D.; ANSTEY, S.; HOPKINSON, J. An innovation in curriculum content and delivery of cancer education within undergraduate nurse training in the UK. What impact does this have on the knowledge, attitudes and confidence in delivering cancer care? **European Journal of Oncology Nursing**, v. 21, p. 8-16, 2016. Disponível em: < <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S146238891530051X?token=45516AC1FDC253B761476868112677FDE18F21F1CBEB4FF8BD624ACCAB855249DDB2DFB9376039B1710EB1FEF24B132>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

EDWARDS, D. et al. What is important for student nurses to know about cancer treatment and care: a qualitative study of student nurses' and stakeholder perspectives. **Journal of Clinical Nursing**, v. 26, p. 2045-2054, 2016. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/jocn.13616>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

FERNANDES, J. D.; REBOUÇAS, L. C. Uma década de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Graduação em Enfermagem: avanços e desafios. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, p. 95-101, 2013. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/reben/v66nspe/v66nspea13.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2018.

FRAGA, F. V.; SANTANA, B. B.; FELIX, P. T. O. A importância do ensino da oncologia no curso de graduação em enfermagem. **Revista Saberes – Especial SPC**, v. 1, n. 3, 2016.

Disponível em: <<https://www.faculdadeages.com.br/uniages/wp-content/uploads/2016/05/revista-saberes-ano-3.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

GIUSTINA, K. P. D. **A formação em oncologia e a atuação profissional dos enfermeiros – um estudo com egressos de uma Universidade do Sul Catarinense**. 2015. 146 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, SC, 2015.

GUIMARÃES, T. M. et al. Cuidado Paliativo em oncologia pediátrica na formação do enfermeiro. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 38, n.1, p.1-9, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rngen/v38n1/0102-6933-rngen-1983-144720170165409.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

GUTIERREZ, M.G.R.; CASTRO, R.A.P.; AGUINAGA, S. O ensino da cancerologia nos cursos de graduação em enfermagem: por que e para quê? **Revista Brasileira de Cancerologia**, v.39. n.1, p. 11-20, 1993.

GUTIERREZ, M.G.R. et al. Estudo complementar sobre o ensino da cancerologia nos cursos de graduação em enfermagem. **Revista Brasileira de Cancerologia**, v.41. n.3, p. 189-195, 1995.

GUTIÉRREZ, M.G.R. et al. O ensino da Cancerologia na enfermagem no Brasil e a contribuição da Escola Paulista de Enfermagem - Universidade Federal de São Paulo. **Texto Contexto Enferm**, v.18, n. 4, p. 705-12, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n4/12.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. **Ações de Enfermagem para o Controle do Câncer: uma proposta de integração ensino-serviço**. 2.ed. Rio de Janeiro: INCA, 2002.

Disponível em: <

[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acoes\\_enfermagem\\_controle\\_cancer.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acoes_enfermagem_controle_cancer.pdf)>. Acesso em: 08 out. 2017.

INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER. **Ações de Enfermagem para o Controle do Câncer: uma proposta de integração ensino-serviço**. 3.ed. Rio de Janeiro: INCA, 2008.

Disponível em: <

[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acoes\\_enfermagem\\_controle\\_cancer.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acoes_enfermagem_controle_cancer.pdf)>. Acesso em: 08 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **ABC do Câncer: abordagens básicas para o controle do câncer**. INCA: Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:

<[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/inca/abc\\_do\\_cancer\\_2ed.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/inca/abc_do_cancer_2ed.pdf)>. Acesso em: 08 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Ensino em Atenção Oncológica no Brasil: carências e oportunidades**. Rio de Janeiro: INCA, 2012. Disponível em: <

[http://www.inca.gov.br/rbc/n\\_57/v04/pdf/02\\_artigo\\_ensino\\_atencao\\_oncologica\\_brasil\\_carencia\\_oportunidades.pdf](http://www.inca.gov.br/rbc/n_57/v04/pdf/02_artigo_ensino_atencao_oncologica_brasil_carencia_oportunidades.pdf)>. Acesso em: 08 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Estimativa 2014: incidência de câncer no Brasil**. INCA: Rio de Janeiro, 2014.

Disponível em: < [http://www1.inca.gov.br/rbc/n\\_60/v01/pdf/11-resenha-estimativa-2014-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf](http://www1.inca.gov.br/rbc/n_60/v01/pdf/11-resenha-estimativa-2014-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf)>. Acesso em: 08 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Estimativa 2016: incidência de câncer no Brasil**. INCA: Rio de Janeiro, 2015.

Disponível em: < <https://www.inca.gov.br/campanhas/dia-nacional-de-combate-ao-cancer/2015/estimativa-2016-incidencia-de-cancer-no-brasil>>. Acesso em: 08 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **Estimativas 2018: Incidência de Câncer no Brasil**. INCA: Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: < [http://www1.inca.gov.br/rbc/n\\_64/v01/pdf/15-resenha-estimativa-2018-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf](http://www1.inca.gov.br/rbc/n_64/v01/pdf/15-resenha-estimativa-2018-incidencia-de-cancer-no-brasil.pdf)>. Acesso em: 11 nov. 2018.

\_\_\_\_\_. **ABC do câncer: abordagens básicas para o controle do câncer**. INCA: Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: < <https://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/abc-do-cancer-abordagens-basicas-para-o-controle-do-cancer>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

INTERNATIONAL AGENCY FOR RESEARCH ON CANCER (IARC). World Health Organization (WHO). **Lasted global cancer data: cancer burden rises to 18.1 million new cases and 9,6 million cancer deaths in 2018**. Geneva: WHO, 2018. Disponível em: <<https://www.who.int/cancer/PRGlobocanFinal.pdf>>. Acesso em 18 de maio de 2019.

KAPUCU, S.; BULUT, H.D. Nursing students' perspectives on assisting cancer patients. **Asia-Pacific Journal of Oncology Nursing**, v. 5, n. 1., 2018. Disponível em: <[http://www.apjon.org/temp/AsiaPacJOncolNurs5199-8341459\\_231014.pdf](http://www.apjon.org/temp/AsiaPacJOncolNurs5199-8341459_231014.pdf)>. Acesso em: 11 fev. 2019.

KING-OKOYE, M.; ARBER, A. 'It stays with me': the experiences of second and third-year students nurses when caring patients with câncer. **Eur. J. Care**, v. 23, p. 441-449, 2014. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/ecc.12139>> Acesso em: 10 de maio de 2019.

KRAMER, S. Propostas pedagógicas ou curriculares: subsídios para uma leitura crítica. **Educ. Soc.**, v.18, n.60, p.15-35, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v18n60/v18n60a1.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2017.

KAV, S. et al. Nursing students' perceptions towards cancer and caring for cancer patients in Turkey. **Nurse Education in Practice**, n. 13, p. 4-10, 2013. Disponível em: < <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1471595312001059?via%3Dihub>>. Acesso em: 11 fev. 2019.

LINS, F. G.; SOUZA, S. R. Formação dos enfermeiros para o cuidado em oncologia. **Revol**, Recife, v.12, n.1, p. 66-74, 2018. ISSN 1981-8963. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/22652/25858>>.

Acesso em: 29 jan. 2019.

LUZ, K. R. et al. Enfermeiros na atenção oncológica: conhecimento na prática do cuidado.

**Revol**, Recife, v. 10, n. 9, 2016. ISSN 1981-8963. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/11418/13204>>.

Acesso em: 29 jan. 2019.

MACMILLAN CANCER SUPORT. **Two million reasons**. London, 2015. Disponível

em:<<https://www.macmillan.org.uk/>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

McCABE, M.S. et al. American Society of Clinical Oncology Statement: Achieving high-quality cancer survivorship care. **Jour. Clin. Oncol**, v.31, n.5, p.631-640, 2013. Disponível

em: <<https://ascopubs.org/doi/pdf/10.1200/JCO.2012.46.6854>>. Acesso em: 11 fev. 2019.

MAREE, J. E.; MULONDA, J. K. Caring for patients with advanced breast cancer: the experiences of zambian nurses. **Asia-Pacific Journal of Oncology Nursing**, v. 4, n.1, p. 23-

28, 2017. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/28217726>>. Acesso em:

11 fev. 2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem**. MEC, 2001. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análises de Situação em Saúde. **Saúde Brasil 2013: uma análise da situação de saúde e das doenças transmissíveis relacionadas à pobreza**. 384 p., 2014. Disponível em:

<[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/.../saude\\_brasil\\_2013\\_analise\\_situacao\\_saude.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/.../saude_brasil_2013_analise_situacao_saude.pdf)>. Acesso

em: 28 out. 2019.

NASCIMENTO, V.L.V.; TAVANTI, R.M.; PEREIRA, C.C.Q. O uso de mapas dialógicos como recurso analítico em científicas em pesquisa. In: SPINK, M.J.P. et al. (Org). **A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas** [publicação virtual]. Rio de Janeiro: Centro Eldestein, 2014, p. 229-246. Disponível em: <[http://www.bvce.org.br/DownloadArquivo.asp?Arquivo=SPINK\\_A\\_producao\\_de\\_informacao.pdf](http://www.bvce.org.br/DownloadArquivo.asp?Arquivo=SPINK_A_producao_de_informacao.pdf)>. Acesso em: 03 mai. 2019.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). Organização Mundial da Saúde (OMS). **Folha Informativa – Câncer**, setembro de 2018. Disponível em: <[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5588:folha-informativa-cancer&Itemid=1094](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5588:folha-informativa-cancer&Itemid=1094)>. Acesso em: 5 jul. 2019.

RODRIGUES, C.; QUEIROZ, I. A situação atual do ensino de enfermagem oncológica nos cursos de graduação em enfermagem do Brasil. **Revista Paulista de Enfermagem**, v. 8, n.1, p. 23-5, 1988.

ROSA, L. M. et al. Demandas de atendimento de enfermagem e de qualificação em oncologia na atenção básica. **Cogitare Enfermagem**, Florianópolis, v. 22, n.4, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/51607/pdf>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

SANTANA, F. R. et al. Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em enfermagem: uma visão dialética. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 7. n. 3. p. 295-302, 2005. Disponível em: < <https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/904/1102>>. Acesso em: 16 out. 2017.

SÁ-SILVA, J.R.; ALMEIDA, C.D.; GUINANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História 7 Ciências Sociais**, n.1, p. 1-15, 2009. Disponível em: < <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/6/pdf>>. Acesso em: 16 out. 2017.

SANFORD, J. et al. “I see my mother’s face”: student nurse experiences caring for cancer patients. **European Journal of Oncology Nursing**, v. 15, p. 46-52, 2011. Disponível em:

<[https://www.ejncologynursing.com/article/S1462-3889\(10\)00091-8/fulltext](https://www.ejncologynursing.com/article/S1462-3889(10)00091-8/fulltext)>. Acesso em: 02 fev. 2019.

SANTOS, F. C. et al. O enfermeiro que atua em unidades hospitalares oncológicas: perfil e capacitação profissional. **Enfermería Global**, n. 38, abr. 2015. ISSN 1695-6141. Disponível em: <[http://scielo.isciii.es/pdf/eg/v14n38/pt\\_revision3.pdf](http://scielo.isciii.es/pdf/eg/v14n38/pt_revision3.pdf)>. Acesso em: 11 jan. 2019.

SILVA, J.T. da. et al. Prática profissional de enfermeiras que cuidam de pacientes com câncer em hospitais gerais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 65, n. 3, p. 460-5, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-7167201200030001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-7167201200030001)>. Acesso em: 06 nov. 2018.

SILVA, M. M. et al. Formação em cuidados paliativos: experiência de alunos de medicina e enfermagem. **Escola Anna Nery**, v. 19, n. 3, p. 460-466, 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452015000300460](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452015000300460)>. Acesso em: 08 mar. 2019.

SOUZA, G. R. M.; CAZOLA, L. H. O.; OLIVEIRA, S. M. V. L. Atuação dos enfermeiros da estratégia saúde da família na atenção oncológica. **Escola Anna Nery**, v. 21, n. 4, 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/ean/v21n4/pt\\_1414-8145-ean-2177-9465-EAN-2016-0380.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ean/v21n4/pt_1414-8145-ean-2177-9465-EAN-2016-0380.pdf)> Acesso em: 08 mar. 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Word Cancer Report 2014**. Lyon: IARC, 2014. Disponível em: <<http://publications.iarc.fr/Non-Series-Publications/World-Cancer-Reports/World-Cancer-Report-2014>> Acesso em: 02 mai. 2019.

THULLER, L.C.S.; BERGMANN, A.; FERREIRA, S.C. Ensino em atenção oncológica no Brasil: carências e oportunidades. **Revista Brasileira de Cancerologia**, Rio de Janeiro, v.57, n.4, p. 467-472, 2011. Disponível em: <[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/ensino\\_atencao\\_oncologica\\_brasil.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/ensino_atencao_oncologica_brasil.pdf)>. Acesso em: 18 out. 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL). Escola de Enfermagem e Farmácia.

**Projeto Político Pedagógico do Curso de Enfermagem**, 2007. Disponível em:

<<http://www.ufal.edu.br/unidadeacademica/esenfar/pt->

[br/graduacao/enfermagem/documentos/ppc-enfermagem.pdf](http://www.ufal.edu.br/unidadeacademica/esenfar/pt-br/graduacao/enfermagem/documentos/ppc-enfermagem.pdf)>. Acesso em: 08 out. 2018.

## **APÊNDICES**

## **APÊNDICE A:**

**Este documento descreve o procedimento de revisão bibliográfica adotado nesta pesquisa, explicitando as opções e os critérios utilizados.**

A presente pesquisa teve início com a formulação do objeto de estudo e a partir dele foi realizada uma revisão da literatura na intenção de contextualizar a temática da atenção oncológica no ensino de graduação em enfermagem.

As referências bibliográficas utilizadas incluíram livros, dissertações, teses, artigos científicos, legislações, resoluções, documentos, pareceres e projeto político pedagógico do curso de enfermagem estudado. Essas referências foram adquiridas mediante pesquisa nas bases de dados da Bireme (Lilacs, Scielo e Medline), PubMed e Periódicos Capes. Essas bases de dados foram escolhidas por possuírem maior número de publicações na área de saúde. Também foram utilizadas referências sugeridas e/ou cedidas por professores do programa de mestrado e por autores de artigos, após contato via endereço eletrônico.

Para a realização dessas buscas nas bases de dados foram utilizados os seguintes descritores: oncologia, educação em enfermagem, currículo, competência profissional. Foi realizado cruzamento dos descritores em cada uma das bases de dados mencionadas acima, na tentativa de encontrar o maior número possível de referências relativas à temática proposta no estudo.

## APÊNDICE B:

### ROTEIRO PARA O GRUPO FOCAL

- Boas vindas, agradecimentos e apresentação da pesquisa;
- Preenchimento da ficha com dados para caracterização dos participantes:
  - Idade
  - Sexo
  - Possui outra formação?
  - Realizou alguma atividade extracurricular em oncologia durante a graduação?
- Apresentação da dinâmica do grupo focal e pactuação das regras para o bom andamento do grupo;
- Leitura e assinatura do TCLE pelos participantes.

#### **Orientação:**

O mediador do grupo inicia a fala agradecendo a participação de todos e informando sobre:

- Os objetivos da pesquisa e suas contribuições;
- O sigilo de todo o material qualitativo coletado no grupo focal;
- O caráter voluntário da participação, cada fala será bem-vinda, a não existência de respostas “certas ou erradas”, regras de funcionamento do grupo, pedido de permissão para gravar as discussões e tomar notas que possam enriquecer a análise da pesquisa;
- Fazer apresentação da equipe e suas funções (mediador das discussões do grupo e observador)
  - Rodada de apresentação;
  - Perguntas provocadoras:
    - Como vocês percebem o ensino da oncologia na sua formação para atuar com a pessoa que tem câncer?
    - Na sua opinião, o curso fornece subsídios para você atuar junto a pessoa que tem câncer? Justifique sua opinião.
    - Como foi a experiência de vocês na atenção básica com relação a oncologia?
    - Lanche de confraternização

**ANEXOS**

## ANEXO 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
ALAGOAS



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** O ensino da oncologia no curso de graduação em enfermagem da Universidade Federal de Alagoas

**Pesquisador:** Regina Braga Costa

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 68009317.1.0000.5013

**Instituição Proponente:** Faculdade de Medicina da UFAL

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 2.212.631

**Apresentação do Projeto:**

O câncer é considerado um problema de saúde pública no mundo, principalmente nos países em desenvolvimento. Atualmente ocupa a segunda causa de morte por doença no Brasil, perdendo apenas para as doenças do aparelho circulatório. As estimativas para o biênio de 2016-2017 no Brasil são de 600 mil novos casos da doença (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2014). As Diretrizes Curriculares do Curso de Graduação em Enfermagem conduzem uma proposta de formação do enfermeiro generalista, porém capaz de conhecer e intervir sobre os problemas de saúde-doença mais prevalentes no perfil epidemiológico do país e da sua região de atuação (MEC, 2001). Para tanto, é necessário formar profissionais mais preparados para o controle do câncer nos diferentes níveis de atuação, tais como, na execução de ações de prevenção, promoção de saúde, detecção precoce, vigilância e na assistência ao paciente. Considerando esse novo cenário epidemiológico brasileiro, é fundamental que as Instituições de Ensino Superior repensem suas estratégias e prioridades para a formação de profissionais da saúde. Diante do exposto, surgem dois questionamentos do estudo: Como vem ocorrendo o ensino da oncologia no curso de graduação em enfermagem da UFAL? Como os graduandos de enfermagem percebem o ensino da oncologia na formação do enfermeiro para atuar com o cliente oncológico? Na intenção de responder a esses questionamentos, o objetivo desse estudo é analisar o ensino da oncologia no curso de graduação

**Endereço:** Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A. C. Simões,

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 57.072-900

**UF:** AL

**Município:** MACEIO

**Telefone:** (82)3214-1041

**E-mail:** comitedeeticaufal@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
ALAGOAS



Continuação do Parecer: 2.212.631

de enfermagem da Universidade Federal de Alagoas.

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

- Analisar o ensino da oncologia do curso de graduação em enfermagem da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Objetivo Secundário:

- Verificar como a temática da oncologia está inserida no PPP do curso de enfermagem da UFAL;
- Verificar os conteúdos programáticos teóricos e práticos de oncologia do curso de graduação em enfermagem da UFAL.
- Analisar a percepção dos graduandos de enfermagem sobre o ensino teórico e prático da oncologia do curso de graduação em enfermagem da UFAL.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

Esta pesquisa pode apresentar possíveis riscos de ordem física e mental, tais como: risco de cansaço, incômodo, preocupação ou medo de ser prejudicado pelos professores do curso caso as respostas não os agradem, constrangimento de se expressar em grupo, vergonha de confessar esquecimento sobre os assuntos questionados, constrangimento por não poder colaborar como gostaria. Desta forma, a pesquisadora adotará as seguintes medidas para minimizar ou evitar esses possíveis riscos: a realização do grupo focal acontecerá em sala reservada, ampla e tranquila, fora do horário e dos dias de estágio; será proporcionado um diálogo de forma a deixar os participantes confortáveis, será respeitado o momento de cada participante no grupo; os argumentos de todos os participantes serão ouvidos; será garantido o sigilo de toda a discussão ocorrida no grupo.

Benefícios:

Os benefícios da pesquisa, mesmo que de forma indireta, são: dar voz as angústias, inquietações e contentamentos dos graduandos de enfermagem no que se refere a abordagem da temática do câncer na graduação de enfermagem. Além disso, o estudo poderá contribuir para uma reflexão sobre a formação do enfermeiro diante do atual cenário epidemiológico do câncer no país e possíveis contribuições para o delineamento de conteúdos de atenção oncológica necessários à formação do enfermeiro.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Projeto interessante.

Endereço: Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A. C. Simões,  
Bairro: Cidade Universitária CEP: 57.072-900  
UF: AL Município: MACEIO

Telefone: (82)3214-1041

E-mail: comitedeeticaufal@gmail.com

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
ALAGOAS**



Continuação do Parecer: 2.212.631

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO;

TERMO\_AUTORIZACAO - Esenfar;

Projeto;

Declaração de Publicização;

TCLE;

Instrumento de coleta;

Dec. susp. da pesquisa;

Folha de rosto

**Recomendações:**

Corrigir na Declaração de Normas de Publicização dos resultados da pesquisa e no projeto (item 3.3) considerando a Resolução 510/16.

No projeto e no TCLE - refazer o cronograma; pois o CEP não se responsabiliza por coletas de dados realizadas antes do recebimento de aprovação.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O protocolo atende às exigências da Resolução 510/2016.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_907644.pdf	05/05/2017 15:10:25		Aceito
Outros	TERMO_AUTORIZACAO.pdf	05/05/2017 15:09:46	Regina Braga Costa	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_DETALHADO.docx	05/05/2017 15:08:01	Regina Braga Costa	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Dec_Public_Dest_Dados.pdf	05/05/2017 15:06:57	Regina Braga Costa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_corrigo.pdf	05/05/2017 15:04:53	Regina Braga Costa	Aceito
Outros	INSTRUMENTO_COLETA_ROTROIRO.docx	25/04/2017 18:19:56	Regina Braga Costa	Aceito

**Endereço:** Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A. C. Simões,

**Bairro:** Cidade Universitária **CEP:** 57.072-900

**UF:** AL **Município:** MACEIO

**Telefone:** (82)3214-1041

**E-mail:** comitedeeticaufal@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
ALAGOAS



Continuação do Parecer: 2.212.631

Declaração de Pesquisadores	Dec_Susp_Pesq.pdf	25/04/2017 18:14:12	Regina Braga Costa	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	25/04/2017 18:10:53	Regina Braga Costa	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

MACEIO, 10 de Agosto de 2017

---

**Assinado por:**  
**Luciana Santana**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A. C. Simões,

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 57.072-900

**UF:** AL

**Município:** MACEIO

**Telefone:** (82)3214-1041

**E-mail:** comitedeeticaufal@gmail.com

## ANEXO 2

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.E)

(Em 2 vias, firmado por cada participante voluntário(a) da pesquisa e pelo responsável)

*“O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe após o consentimento livre e esclarecido dos sujeitos, indivíduos ou grupos que por si e/ou por seus representantes legais manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.”*

Eu \_\_\_\_\_ tendo sido convidado(a) a participar como voluntário(a) do estudo: Protocolo de Pesquisa: **“O ENSINO DA ONCOLOGIA NO CURSO DE GRADUAÇÃO DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DE ALAGOAS”**, que será realizado na Universidade Federal de Alagoas (UFAL), situada em Maceió, recebi da Sra. Regina Braga Costa (mestranda e pesquisadora responsável) e da Prof<sup>a</sup> Dra. Célia Alves Rosendo (orientadora da pesquisa) as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- 1) Que o estudo se destina a Analisar e Discutir o ensino da oncologia na graduação de enfermagem da Universidade Federal de Alagoas a partir da percepção dos graduandos de enfermagem sobre a abordagem dessa temática durante sua formação.
- 2) Que a importância do estudo reside em investigar como vem ocorrendo o ensino da oncologia na graduação de enfermagem da UFAL, considerando que o câncer hoje é um problema de saúde pública, ocupando o segundo lugar entre as causas de morte por doença no país; considerando, também, o propósito delineado nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Enfermagem, na qual estabelece o perfil do profissional generalista, porém capaz de identificar e intervir nos problemas de saúde mais prevalentes no perfil epidemiológico do país e da sua região, no qual reflete a problemática do câncer. O estudo poderá favorecer a uma reflexão sobre a necessidade dessa temática para a formação de enfermeiros.
- 3) Que os resultados que se desejam alcançar são: Conhecer a percepção dos graduandos de enfermagem sobre o ensino da oncologia na formação do enfermeiro para atuar com a pessoa portadora de câncer, verificando como vem ocorrendo a abordagem dessa temática no curso de enfermagem da UFAL a partir das experiências vividas pelos graduandos. Os resultados da

pesquisa poderão proporcionar uma reflexão sobre a temática em questão e promover o delineamento de conteúdos de atenção oncológica necessários a formação do enfermeiro.

4) Que este estudo começará em abril de 2017 e terminará em abril de 2018.;

5) Que eu participarei do estudo da seguinte maneira: concedendo minha participação no grupo focal proposto pela pesquisadora, no local e data marcados. A pesquisadora fará primeiro uma conversa informal comigo, se apresentando, falando a respeito da pesquisa e respeitando a minha liberdade para fazer as perguntas que achar conveniente. Depois decidirei sobre minha participação, considerando o local e data pré-determinados, nesse momento será apresentado previamente a mim o aparelho eletrônico que será utilizado;

6) Que os possíveis riscos à minha saúde física e mental são: risco de me cansar, entediar ou me emocionar durante a entrevista, de me sentir incomodado, preocupado ou com medo de ser prejudicado pelos professores do curso caso as respostas não os agradem, de me sentir constrangido de me expressar em grupo, vergonha de confessar esquecimento sobre os assuntos questionados, constrangimento por não poder ajudar como gostaria;

7) Que os pesquisadores adotarão as seguintes medidas para minimizar os riscos: a pesquisadora realizará o grupo focal em local neutro, fora do horário e local de estágio, respeitará o meu momento no grupo, permitirá um ambiente e diálogo de forma a me sentir confortável, ouvirá meus argumentos; e terei a garantia de que os professores do curso ou qualquer outra pessoa não saberão o que respondi nas discussões em grupo.

8) Que os benefícios que deverei esperar com a minha participação, mesmo que não diretamente são: o sentimento de ter dado voz às minhas angústias, inquietações e contentamentos no que se refere ao ensino da oncologia na minha graduação. Falando sobre este assunto, por meio deste estudo, após a publicação dos resultados poderá haver alguma sensibilização que contribua para que a instituição de ensino em questão repense sobre a formação do enfermeiro diante do atual cenário epidemiológico do câncer no nosso país e possa favorecer com contribuições para uma reorganização dos conteúdos de oncologia necessários à formação do enfermeiro.

9) Que, sempre que desejar, serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo, que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer penalidade ou prejuízo;

10) Que as informações conseguidas através de minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto, com garantia do meu total anonimato;

11) Que o estudo não acarretará nenhuma despesa para mim enquanto participante da pesquisa nem me renderá nenhum tipo de remuneração.

12) Que eu serei indenizado por qualquer dano que venha a sofrer com a participação na pesquisa, podendo a reclamação ser encaminhada para o **Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas**. Os recursos necessários para este tipo de despesa serão de responsabilidade das pesquisadoras.

Finalmente, tendo eu compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e, estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em dela participar e, para tanto eu DOU O MEU CONSENTIMENTO SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.

**Endereço d(o,a) participante-voluntári(o,a)**

Domicílio: (rua, praça, conjunto):

Bloco: /Nº: /Complemento:

Bairro: /CEP/Cidade: /Telefone:

Ponto de referência:

**Contato de urgência:** Sr(a). Regina Braga Costa

Domicílio (rua, praça, conjunto): Rua Jornalista Noaldo Dantas, 50

Bloco: Quadra F /Complemento: Condomínio Bosque das Bromélias

Bairro: Serraria /CEP/ 57046-475 Cidade: Maceió Telefone: (82)3328-1503

Ponto de referência: Final da rua na esquina do Colégio Santíssimo Senhor

**Endereço dos responsáveis pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):**

Instituição: Universidade Federal de Alagoas

Endereço completo: Av. Lourival Melo Mota, s/n, Tabuleiro dos Martins, CEP:57072-900,

Maceió – AL. Complemento: Faculdade de Medicina – FAMED

Endereço de Regina Braga Costa - Rua Jornalista Noaldo Dantas, 50, Condomínio Bosque das Bromélias, Quadra F, Serraria, CEP 57046-475, Maceió/AL

Telefones p/contato: **Regina Braga Costa (82) 98114-1313**

**ATENÇÃO:** Para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo, dirija-se ao: **Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas**  
Prédio da Reitoria, sala do C.O.C. , Campus A. C. Simões, Cidade Universitária.  
Telefone: 3214-1041

Maceió, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 201\_\_.

(Assinatura ou impressão datiloscópica d(o,a) voluntári(o,a) ou responsável legal - Rubricar as demais folhas)	<hr/> <p>CÉLIA ALVES ROSENDO Orientadora – Pesquisadora</p> <hr/> <p>REGINA BRAGA COSTA Mestranda - Pesquisadora</p>

**ANEXO 3**

MINISTÉRIO DA SAÚDE  
INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER - INCa  
COORDENAÇÃO DE PROGRAMAS DE CONTROLE DO CÂNCER - PRO-ONCO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA  
DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM

**ENSINO DA CANCEROLOGIA NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO  
EM ENFERMAGEM**

## 1. FUNDAMENTOS

A análise de dados nosológicos e de mortalidade tem alertado para o problema que representa o câncer no Brasil. A par das transformações ocorridas no âmbito social, tecnológico e industrial com o aumento da sobrevida média do brasileiro, mudanças de hábitos e de atitudes, controle de doenças antes prevalentes e aumento do número de diagnósticos de câncer, observa-se um aumento relativo da mortalidade por câncer no País. Caso não sejam tomadas providências efetivas para a prevenção e controle das neoplasias malignas, o perfil de mortalidade por câncer não será modificado.

A incorporação de métodos científicos e de tecnologia avançada ao diagnóstico e terapêutica do câncer em nada modificou o coeficiente de mortalidade por esta patologia, nos últimos quarenta anos (1). Experiências de países desenvolvidos têm demonstrado que o controle do câncer pode ser obtido através de medidas de promoção da saúde, de prevenção e/ou de diagnóstico precoce, obtendo-se, neste último caso, alto grau de resolubilidade dos recursos terapêuticos.

Já se encontram bem definidas medidas para o controle dos fatores de risco e das lesões pré-malignas de tumores prevalentes no Brasil e, no entanto, são elas inadequadamente utilizadas. Métodos de execução simples e pouco onerosos podem ser suficientes para o diagnóstico precoce de determinadas neoplasias, cuja lesão inicial é passível de controle pela cirurgia e/ou radioterapia. Entretanto, os recursos atualmente disponíveis para o diagnóstico e terapêutica do câncer são utilizados, em grande parte, na doença em fase incurável, visando a sobrevida maior com melhor qualidade, benefício muitas vezes questionável, pela agressividade e custos dos procedimentos.

Estima-se que mais de 200.000 novos casos de câncer sejam diagnosticados anualmente no Brasil, no período de 1990 a 1995, e, considerando que o padrão atual de diagnóstico seja mantido, 70% destes casos serão tratados não com o objetivo da cura, mas da palição (2), visto o grande número de casos avançados e sem chances terapêuticas que chegam aos centros de tratamento especializado. Esta realidade expressa a ineficiência dos programas de controle do câncer no Brasil, pois as populações de risco não recebem os cuidados da prevenção e do diagnóstico precoce. Os próprios enfermeiros têm sido unânimes em reconhecer que não foram adequadamente preparados para desenvolver as ações de Enfermagem na área oncológica (3).

Grande parte dos enfermeiros desconhece que a maioria dos tumores malignos que incidem na população pode ser previsível, prevenida ou potencialmente curável, e desconhece, também, a relação entre o benefício e o custo da terapêutica oncológica quando aplicada a casos iniciais e avançados da doença.

Assim, por despreparo técnico-científico, o enfermeiro deixa de assumir o importante papel que lhe cabe nos programas de controle do câncer. O exercício da Enfermagem requer o contato direto e contínuo do profissional com a comunidade. Isso faz com que ele seja responsável por grande parte do êxito das ações de prevenção e controle.

2

Pesquisas efetuadas demonstram que os profissionais da saúde e alunos manifestam opiniões sobre o câncer que não são muito diferentes das expressas pelo público leigo, principalmente quanto à incurabilidade e indicação de terapêutica (4,5,6). As opiniões colhidas dos estudantes podem se modificar, quando o contato com os pacientes em ambulatório é iniciado nos primeiros anos do curso. Atitudes positivas são menos observadas nos estudantes que não frequentam os cursos de Cancerologia, o que é explicável pela ausência do contato com os "modelos de identificação".

Investir na educação em Cancerologia é estratégia fundamental para o controle do câncer. Compete às escolas de Enfermagem desenvolver mecanismos que superem os obstáculos ao ensino da matéria, procurando alcançar os objetivos de:

- 1) apresentar o câncer como um problema de saúde pública;
- 2) alertar para a necessidade da prevenção e diagnóstico precoce; e
- 3) criar no futuro enfermeiro as atitudes e habilidades necessárias ao bom desempenho profissional na assistência ao paciente oncológico.

## 2. SITUAÇÃO ATUAL DO ENSINO DA CANCEROLOGIA NAS ESCOLAS DE ENFERMAGEM NO BRASIL

Já vem de anos a preocupação do Ministério da Saúde em estimular a elaboração e a divulgação de diretrizes para os Currículos Mínimos dos Cursos de Graduação em Enfermagem (7), com o objetivo de adaptar as diretrizes da Resolução nº 4 do Conselho Federal de Educação (8) às necessidades atuais da assistência de enfermagem no Brasil.

Sem dúvida, a atualização curricular é necessária, considerando-se as reformas que se processam no setor da saúde e as distorções verificadas na prática da Enfermagem (9).

Em referência ao ensino da Cancerologia, as iniciativas tomaram impulso a partir do 1º Simpósio Brasileiro sobre Educação em Cancerologia (7), intensificando-se no 1º Congresso Brasileiro de Enfermagem em Cancerologia (10), cujas recomendações enfatizam a necessidade de implementar-se o ensino de Enfermagem em Cancerologia nos cursos de graduação e de formação de docentes. Em 1988, a Comissão Nacional para o Ensino da Oncologia nos Cursos de Graduação em Enfermagem, criada ao final do simpósio, e da qual participou a Campanha Nacional de Combate ao Câncer, do Ministério da Saúde, elaborou e divulgou uma proposta de ensino (11), que se constituiu na base do presente documento.

Naquele ano, a situação do ensino da Cancerologia nos cursos de graduação em Enfermagem só podia ser avaliada parcialmente, com base nos dados disponíveis (3,7). Embora variando em conteúdo programático, carga horária e relação entre as atividades práticas e teóricas, as escolas que incluíam a educação em câncer nos seus currículos caracterizavam-se, em sua maioria, por optarem pelo ensino multidisciplinar de patologias específicas. Era questionável a integração efetiva das disciplinas que programavam a matéria e pouca ênfase era dada à prevenção e controle do câncer.

Os principais empecilhos ao ensino da Cancerologia nas escolas de graduação em Enfermagem podiam ser resumidos em:

- a) inadequação dos programas no que respeita à prevenção, epidemiologia e saúde comunitária;
- b) maior preocupação com a abrangência e não com a aplicação do conhecimento;
- c) dificuldade em dispor o ensino da Cancerologia no currículo, dado o caráter multidisciplinar do seu conteúdo programático;
- d) organização administrativa da escola que não permitia a integração disciplinar;
- e) falta de articulação do ensino com o serviço;
- f) despreparo dos professores para o ensino da matéria; e
- g) indisponibilidade de material de didático.

A partir de 1990, o Ministério da Saúde, através da Campanha Nacional de Combate ao Câncer, associou-se ao Departamento de Enfermagem da Escola Paulista de Medicina, dando-se início à implantação de ações mais efetivas, na área da educação em cancerologia para enfermeiros (12,13). Em 1992, buscou-se levantar a situação atual do ensino da oncologia nos cursos de graduação em enfermagem e verificou-se que ele não mudou nos últimos 5 anos, e que as escolas de enfermagem, buscando adaptar o ensino à realidade epidemiológica do país, precisam reavaliar os seus programas de ensino, a fim de que os enfermeiros possam contribuir efetivamente para o controle do câncer no Brasil (14,15).

Visando a discutir e elaborar uma proposta atualizada para o ensino da oncologia, a ser enviada a todas as escolas de enfermagem do país, a partir da proposta original de 1988, o Instituto Nacional de Câncer e a Escola Paulista de Medicina, através, respectivamente, da Coordenação de Programas de Controle de Câncer - Pro-Onco e do Departamento de Enfermagem, fizeram realizar-se o SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE O ENSINO DA CANCEROLOGIA NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM, durante o qual se discutiu integralmente aquela proposta e se elaborou a nova proposta, ora apresentada (15).

### 3. PREPARAÇÃO GERAL DO ENFERMEIRO EM CANCEROLOGIA

Como parte integrante de um programa nacional de expansão da prevenção e controle do câncer, cujo objetivo principal é o de reduzir a morbidade e a mortalidade por esta patologia, e educação em Enfermagem, ao nível da graduação, deve participar com uma melhor formação geral do enfermeiro. Para tanto, é necessário dotá-lo dos conhecimentos, habilidades e atitudes indispensáveis à prática da Enfermagem em Cancerologia.

Se o câncer já representa a terceira causa isolada de morte no Brasil e a segunda em alguns Estados, é imperativo reconhecer-se que o ensino da Cancerologia deve ser incluído na preparação geral do enfermeiro. Capacitar o futuro enfermeiro para a abordagem adequada do adulto, da mulher e da criança, na área oncológica, e proporcionar bases educacionais para o planejamento e implantação de programas de prevenção e controle de neoplasias malignas prevalentes são os objetivos finais que a educação em cancerologia deve atingir, ao término do curso de graduação em Enfermagem.

4

As estratégias educacionais são estabelecidas quanto à definição de competências, seleção do conteúdo programático e respectiva distribuição curricular, métodos de ensino, e avaliação do rendimento acadêmico e do programa educativo.

### 3.1. Competências:

Ao final do curso de graduação, são habilidades e atitudes exigidas de um enfermeiro, com relação ao câncer:

- . identificação de fatores e grupos de risco, com vistas à participação em ações de educação comunitária;
- . atuação em programas de prevenção e detecção precoce;
- . identificação de sintomas e sinais sugestivos de lesões neoplásicas;
- . orientação e controle de indivíduos e/ou grupos de risco, visando a evitar os fatores de risco e minimizar os seus efeitos;
- . identificação e encaminhamento de pacientes com sintomas e sinais sugestivos de lesões neoplásicas;
- . coleta de material para exame preventivo ginecológico;
- . desenvolvimento de ações integradas com outros profissionais na avaliação diagnóstica, tratamento, reabilitação e acompanhamento de casos com ou sem doença em atividade, possibilitando o atendimento integral ao paciente e aos seus familiares;
- . assistência de enfermagem aos pacientes internados e aos seus familiares;
- . reconhecimento dos benefícios pessoais, sociais e econômicos do diagnóstico e do tratamento do câncer nas fases iniciais, comparativamente às fases avançadas da doença;
- . habilidade para lidar com situações de crise;
- . adoção de atitudes positivas que expressem a crença nas medidas preventivas e na cura da doença; e
- . identificação dos riscos ocupacionais relacionados à prática de enfermagem em oncologia.

### 3.2. Conteúdo Programático

Vários modelos de conteúdo programático podem ser elaborados. No presente trabalho, propõe-se a divisão em cinco módulos didáticos:

#### PREVENÇÃO E DETECÇÃO PRECOCE DO CÂNCER

- . Epidemiologia do Câncer
  - . Prevalência
  - . Incidência
  - . Mortalidade
  - . Fatores de Risco
  - . Vigilância Epidemiológica
- . Relação Benefício/Custo dos Procedimentos em Oncologia
- . Políticas de Saúde
- . A Organização do Sistema Regional de Saúde.
- . Assistência de Enfermagem na Prevenção, Detecção Precoce e Métodos de Avaliação Diagnóstica
  - . Métodos de Prevenção e Detecção
  - . Métodos de Avaliação Diagnóstica mais utilizados
- . Programas de Prevenção e Controle do Câncer em vigência no Brasil

#### FISIOPATOLOGIA DO CÂNCER

Carcinogênese física, química e biológica  
 Características biológicas e bioquímicas da célula tumoral.  
 Cinética tumoral  
 Morfologia e nomenclatura das alterações celulares tumorais e não tumorais. Neoplasias benignas e malignas  
 Imunologia tumoral. Relação tumor-hospedeiro. Mecanismos de invasão e disseminação.

#### ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM RELATIVA AOS CASOS DE CÂNCERES PREVALENTES NO ADULTO, CRIANÇA E ADOLESCENTE

- . No diagnóstico do câncer. Sistemas de estadiamento.
- . Nas modalidades terapêuticas (quimioterapia, radioterapia, imunoterapia, hormonioterapia e outras).
  - . Princípios dos Tratamentos
  - . Efeitos Colaterais dos Tratamentos
  - . Riscos Ocupacionais
  - . Relação Benefício/Custo dos Tratamentos
- . Nas complicações associadas ao câncer e síndromes paraneoplásicas.
  - . No controle da dor
  - . Na reabilitação física e psicossocial do paciente
  - . Ao paciente fora de possibilidades terapêuticas atuais e ao paciente terminal
    - . Aspectos psicológicos do câncer e suas implicações para o enfermeiro, pacientes e familiares
    - . Aspectos culturais e ético-legais relacionados com a assistência aos pacientes com câncer
    - . Enfoque multiprofissional na assistência ao paciente com câncer, inclusive quanto à revelação ou não do diagnóstico a ele e/ou aos seus familiares.

COMENTÁRIO: A ênfase deve ser dada ao estudo clínico dos cânceres prevalentes no adulto - tumores de cabeça e pescoço, tórax, trato gastrintestinal, tecidos moles, trato geniturinário, do sistema hemolinfopoético e ginecológicos - e da criança e adolescente - tumores dos sistemas hemolinfopoético e nervoso e tumores ósseos.

### 3.3. Distribuição Curricular

O conteúdo programático deve servir de base para a orientação do treinamento e não apenas como fonte de tópicos para aulas expositivas.

A distribuição do conteúdo deve respeitar a seqüência das matérias no currículo mínimo do curso de enfermagem, e deve também ser compatível com o currículo pleno da escola.

Sugere-se que 10% da carga horária para atividades teóricas e 10% da carga horária para atividades práticas das disciplinas específicas de enfermagem sejam destinadas ao ensino dos conteúdos de cancerologia pertinentes a cada disciplina.

### 3.4. Métodos de Ensino

O ensino da cancerologia integrado às demais áreas do conhecimento em Enfermagem é imprescindível, visto a natureza multidisciplinar da matéria, tanto em termos dos conhecimentos básicos co-

6

mo da prática. Ademais, é inadmissível que este ensino seja da responsabilidade de um único docente, numa disciplina isolada, pois isso resulta em simples transmissão de informações fragmentadas. Assinale-se, ainda, a necessidade de focar o câncer como um problema de saúde pública e de promover a atividade prática do estudante no decorrer do curso.

A qualificação geral do enfermeiro em Cancerologia representa um importante pré-requisito para que as ações de prevenção e diagnóstico precoce do câncer tornem-se viáveis, o que resultará na aplicação da terapêutica em casos iniciais.

O envolvimento de serviços especializados e docentes capacitados influi consideravelmente na qualidade do ensino e da aprendizagem e no desempenho do futuro enfermeiro.

Assim, para o ensino da Cancerologia efetuar-se de forma adequada e efetiva, é necessário, em resumo: atividade didática interdisciplinar, articulação da escola com os serviços e educação continuada de professores e do pessoal dos serviços.

Da concorrência destes três aspectos pode resultar um ensino aliado à prática e adequado ao perfil epidemiológico regional. A educação em Cancerologia representa excelente modelo, que pode ser aplicado e realizável em todos os níveis da assistência, desde as unidades primárias (prevenção e detecção) até os serviços especializados (tratamento, reabilitação e pesquisa) e, de permeio, os níveis que executam apenas o diagnóstico e encaminham os pacientes aos centros especializados, realidade encontrada na grande maioria dos hospitais de ensino do Brasil.

O treinamento em serviço deve constituir o método educativo de escolha. A ênfase deve ser dada ao câncer como um problema de saúde pública e aos meios pelos quais a prevenção e o diagnóstico precoce podem ser obtidos. Assim, a rede básica de serviços deve ser o local de treinamento preferencial, na qual sejam desenvolvidos programas de prevenção e detecção do câncer que utilizem os estudantes como agentes operacionais, sob a devida supervisão docente.

Dever-se-á manter a observância de carga horária maior dedicada às atividades práticas, que serão complementadas pelas informações dispostas no Conteúdo Programático.

O treinamento em Centros de Saúde deve incluir a pesquisa de dados clínico-epidemiológicos e a participação na implantação e avaliação dos programas de controle do câncer. Os Centros de Saúde devem estar integrados ao nível secundário do sistema e estes, aos centros oncológicos (hospitais especializados ou serviços de oncologia de hospitais gerais).

Insiste-se que o treinamento em serviço deve ter como base a vivência e análise de situações reais que relevem a importância da prevenção e do diagnóstico precoce para o controle do câncer.

### 3.5. Avaliação do Rendimento Acadêmico e do Programa Educativo

A avaliação do rendimento acadêmico, seja dos conhecimentos básicos adquiridos, seja do desempenho em serviço, compete às áreas pelas quais se distribuiu o ensino da Cancerologia, não devendo

7

se restringir aos procedimentos tradicionais de avaliação. As condições e os níveis do desempenho devem ser rigorosamente ajuizados e é importante que a avaliação seja feita de modo formativo e somativo.

Métodos criteriosos devem ser desenvolvidos também para a avaliação do programa e recomenda-se a utilização de parâmetros qualitativos e quantitativos e a inclusão da avaliação do mesmo pelos enfermeiros dos serviços em que se deu o treinamento.

Os dados obtidos devem ser utilizados como indicadores da qualidade dos parâmetros avaliados, apontando ou não a necessidade de intervenção nas estratégias educacionais aplicadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BRASIL - Ministério da Saúde, SNPES/DNDCCD. Controle das Doenças Não Transmissíveis no Brasil. Brasília, 1986.p.7.
2. CAMPANHA NACIONAL DE COMBATE AO CÂNCER e SOCIEDADE BRASILEIRA DE CANCEROLOGIA. Ensino da Cancerologia no Curso de Graduação em Medicina. Revista Brasileira de Cancerologia. 31(2): 174-176, 1985.
3. RODRIGUES, C.; QUEIROZ, I. A Situação Atual do Ensino da Enfermagem Oncológica nos Cursos de Graduação em Enfermagem do País. São Paulo, 1987. 10 p.(mimeo).
4. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Undergraduate Education in Cancer in the European Region - Report on a UICC/WHO Meeting, Geneve, 6-8 April, 1981. Euro Reports and Studies 49. Copenhagen, World Health Organization, 1981, pp.3-7.
5. MADDEN, R.E.; DORNBUSH, R.L. Attitudes of Medical Students and Faculty Toward Cancer. Journal of Cancer Education. 1(3): 177-181, 1986.
6. LEOVITS, A.H; CROEN, L.G.; GOETZEL, R.Z. Attitudes Toward Cancer. Cancer 54(6): 1124-1129, 1984.
7. BRASIL - Ministério da Saúde. SNPES/DNDCCD. Anais do I Simpósio Brasileiro sobre Educação em Cancerologia, realizado em Brasília - DF, de 16 a 18 de setembro de 1987.
8. BRASIL - Ministério da Educação e Cultura, Conselho Federal de Educação. Currículos Mínimos dos Cursos de Graduação. 4.ed. Brasília, 1981. pp.199-202.
9. CAPES - PAPS - ABEn - CEEEn - SESu/MEC. Proposta de Programa. Melhoria da Qualidade da Assistência de Enfermagem no Brasil. Brasília, 1987. 24 p.(mimeo).
10. SOCIEDADE DE ENFERMAGEM ONCOLÓGICA DO ESTADO DE SÃO PAULO e ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM - S.C. Anais do I Congresso Brasileiro de Enfermagem em Cancerologia, realizado em Florianópolis - S.C., de 08 a 12 de novembro de 1987.
11. BRASIL - Ministério da Saúde. SNPES/DNDCCD/CNCC/COMISSÃO NACIONAL PARA O ENSINO DA CANCEROLOGIA NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM. O Ensino da Cancerologia nos Cursos de Graduação em Enfermagem. Rio de Janeiro, 1988. 12 p.(mimeo).
12. MINISTÉRIO DA SAÚDE. INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA. Anais do Curso Básico de Oncologia para Enfermeiros, realizado em São Paulo, de 22 a 30 de novembro de 1990.
13. MINISTÉRIO DA SAÚDE. INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA/UNIÃO INTERNACIONAL CONTRA O CÂNCER. Anais do Curso de Oncologia para Enfermeiros Brasileiros, realizado em São Paulo, de 08 a 12 de abril de 1991.

14. RIVERO DE GUTIERREZ, M.G.; PIMENTA DE CASTRO, R.A.; AGUINAGA, S. O Ensino da Cancerologia nos Cursos de Graduação em Enfermagem: por que e para que? São Paulo, 1992. 18 p.(mimeo).

15. MINISTÉRIO DA SAÚDE. INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA. Anais do Seminário Nacional sobre o Ensino da Cancerologia nos Cursos de Graduação em Enfermagem, realizado em São Paulo, de 05 a 07 de agosto de 1992.

10

COLABORADORES

01. ADRIANA C. MARCON
02. ANA CLARA F. TIPPLE  
Fac. de Enf. e Nutr. da Univ. Federal de Goiás - GO
03. ANA LLONCH SABATES  
Depto. de Enfermagem - Escola Paulista de Medicina - SP
04. ANA MARIA CALIL SALLUM  
Fac. Integradas São Camilo - SP
05. ADARLUCE MATTA PERIOTTO  
Univ. Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" - SP
06. ANA MARIA DE ALMEIDA  
Escola de Enfermagem - USP - Ribeirão Preto - SP
07. AGOSTINHA SILVA  
Escola de Enf. "Wenceslau Braz" - MG
08. ANDREA GOMES DA COSTA  
Fac. de Enf. do Hospital Israelita Albert Einstein - SP
09. CIBELE ANDRUCIOLI DE MATOS PIMENTA  
Escola de Enfermagem da USP - SP
10. CLÉVESLEM RODRIGUES  
Fac. de Enf. do Hospital Israelita Albert Einstein - SP
11. CRISTIANA TANAKA  
Hospital São Paulo - Escola Paulista de Medicina - SP
12. DIRCE GUILHEM DE MATOS  
Depto. de Enf. - Faculdade de Saúde - Univ. de Brasília - DF
13. DIRCE SETSUKO TACAHASHI  
Depto. de Enfermagem - Centro de Ciências Médicas e Biológicas  
da Pontifícia Univ. Católica - SP
14. DIVA APARECIDA SILVA CHRISTIFOLLI  
Depto. de Enf. da Univ. Estadual de Londrina - PR
15. EDILSON SEBASTIÃO PIMENTEL  
Instituto Nacional de Câncer - RJ
16. EDMEIA DE SOUZA VIEIRA  
Escola de Enfermagem de Manaus - AM
17. EDNA DUARTE BISPO  
CORA - Centro Oncológico de Recuperação e Apoio - SP
18. ELISABETH PINTO MAGALHÃES DE ALMEIDA  
Hospital São Paulo - G.M.O. - Escola Paulista de Medicina - SP

19. ELOITA NEVES ARRUDA  
Sociedade Brasileira de Enfermagem Oncológica - SC
20. GLEDES BOTTER FASCINA  
Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia de Jahu - SP
21. IDA RODRIGUES PERRACINI  
CORA - Centro Oncológico de Recuperação e Apoio - SP
22. IVETE FOGAÇA CESAR  
Serviço de Oncologia Clínica da PUC - Sorocaba - SP
23. IVONE DE QUEIROZ  
Departamento de Enfermagem - Escola Paulista de Medicina - SP
24. IDA HAUNSS DE FREITAS XAVIER  
Escola de Enf. da Univ. Fed. do Rio Grande do Sul - RS
25. ISABEL RIBEIRO CEZARETI  
Departamento de Enfermagem - Escola Paulista de Medicina - SP
26. JOSETTE CRISTINA GOMES ANGELO  
Departamento de Enfermagem - Escola Paulista de Medicina - SP
27. LIZETE MALAGONI DE ALMEIDA CAVALCANTE OLIVEIRA  
Fac. de Enf. e Nutrição da Univ. Fed. de Goiás - GO
28. LUCILA AMARAL CARNEIRO VIANNA  
Departamento de Enfermagem - Escola Paulista de Medicina - SP
29. MARGARETH ANGELO  
Escola de Enfermagem da USP - SP
30. MARIA BEATRIZ PAOLIELLO PIMENTA GOMES  
Faculdade de Enfermagem da Univ. Fed. de Juiz de Fora - MG
31. MARIA DOLORES A. AFONSO  
Hospital do Servidor Público Estadual - SP
32. MARIA FERNANDA B. C. L. CAMPOS  
Hospital São Paulo - Escola Paulista de Medicina - SP
33. MARIA GABY RIVERO DE GUTIÉRREZ  
Departamento de Enfermagem - Escola Paulista de Medicina - SP
34. MARIA GERTRUDES GILIOLI  
Fundação Municipal de Ensino Superior de Marília - SP
35. MARIA INEZ PORDEUS GADELHA  
Pro-Onco - Instituto Nacional de Câncer - RJ
36. MARIA IVONE BARBOSA  
Depto. de Enfermagem - Univ. Fed. de São Carlos - SP
37. MARIA JOSÉ DELBOUX DIOGO  
Curso de Enf. da Fac. de Ciências Médicas da UNICAMP - SP
38. MARIA JOSÉ DA SILVA  
Instituto do Câncer Arnaldo Vieira Carvalho - SP

12

39. MARIA DE LOURDES CESTARI PIERUCCI  
Faculdade de Enfermagem - PUC Campinas - SP
40. MARIA NILDA V. DE CAMARGO  
Hospital São Paulo - Escola Paulista de Medicina - SP
41. MARIA TEREZA CÂNDIDO  
Faculdades Integradas São Camilo - SP
42. MARLI VILLELA MAMEDE  
Escola de Enfermagem - USP - Ribeirão Preto - SP
43. MARTA CARVALHO LOURES  
Universidade Católica de Goiás - GO
44. MYRIAM MARLY FERRETTI SANTIAGO  
Departamento de Enfermagem Basica - Esc. de Enf. da UFMG - MG
45. NOELI MARCHIORO L. A. FERREIRA  
Escola Paulista de Medicina - SP
46. OCTÁVIO MUNIZ DA COSTA VARGENS  
Fac. de Enf. da Univ. do Estado do Rio de Janeiro - RJ
47. ODETE GAZZI  
Hospital A. C. Camargo - Fund. Antonio Prudente - SP
48. REGINA APARECIDA GARCIA DE LIMA  
Escola de Enf. - USP - Ribeirão Preto - SP
49. ROSA APARECIDA PIMENTA DE CASTRO  
Depto. de Enfermagem - Escola Paulista de Medicina - SP
50. SANDRA LUCIA ARANTES  
Univ. Fed. do Mato Grosso do Sul - MS
51. SÍLVIA MARIA MOYSSI GAMALLO  
Hospital São Paulo - Escola Paulista de Medicina - SP
52. SONIA AURORA ALVES GROSSI  
Univ. do Sagrado Coração - SP
53. SÔNIA REGINA PEREIRA  
Depto. de Enfermagem - Escola Paulista de Medicina - SP
54. STELLA AGUINAGA  
Pro-Onco - Instituto Nacional de Câncer - RJ
55. SYLVIA SUELOTTO DIEGUES  
Hospital Alemão Oswaldo Cruz - SP
56. TANIA GONÇALVES LIMA  
Hospital Alemão Oswaldo Cruz - SP
57. TEREZINHA DE AGUIAR VIANA  
Depto. de Enfermagem - Escola Paulista de Medicina - SP

58. VALDINA MARINS PEREIRA  
Depto. de Enf. do Centro de Ciências Médicas e Biológicas  
PUC - Sorocaba - SP
59. VALQUÍRIA DE LOURDES MACHADO BIELLEMANN  
Fac. de Enf. e Obst. Universidade Federal de Pelotas - RS
60. VERA RADUNZ  
Depto. de Enfermagem - CGS - UFSC - SC
61. VERA VICTOR QUEIROZ  
Hospital de Clínicas da UFMG - MG
62. VIRGÍNIA MEIRIÑO GOMES  
Escola de Enfermagem de Manaus - AM
63. SELMA MONTOSA DA FONSECA  
Hospital São Paulo - Escola Paulista de Medicina - SP

## ANEXO 4

### MÓDULO I Magnitude do Problema do Câncer no Brasil

#### Competência:

Identificar a magnitude do problema do câncer no Brasil, caracterizando seus determinantes econômicos e sociais.

#### Conteúdo Programático:

- aumento da expectativa de vida;
- influência dos fatores de urbanização e industrialização, gerandomudanças nos hábitos de vida;
- ação dos avanços tecnológicos no setor de saúde, favorecendo o diagnóstico precoce e o tratamento do câncer;
- impacto econômico-social relacionado ao custo-benefício do tratamento oncológico.

#### Competência:

Identificar o perfil epidemiológico do câncer no Brasil.

#### Conteúdo Programático:

- epidemiologia do câncer (incidência, prevalência, mortalidade);
- estimativa de incidência e mortalidade dos cânceres prevalentes (adulto, criança e adolescente);
- tipos de registros de câncer:
  - Registro de Câncer de Base Populacional (RCBP);
  - Registro Hospitalar de Câncer (RHC).

### MÓDULO II Estudo das Neoplasias e a Suspeita Diagnóstica

#### Competência:

Identificar as bases da carcinogênese e a fisiopatologia do câncer.

#### Conteúdo Programático:

- carcinogênese física, química e biológica;
- características biológicas e bioquímicas da célula tumoral;
- cinética tumoral;
- morfologia e nomenclatura das alterações celulares tumorais e não tumorais;
- neoplasias benignas e malignas;
- imunologia tumoral, relação tumor-hospedeiro e mecanismos de invasão e disseminação;
- conceito de hiperplasia, metaplasia e displasia.

### MÓDULO III

#### Prevenção Primária e Detecção Precoce do Câncer

**Competência:**

Identificar os fatores e grupos de risco associados ao câncer para participar de ações de educação comunitária, orientando e controlando indivíduos e/ou grupos de risco.

**Conteúdo Programático:**

- tabagismo;
- alcoolismo;
- hábitos alimentares;
- comportamento sexual de risco;
- medicamentos;
- radiações;
- agentes infecciosos e parasitários;
- fatores hereditários, familiares e éticos;
- fatores ocupacionais e ambientais;
- fatores hormonais e reprodutivos.

**Competência:**

Desenvolver ações de enfermagem nos programas de prevenção e detecção precoce do câncer, identificando e encaminhando pacientes com sintomas e sinais sugestivos de lesões neoplásicas.

**Conteúdo Programático:**

- métodos de prevenção e detecção precoce;
- métodos de avaliação diagnóstica;
- aspectos educativos na prevenção do câncer;
- importância do auto-exame de pele, de boca, de mama e dos testículos;
- realizar ou encaminhar pacientes para os exames clínicos de próstata e ginecológico, com ênfase no exame clínico de mama e na coleta do Papanicolaou.

**Competência:**

Reconhecer os benefícios pessoais, sociais e econômicos do diagnóstico e do tratamento do câncer nas fases iniciais, comparativamente às fases avançadas da doença, adotando atitudes positivas que expressem a crença nas medidas preventivas e na cura da doença.

**Conteúdo Programático:**

- papel do enfermeiro no controle do câncer;
- preconceitos com relação à doença;
- relação benefício/custo dos procedimentos em oncologia.

**MÓDULO IV****Assistência de Enfermagem a Pacientes Ambulatoriais e Internados para Diagnóstico e Tratamento do Câncer****Competência:**

Prestar assistência de Enfermagem a pacientes com cânceres prevalentes (adulto, criança e adolescentes), desenvolvendo ações integradas com outros profissionais na avaliação diagnóstica, tratamento, reabilitação e acompanhamento de casos com ou sem doença em atividade, possibilitando o atendimento integral ao paciente e seus familiares.

**Conteúdo Programático:**

- diagnóstico do câncer;
- sistema de atendimento;
- preparo para exames complementares;
- modalidades terapêuticas (cirurgia, quimioterapia, imunoterapia, hormonioterapia e terapêuticas combinadas);
- princípios de tratamentos;
- efeitos colaterais dos tratamentos;
- relação benefício/custo dos tratamentos;
- complicações associadas ao câncer e síndromes paraneoplásicas;
- reabilitação física e psicossocial do paciente;
- aspectos psicológicos do câncer e suas implicações para o enfermeiro, pacientes e familiares;
- aspectos culturais e ético-legais relacionados com a assistência aos pacientes com câncer;
- enfoque multiprofissional na assistência ao paciente com câncer, inclusive quanto à revelação ou não do diagnóstico a ele e /ou aos seus familiares;
- paciente fora das possibilidades terapêuticas atuais e paciente em fase terminal.

**Competência:**

Assistir pacientes em situações de crise, desenvolvendo habilidades para empregar nestas ocasiões.

**Conteúdo Programático:**

- o alívio da dor;
- suporte terapêutico oncológico;
- enfrentando a morte do paciente.

**Competência:**

Identificar os riscos ocupacionais relacionados à prática de enfermagem em oncologia.

**Conteúdo Programático:**

Medidas de proteção em quimioterapia, discutindo as normas de segurança relativas a:

- preparo de citostáticos;
- administração de citostáticos;
- uso de equipamentos descartáveis, frascos e ampolas;
- contaminação ambiental e pessoal;
- manuseio de pacientes;
- cuidados pessoais;
- medidas de proteção em radioterapia (radioproteção e proteção e dosimetria).

**MÓDULO V****Políticas de Controle do Câncer no Brasil****Competência:**

Identificar as políticas de controle do câncer no Brasil e o papel do INCA/MS como referência nacional.

**Conteúdo Programático:**

- Políticas de Saúde;
- a organização do sistema regional de saúde;
- Programa Nacional de Controle do Câncer;
- o INCA como referência nacional.